

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

ALEX ANDRADE DE PAULA E SILVA

**A voz verbal em kimbundu**

Versão original

São Paulo

2020

ALEX ANDRADE DE PAULA E SILVA

# A voz verbal em kimbundu

Versão original

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Esmeralda Vailati Negrão

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S586v Silva, Alex Andrade de Paula e  
A voz verbal em kimbundu / Alex Andrade de Paula  
e Silva; orientadora Esmeralda Vailati Negrão - São  
Paulo, 2020.  
122 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Linguística. Área de  
concentração: Semiótica e Linguística Geral.

1. Voz passiva. 2. Voz média. 3. Kimbundu. 4.  
Língua bantu. I. Negrão, Esmeralda Vailati, orient.  
II. Título.

*Ao meu avô Dalmo de Paula e Silva (in memoriam) que, mesmo diante de tantas limitações, ofereceu-me a oportunidade de estudar. À Roberta Astolfi, minha companheira de vida, que desde 2014 me escuta falar (ainda com interesse) sobre a voz verbal em kimbundu. Aos kambas angolanos que fiz nesta caminhada, especialmente ao Miguel Lubwatu e ao Mario Pereira. Sem eles esta pesquisa não teria começado.*

## **Agradecimentos**

Sempre desconfiei dos agradecimentos no início das dissertações e teses. A minha timidez, somada à dificuldade em pedir ajuda, talvez tenha moldado a minha interpretação deste gesto. No entanto, de tudo o que aprendi neste último ano de mestrado, atravessado pela imobilidade provocada pela pandemia, foi compreender o valor da ajuda.

Em primeiro lugar, fui ajudado pela minha orientadora, professora Esmeralda Vailati Negrão, que jamais me deixou desassistido. Nenhuma mensagem, ligação ou e-mail ficaram sem resposta. Com ela, aprendi a ler e escrever melhor, interpretar dados linguísticos e, sobretudo, questionar. Se há erros de análise nesta dissertação, todos são de minha inteira responsabilidade.

Também sou grato aos meus colegas do grupo de pesquisa, Wellington Santos da Silva, Rodrigo Madrid, Gabriella Oliveira, Rosana Rogeri e Suelen Aparecida Pereira. A proximidade com o Wellington e o Rodrigo, levou-nos para lá de Marrakech. À Aline Benevides (*in memoriam*) agradeço a (breve) convivência cativante. Relembro com alegria dos colegas do Projeto Libolo, Igor Assunção, Ingrid Silva, Maria Luiza Dias, Mary Ellen Cruz e Niyi Tokunbo. Passamos horas a fio tentando transcrever dados e segmentar morfemas do kimbundu. Agradeço à professora Margarida Taddoni Petter que coordenou o Projeto Libolo e à Evani Viotti que fez o convite para que eu participasse deste grupo. Agradeço aos professores com quem fiz disciplinas e especialmente pela banca de qualificação: professores Alexander Yao Cobbinah e Benivaldo José de Araújo Júnior. Agradeço os meus colegas de departamento, especialmente Rodrigo Aparecido S. Souza. Também me ajudaram a Erica Flávia e Robson Dantas, funcionários do Departamento de Linguística cujo auxílio foi inestimável.

Fui muito ajudado por pesquisadores e professores de Angola. Ao professor da Universidade Agostinho Neto e diretor do Instituto de Línguas Nacionais (ILN), José Domingos Pedro, que abriu diversas portas para mim em Luanda, muito obrigado. Não posso esquecer nestes agradecimentos do professor do Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda, Zavoni Ntondo, que sempre esteve aberto para dividir o seu conhecimento sobre as línguas angolanas. Agradeço ainda aos pesquisadores Mateus Chicumba e Virgílio Coelho, que partilharam suas produções académicas. Não esqueço de Benedito Quessongo, Pascoal Baptistiny, Domingos Massona, José Luis Mendonça, Ezequiel Pedro José Bernardo e Domingos Balumuka com quem travei contato e estabeleci relações. Tornei-me amigo de Mario Pereiro e Miguel Lubwatu a quem devo

o aprendizado da língua. Espero em alguma medida retribuir o conhecimento que partilharam comigo.

Agradeço aos colegas que fiz mundo afora por intermédio da pesquisa. As contribuições que recebi contradisse o que muitas vezes ouvi sobre arrogância e competitividade acadêmica. Sou grato ao acolhimento dos colegas da Humboldt-Universität zu Berlin, particularmente aos pesquisadores e professores Christfried Naumann, Ines Fiedler, Samuel Coghe e Tom Gueldemann. Os comentários de Sebastian Dom, da University of Gothenburg, foram fundamentais para a minha compreensão sobre a voz média em bantu. O professor Ken Safir, da Rutgers University, foi extremamente generoso ao comentar meu trabalho e partilhar os questionários do *Afranaph Project* para elicitarmos dados complementares para a pesquisa. À minha colega, professora Olga Kharytonava, da Western University, agradeço por partilhar dados e ser solidária diante das dificuldades de descrever o kimbundu.

Também sou grato à ajuda da minha família: minha mãe Maria, meus irmãos Thiago e Rafael que se resignaram com a falta de atenção dos meses que precederam o depósito e aceitaram pacientemente o meu isolamento. Especialmente, agradeço ao meu pai, que mesmo sofrendo e com dores, aquietou-se para que eu conseguisse trabalhar nos últimos meses sem me sentir pressionado ou culpado pela ausência. Aos meus sobrinhos, Giovanna, Catharina, Miguel, Manu e Isaque, agradeço pelas mensagens, áudios e chamadas que me trouxeram alegria quando menos imaginava.

Agradeço a Roberta Astolfi, que acreditou, possivelmente mais do que eu mesmo, que conseguiria terminar esta caminhada. Ainda que não tenha realizado um grande feito, chegar até aqui me trouxe alegria.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pela bolsa recebida entre 02/2018 e 01/2020 - Processo 130268/2018-6.

## **Resumo**

O principal objetivo deste trabalho é descrever o funcionamento da voz passiva e média em kimbundu, reconhecer os morfemas que as compõem e a sua distribuição. Utilizamos dados linguísticos de natureza escrita e oral extraídos de gramáticas missionárias e descritivas, crônicas, narrativas orais e dados elicitados. Utilizamos o método descritivo como instrumento analítico.

Palavras-chaves: kimbundu, voz passiva, voz média, língua bantu

## **Abstract**

The main objective of this work is to describe the functioning of passive and middle voices in Kimbundu, to recognize the morphemes that compose them and their distribution. We used linguistic data of written and oral texts extracted from missionary and descriptive grammars, chronicles, oral narratives and elicited data. We used the descriptive method as an analytical tool.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ADV – advérbio

APPL – aplicativo

ASS – associativo/recíproco

ATTR – atributivo

AUG – aumento

CAUS - causativo

CONJ – conjunção

DEM - demonstrativo

DET – determinante

GER - gerúndio

INF - infinitivo

IPFV – imperfectivo

NG – negação

NT – neutro

MO – marca de objeto

MS – marca de sujeito

PART – particípio

PFV – perfectivo

PST – passado

POST – posicional/estativo

PRS – presente

PREP – preposição

PRO - pronome

PSS – possessivo

RFX - reflexivo

REL – relativo

REV - reversivo



## LISTAS DE FIGURAS, MAPAS, QUADROS E TABELA

Figura 1 - O pesquisador e consultor Miguel Lubwatu coletando dados linguísticos de eventos recíprocos.....	36
Figura 2- Frame de um dos vídeos durante a elicitaco de sentenas recíprocas.....	36
Mapa 1 -Mapa Etnolinguístico de Angola. In: Fernandes, J.; Ntondo, Z. (2002).....	16
Mapa 2 - Elaborao prpria a partir de Boesten & Mudeke (2011).....	82
Quadro 1 Adaptado do quadro Etnolinguístico (Redinha, 1962).....	15
Quadro 2 - Estrutura do Verbo em Bantu - Nurse & Devos (2019).....	40
Quadro 3 - Adaptado de Nurse (2008) e Nurse & Devos (2019).....	41
Quadro 4 - Adaptado de Pedro (1993, p. 239).....	42
Quadro 5 - Resumo das ocorrncias do presente em kimbundu. ....	51
Quadro 6 - Quadro de alterao de contextos. Adaptado de "Tense and Aspect in African Languages" .....	54
Quadro 7 - Formas verbais e extenses verbais em kimbundu. Adaptado de Baio (1946).....	67
Quadro 8 - Quadro das Marcas Nominais e Prefixos Concordantes (Extraído de Bonvini, 1996) .....	69
Quadro 9 - Quadro de distribuo de morfemas verbais indicados pela posio no verbo (Extraído de Pedro, 1993) .....	69
Tabela 1 - Porcentagem de LÍnguas por perÍodo .....	14
Tabela 2 - Distribuo do kimbundu por provÍncias .....	18

# SUMÁRIO

1. Introdução .....	10
1.1 Apresentação .....	10
1.2 Organização da dissertação: .....	10
2. As línguas angolanas e o kimbundu .....	12
2.1 As línguas angolanas .....	12
3. Metodologia e Organização dos Dados .....	20
3.1 Problemas .....	20
3.2 Fontes .....	25
4. A morfologia verbal em kimbundu .....	39
4.1 O verbo em kimbundu .....	39
4.2 Quadros das marcas nominais, concordâncias e formas verbais .....	67
5. A voz passiva em kimbundu .....	70
5.1 A voz passiva em bantu .....	70
5.2 As passivas pessoais nas línguas bantu .....	72
5.3 As passivas impessoais em bantu .....	78
6. A voz média em kimbundu .....	89
6.1 As construções médias em bantu .....	89
7. Conclusão .....	117
7. Bibliografia .....	120

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Apresentação

O nosso objetivo nesta dissertação é analisar as vozes verbais não-ativas em kimbundu: a voz passiva e a voz média. A nossa intenção é compreender o funcionamento desse sistema de voz considerando dados linguísticos de natureza escrita e oral extraídos de gramáticas missionárias e descritivas, crônicas publicadas no Jornal Angolano de Artes e Letras, narrativas orais de onze informantes residentes no município de Kalandula, província de Malanje e sentenças elicítadas de falantes L1 de kimbundu. Sabemos que realizar o trabalho de campo seria a ferramenta mais adequada para construir um *corpus* e realizar análises mais consistentes. No entanto, faltou-nos esta oportunidade. Diante deste impasse, contamos com a colaboração do pesquisador Miguel Lubwatu, falante L1 de kimbundu e aluno de mestrado da Universidade Agostinho Neto/Angola, que nos ajudou na coletar e analisar as sentenças. O escritor Mario Pereira, também falante L1 de kimbundu, ajudou-nos nos primeiros passos.

A aparente unidade territorial, identitária e linguística de Angola, escamoteia um quadro complexo e revela a dificuldade de trabalhar com dados em uma perspectiva diacrônica, porque sequer há consenso sobre dialetos e limites geográficos que separam os falantes de kimbundu em Angola. Por essa razão, decidimos analisar os dados linguísticos a partir de recortes temporais utilizando o método descritivo como instrumento analítico. Compreendemos a descrição como o mecanismo de análise baseado na observação de padrões que possibilitam identificar os componentes e os princípios subjacentes do sistema linguístico analisado (François & Ponsonnet, 2013).

A partir da observação e categorizações das estruturas, aproximaremos nossas hipóteses sobre o funcionamento do sistema de voz do kimbundu da tipologia de Dom, Kulikov & Bostoen (2016). Desta forma, contribuímos para ampliar a compreensão do funcionamento do sistema de voz não ativa das línguas bantus constituído por um conjunto de morfemas derivativos que desafiam modelos teóricos e conceitos referentes à voz passiva e média.

## 1.2 Organização da dissertação:

Esta dissertação foi dividida em mais seis capítulos:

Capítulo 2 – As línguas angolanas e o kimbundu - Apresentamos informações demográficas e linguísticas de Angola extraídas do Censo 2014, do Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População 2011 e do Censo 1960. Discutimos dados estatísticos e apresentamos a dinâmica dos movimentos populacionais dos falantes de kimbundu.

Capítulo 3 – Metodologia e organização dos dados - Enumeremos os materiais que utilizamos na dissertação e os problematizamos, sobretudo indicando os nossos limites de análise. Externamos as dificuldades encontradas na eliciação dos dados, definição de glosas<sup>1</sup> e na tradução das sentenças para o português brasileiro. Justificamos as razões que nos levaram a optar por uma análise sincrônica.

Capítulo 4 – A morfologia verbal do kimbundu - Descrevemos as características da morfologia verbal em kimbundu que julgamos pertinentes ao nosso trabalho (tempo, modo, aspecto, posição das marcas de sujeito e objeto, extensões verbais e o morfema reflexivo). Indicamos a forma e a composição silábica do radical do verbo e destacamos aspectos da transitividade verbal.

Capítulo 5 – A voz passiva nas línguas bantu e no kimbundu - Apresentamos as formas de passivização em kimbundu em perspectiva com outras estratégias de formação de passivas de outras línguas do grupo bantu. “particípio passado” (Chatelain, 1889-90) e destacamos as inversões de constituintes sem marcação morfológicas que recebem interpretação passiva.

Capítulo 6 – A voz média nas línguas bantus e no kimbundu: Realizamos a primeira análise da voz média em kimbundu. Apresentamos os morfemas de formação das construções médias, sua forma de afixação e a categoria semântica dos verbos utilizados. Ressaltamos o caráter polissêmico dos morfemas derivativos e da marca reflexiva.

Capítulo 7 – Conclusão – Apresentamos os resultados das análises sobre a voz passiva e média em kimbundu

---

<sup>1</sup> Utilizaremos as convenções de glosas estabelecidas por Bernard Comrie, Martin Haspelmath e Balthasar Bicker no documento “The Leipzig Glossing Rule”, desenvolvido conjuntamente pelos Departamento de Linguística do Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology e pelo Departamento de Linguística da University of Leipzig.

## 2. AS LÍNGUAS ANGOLANAS E O KIMBUNDU

### 2.1 As línguas angolanas

Nesta seção, colocamos em perspectiva informações demográficas e linguísticas de Angola extraídas do Censo 2014, do Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População 2011 e do Censo 1960<sup>2</sup>. Antes de analisarmos alguns resultados, ressaltamos que o Censo 2014 foi considerado ‘bom’ pelos padrões da ONU. Houve omissão de 5,6% e taxa de cobertura de 94,4%. Historicamente, as tentativas de contagem da população de Angola tiveram início no século XVIII durante o governo de D. António de Lencastre e se prolongam por meio de constantes tentativas que passaram por contagens populacionais com falhas de cobertura e inquéritos setoriais para suprir a ausência de investigações censitárias. Apenas em 1940, o governo angolano empreendeu o primeiro censo demográfico. Depois disso, novas pesquisas censitárias foram realizadas nos anos de 1950, 1960 e 1970 (Antunes, 2014). Em razão do agravamento da crise interna provocada pelas guerras de independência e posteriormente pela longa guerra civil que afetou todo o país, o governo voltou a empreender uma investigação no ano de 2014.

Apesar de utilizados frequentemente, os dados demográficos e linguísticos publicados no site Ethnologue não serão apresentados em nosso trabalho. Trata-se de informações geradas a partir de dados não oficiais e sem possibilidade de checagem. No relatório *Ethnologue: Languages of Angola* (Lewis, Simons & Fennig, 2015) as informações do número e distribuição geográfica de falantes são referenciadas pelo World Factbook (2012). Nesse documento, o número de falantes de kimbundu chega a 4.000.000. A discrepância entre os dados do World Factbook (2012) e os dados do Censo 2014 são de aproximadamente 2.000.000 de falantes. Em alguns casos, notamos que o site utiliza dados do guia de orações *Operation World* (Johnstone & Mandryk, 2008). As informações sobre os grupos étnicos e línguas do *Operation World*, que também são utilizadas no Ethnologue, pertencem à World Christian Encyclopedia (2001) e não são passíveis de verificação. Por essa razão, privilegiamos os dados oficiais. Os números de falantes indicados nas pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas em Angola pelo SIL International (2002, 2016, 2017a, 2017b e 2018), gestor do banco de dados Ethnologue, são limitados a pequenas comunidades de fala sem qualquer pretensão nacional.

---

<sup>2</sup> As informações linguísticas de Angola foram coletadas apenas por meio desses três instrumentos oficiais. Não há qualquer outra fonte de informação baseada em coletas de dados com cobertura nacional.

O Censo de 2014 estabeleceu onze línguas como objeto de investigação (português, umbundo, kimbundu, kikongo, chokwe, nganguela, nhaneca, fiote, kwanhama, luvale e muhumbi). Nesse grupo de línguas, o português é considerado a língua oficial do país já as outras línguas são reconhecidas como línguas nacionais<sup>3</sup>. O espaço reservado no questionário do Censo 2014 para “outras línguas” ficou limitado apenas a um código genérico e não à declaração do nome das línguas. Portanto, não é possível sabermos quais são as outras línguas faladas em Angola, sobretudo as línguas que estão em áreas de alto contato linguístico como nas fronteiras do país com a Namíbia, a Zâmbia, a República Democrática do Congo e a República do Congo ou línguas não-bantu. Destacamos também que de acordo com o Censo 2014, 9.020.404 de angolanos falam mais de duas línguas em casa. No entanto, não é possível identificar quais são línguas específicas faladas por esse grupo de falantes. Esta ausência é significativa porque pouco menos de 35% da população fala mais de uma língua em casa.

A preocupação com as línguas nacionais não é algo novo na história de Angola. Ainda na década de 1970, decidiu-se que seis línguas seriam categorizadas como pertencentes ao grupo das línguas nacionais: o umbundo, o kimbundu, o kikongo, o cokwe, o mbunda-ngangela e o ovakwanyama. Em 2019, iniciou-se um amplo debate sobre os conceitos de línguas nacionais, línguas angolanas de origem africana e línguas de angola, além do estatuto dessas línguas e sobre quais deveriam pertencer à categoria. Parte das discussões recaíram sobre o papel no Instituto Nacional das Línguas (INL) e suas atribuições diante do complexo cenário de distribuição das línguas no país. A discussão sobre o papel do INL é relevante dado que há uma pressão para que suas ações recaiam apenas sobre as línguas nacionais e não a todas as línguas faladas em Angola.

Na tabela abaixo apresentamos a porcentagem de falantes das línguas nacionais angolanas nos anos de 1960, 2011 e 2014. Percebe-se que em cada um dos levantamentos encontramos diferentes opções de línguas nos questionários censitários, exceto pela coocorrência das línguas umbundo, kikongo, kimbundu, ngangela, nhaneca e kwanhama. Pensamos que essas línguas ocupam lugar de prestígio em Angola não apenas pelo número de falantes, mas pela força política e cultural dos grupos que as representam.

---

<sup>3</sup> Notamos que as “línguas nacionais” são prestigiadas pelo poder público, o que significa tentativas de uniformização ortográfica, a elaboração de materiais de ensino e a implementação de cursos bilíngues nas escolas garantidos pela *Lei de Bases do Sistema de Educação* (2001).

Língua	Censo 1960	IBEP 2011	Censo 2014
<b>Português</b>	sem informação	82,8%	71,15%
<b>Umbundu</b>	38,3%	28,7%	22,96
<b>Kikongo/Ukongo</b>	13,6%	8,7%	8,24%
<b>Kimbundu</b>	23,1	9,5%	7,82%
<b>Chokwe/Kioko</b>	sem informação	7,4%	6,54%
<b>Nganguela</b>	7,2%	3,4%	3,11%
<b>Nhaneca</b>	3,0%	2,3%	3,42%
<b>Fiote</b>	sem informação	1,8%	2,39%
<b>Kwanhama</b>	2,5%	1,5%	2,26%
<b>Muhumbi</b>	2,5%	sem informação	2,12%
<b>Luvale</b>	sem informação	0,9%	1,04%
<b>Lunda-Kioko</b>	8,7%	sem informação	sem informação
<b>Herero</b>	0,4%	sem informação	sem informação
<b>Vindonga</b>	0,3%	sem informação	sem informação
<b>Grupo Khoisan Hotentote Buchimane</b>	0,2%	sem informação	sem informação
<b>Kimbari</b>	0,08%	sem informação	sem informação
<b>Grupo Vátwa</b>	0,03%	sem informação	sem informação
<b>Outras línguas nacionais</b>	0,03%	8,8%	3,6%

*Tabela 1 - Porcentagem de Línguas por período*

Acreditamos que o critério utilizado na definição das línguas que fizeram parte do Censo de 1960 foi etnolinguístico. Pensamos que isso ocorreu, porque a opção pelas línguas investigadas é muito próxima da divisão dos grupos que o etnólogo José Redinha elaborou em *Os povos de Angola e suas culturas* (ver *Quadro 1*). No *Mapa Etnolinguístico de Angola* de 1988, baseado no Censo de 1960, notamos uma interiorização pequena de “europeus e mestiços” em direção às províncias no leste do país. Se fizermos uma comparação com o mapa linguístico de 2017, veremos poucas diferenças em relação ao quadro traçado no mapa de 1988. Destaca-se a ausência de “europeus e mestiços” no mapa atual, possivelmente em razão do espraiamento do português como língua oficial e do aumento considerável do número de falantes de português angolano.

<b>Grupo Étnico Hotentote-Bosquímano (Não-Negro e não-Banto)</b>	“O Grupo Étnico Hotentote-Bosquímano tem sido repartido por dois agrupamentos principais: Mucuancalas e Cassequeles, ou Bosquímanos amarelos; Cazamas ou Vazamas, ou Bosquímanos Negros”
<b>Grupo Étnico Vátua ou pré-Bantu</b>	“O Grupo Étnico Vátua ou pré-Bantu é formado por Cuissis e Cuepes — algumas vezes englobados na designação Curocas, derivada do Rio Curoca, cujas margens habitam”
<b>Grupo Étnico Banto</b>	“[...] por grande diferença, a etnia demograficamente mais importante, e que a sua distribuição territorial abrange a

	<p>totalidade da Província. Apresenta também em relação aos Koisian e aos Vátua, um estágio cultural mais avançado. "</p> <p>Grupo Etnolinguístico Quicongo (Kikongu ou Conguês)</p> <p>Grupo Etnolinguístico Kimbundu (Kimbundu ou Tymbundu)</p> <p>Grupo Etnolinguístico Lunda-Quicoco (Lunda-Kioco ou Lunda-Tshokwe)</p> <p>Grupo Etnolinguístico Umbundo (ou Ovimbundu)</p> <p>Grupo Etnolinguístico Ganguela (ou Ngangela)</p> <p>Grupo Etnolinguístico Nhaneca-Humbe (ou Nyaneka-Lumkumbi)</p> <p>Grupo Etnolinguístico Ambó (ou Vaambo também designado Xikwanyama)</p> <p>Grupo Etnolinguístico Herero (ou Tjiherero)</p> <p>Grupo Etnolinguístico Xindonga (ou Oshindonga)</p>
<b>Grupo Étnico Europeu</b>	<p>Portugueses Metropolitanos: Mindele, Ndele, Chindere e Muquelengue</p> <p>Portugueses Atlânticos</p> <p>Luso descendentes ou euro-africanos</p>

*Quadro 1 Adaptado do quadro Etnolinguístico (Redinha, 1962)*

As divisões arbitrárias do território africano, que deixaram povos e grupos idênticos em lados opostos tanto de fronteira internas quanto externas, escondem comunidades de fala que ultrapassam bordas geopolíticas. Por esta razão, sabemos que os dados de distribuição linguística devem ser analisados com cautela, levando em consideração unidades políticas menores como províncias, cidades e comunas. No caso particular de Angola, movimentos migratórios resultantes da longa guerra civil devem ser levados em consideração ao interpretarmos as informações sobre a distribuição de falantes de línguas angolanas no país. Além desse fator, a urbanização é outro elemento importante da equação. Analisar manchas urbanas e o deslocamento das áreas rurais para as áreas urbanas é fundamental para vislumbrarmos a complexidade das interações de povos e grupos distintos em um mesmo espaço.

## 2.2 O kimbundu

O kimbundu é uma língua bantu, pertencente ao tronco nigero-congolês<sup>4</sup>, falada majoritariamente em Angola<sup>5</sup> pelos ambundu (veja Mapa 1), principalmente nas províncias de Bengo, Malanje, Kwanza Norte, Kwanza Sul e Luanda, e é classificada

<sup>4</sup> O continente africano possui dois terços das línguas do mundo. Essas línguas são divididas em quatro grandes troncos: o nigero-congolês (1.436 línguas), o afro-asiático (371 línguas), o nilo-saariano (196 línguas) e o khoisan (35 línguas). As línguas bantus, estimadas entre 500 e 700 línguas, pertencem ao tronco nigero-congolês.

<sup>5</sup> Angola faz fronteira com a República Democrática do Congo (2.646 km), República do Congo (231 km), Namíbia (1.427 km) e Zâmbia (1.065 km). O país também possui 1.600 km de costa voltada ao Oceano Atlântico.



como H20 na tipologia de Guthrie<sup>6</sup>. Segundo dados do Recenseamento Geral da População e da Habitação (RGPH) de Angola, realizado em 2014 e publicado em 2016, o kimbundu é a terceira língua mais falada em Angola (7,82%) com pouco menos de 1.900.000 falantes em uma população estimada de 25.789.024 de habitantes. No que tange o número de falantes, o kimbundu é superado pelo umbundu (22,96%) e pelo kikongo (8.24%).



*Mapa 1 -Mapa Etnolinguístico de Angola. In: Fernandes, J.; Ntongo, Z. (2002).*

Segundo dados do Censo 2014, a distribuição de falantes de kimbundu em território angolano é de 841.140 falantes na zona rural e 1.014.811 falantes na zona urbana. No entanto, se considerássemos apenas os moradores das áreas rurais em Angola, o kimbundu ocuparia a segunda posição entre as línguas mais faladas do país. Se consideramos sua vitalidade, o kimbundu não é uma língua ameaçada (Unesco, 2018)<sup>7</sup>. Destacamos que no Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População (IBEP),

<sup>6</sup> A classificação de Guthrie, iniciada em 1948 na obra “The classification of the Bantu language” e depois retomada em “Comparative Bantu”, em 1967, leva em consideração a área geográfica das línguas de um determinado grupo. Portanto, os grupos linguísticos, identificados por letras e números, compartilham determinadas características linguísticas e não linguísticas. Recentemente, Maho (2003) inseriu 200 novas línguas bantas na classificação anterior de Guthrie.

<sup>7</sup> Em alguns estudos, notamos a indicação de que a variante kibala-ngoya (Bolo, Ipala, Kimbundu de Kwanza Sul, Ngoya, Pala) é classificada como ameaçada (Catalogue of Endangered Languages. 2020). No entanto, essa definição é controversa. Em Jordan e Manuel (2016), a língua é analisada mais próxima do umbundu do que o kimbundu.

publicado em 2011 e com dados coletados entre 2008 e 2009, o kimbundu possuía 9,5% dos falantes de Angola, o que indica uma queda de 1,72% em apenas quatro anos. Já no Censo de 1960, cujos dados são poucos consistentes, há uma indicação de que 23,1% da população falava kimbundu.

A distribuição do kimbundu por províncias (ver *Tabela 2*) exemplifica o que mencionamos no subitem anterior. Observamos que há falantes de kimbundu em todas as províncias de Angola, ainda que em alguns casos em quantidade pouco significativa. De toda forma, os dados corroboram a nossa hipótese acerca dos movimentos internos no território ora como consequência da guerra civil ora resultante do processo de urbanização e da expansão econômica de algumas regiões. Seria ainda possível compreendermos a distribuição da língua por cidades e comunas, mas acreditamos que esse empreendimento não traria benefícios à investigação. Apesar disso, destacamos que nas cinco províncias com maior número de falantes, não há nenhuma cidade com mais falantes de kimbundu do que português. Apesar de não ser comum em Angola, em áreas distantes dos grandes centros urbanos e mais afastadas da costa angolana encontramos mais falantes de línguas africanas do que português angolano<sup>8</sup>. Além das áreas majoritariamente ocupadas por falantes de kimbundu, as províncias do Uíge e da Lunda Norte se destacam quanto ao número de falantes. No entanto, um olhar mais atencioso revela que a língua é encontrada em apenas quatro cidades ao sul de Uíge (Quitexe, Negage, Puri e Kangola) e apenas duas cidades à oeste na Lunda Norte (Xá-Muteba e Cuango). Sabendo que Malanje está entre as duas províncias, reconhecemos uma ampla área de influência do kimbundu que atravessa pelo menos três províncias. Trata-se de uma área tipicamente ocupada pelos povos ambundu e revela que divisões geográficas, sobretudo na África, não são adequadas para reconhecermos fronteiras linguísticas.

<b>Província</b>	<b>Número/Porcentagem de Falantes por Província</b>
<b>Benguela</b>	<b>24.030 (1,2%)</b>
<b>Bengo</b>	<b>83.328 (25,4%)</b>
<b>Bié</b>	<b>21.196 (1,6%)</b>
<b>Cabinda</b>	<b>4.241 (0,6%)</b>
<b>Cunene</b>	<b>2.915 (0,3%)</b>

<sup>8</sup> Na província da Huíla este fenômeno ocorre em diversas cidades. No norte dessa província, nas cidades de Cacondo, Caluquembe, Chicomba, Chipindo e Quilengues há mais falantes de umbundu do que português. Já em algumas cidades do sul, Humpata, Chibia, Gambos e Quipungo, o nyaneka também supera o número de falantes de português.

<b>Huambo</b>	<b>24.933 (1,4%)</b>
<b>Huíla</b>	<b>15.891 (0,7%)</b>
<b>Kuando Kubango</b>	<b>4.373 (0,9%)</b>
<b>Kwanza Norte</b>	<b>138.830 (34%)</b>
<b>Kwanza Sul</b>	<b>473.351 (27,6%)</b>
<b>Luanda</b>	<b>595.261 (9,1%)</b>
<b>Lunda Norte</b>	<b>29.719 (3,8%)</b>
<b>Lunda Sul</b>	<b>4.259 (0,9%)</b>
<b>Malanje</b>	<b>337.469 (37,4%)</b>
<b>Moxico</b>	<b>3.703 (0,5%)</b>
<b>Namibe</b>	<b>4.028 (0,9%)</b>
<b>Uíge</b>	<b>84.137 (6,2%)</b>
<b>Zaire</b>	<b>4.287 (0,8%)</b>

*Tabela 2 - Distribuição do kimbundu por províncias*

A análise etária dos falantes de kimbundu, a partir dos dados do Censo 2014, indica que 26.942 crianças entre 2 e 4 anos falam a língua em casa. Se compararmos esse número com dados de crianças que falam outras línguas nacionais, como por exemplo o umbundu (159.868 crianças) ou kikongo (44.528 crianças), notamos que o kimbundu possui um número reduzido de crianças aprendendo a língua dentro de casa. Entre as línguas faladas em Angola, mesmo quando colocamos em perspectiva os dados do kimbundu e outras com menor número de falantes, o kimbundu possui número mais significativo de crianças falantes de línguas nacionais apenas em relação àquelas que falam *luvale*<sup>9</sup>. A partir dos dados que possuímos, não é possível afirmar que os *ambundu* têm substituído sua língua pelo português angolano. No entanto, esse fenômeno parece provável ao pensarmos que o kimbundu é a língua do grupo mais influente politicamente, o que pode revelar mais integração social e a utilização do português angolano como uma marca de prestígio social. Já a partir dos 35 anos, o número de falantes de kimbundu é superior, exceto em relação ao umbundu, a todas as outras línguas nacionais angolanas. Sabendo que a idade média da população angolana é 21 anos, esse dado parece indicar que os falantes de kimbundu estão entre a população que pertence à faixa etária mais velha da população. Se por um lado parece evidente que o kimbundu não é uma língua ameaçada, o número reduzido de falantes entre a parcela da população mais nova e a

<sup>9</sup> Apesar de estar presente em Angola, a língua *luvale* é também falada na Zâmbia.

concentração de falantes entre os mais velhos pode indicar não apenas um trajeto de redução de falantes, mas reforça a necessidade de ampliação de acesso à língua entre a população mais nova.

Nesta seção, colocamos em perspectiva dados demográficos e linguísticos de Angola que foram extraídos do Censo 2014, do Inquérito Integrado sobre o Bem-Estar da População 2011 e do Censo 1960. Sugerimos que estudos e análises que consideram a distribuição de falantes como um elemento fundamental devam levar em consideração dados menos agregados, como análise de cidades e comunas. Parece-nos que esta é maneira mais adequada para reduzir erros provocados por interpretações equivocadas em razão das divisões arbitrárias do território africano, que foram estabelecidas durante a Conferência Geográfica de Bruxelas (1876) e a Conferência de Berlim (1884-1885). Pensamos que este é um fator determinante para percebermos fluxos populacionais e migratórios em espaços que estão em constante movimento, como Angola.

### 3. METODOLOGIA E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

#### 3.1 Problemas

As análises realizadas nesta dissertação partem de dados linguísticos de natureza escrita e oral: contos populares coletados por Chatelain (1894), sentenças extraídas de gramáticas descritivas e missionárias (Pacconio & Couto, 1642; Dias, 1697; Canecattim, 1805; Chatelain, 1888-89; Batalha, 1891; Magalhães, 1922; Robert, 1923; Baião, 1946; Maia, 1951), crônicas publicadas no Jornal Angolano de Artes e Letras (2013 – 2020), narrativas orais de onze informantes residentes no município de Kalandula, província de Malanje (Lubwatu, 2014) e sentenças elicitadas de falantes L1 de kimbundu. É possível reconhecer variedades do kimbundu em alguns dos textos analisados, mas não as destacamos nesta dissertação porque há pouco consenso sobre as diferenças dialetais desta língua<sup>10</sup> (Guthrie, 1967, 1971: 5 dialetos; Redinha, 1970: 4 dialetos; Mapa Etnolinguístico, s/d: 21 dialetos; Kukanda, 2013: 21 dialetos; Fernandes e Ntongo, 2002 e James, 2018: 11 dialetos).

Apesar de trabalharmos com dados linguísticos históricos e contemporâneos, o que indicaria a possibilidade de uma análise diacrônica dos fenômenos da voz verbal, optamos pelo estudo descritivo em diferentes sincronias e, posteriormente, uma categorização tipológica verificando fenômenos linguísticos comuns às línguas bantu e destacando os elementos que se distanciam dos padrões gramaticais deste grupo de línguas. Portanto, a nossa intenção não é apresentar as mudanças linguísticas ocorridas no decurso do tempo nesta categoria gramatical, mas compreender o seu funcionamento.

Ressaltamos que a nossa opção pela análise sincrônica se baseia no fato de sabermos que há elementos que dificultam uma análise histórica acurada. O primeiro deles é a normatização tardia do sistema de escrita das línguas nacionais angolanas, entre elas o kimbundu<sup>11</sup>. As diferentes normas da representação escrita da língua poderiam

---

<sup>10</sup> A complexidade da delimitação das línguas angolanas pode ser exemplificada pela divergência entre as posições de Menezes (2011) e (Manuel & Jordan, 2017) sobre as variedades linguísticas da província de Kwanza Sul. Enquanto Menezes (2011) indica que há doze variedades linguísticas nessa província: dez delas pertencentes ao kimbundu (Lubolo, Kibala, Hebó, Ucela, Sendé, Nsume, Mpinda, Ndongo, Mbwi e Kissama) e as outras duas ao umbundu (Mbalundu e Hele), Manuel & Jordan (2017) indicam que nessa região há cinco línguas: Kibala-Ngoya, Hele, Nsume, Ndongo-Mpinda e Kissama.

<sup>11</sup> Em 1977 o governo angolano, juntamente com a Unesco e Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), iniciou um projeto tendo como objetivo o desenvolvimento de pesquisas sobre as línguas nacionais. O conhecimento adquirido nos estudos desenvolvidos a partir do projeto, deveria ser utilizado no processo de alfabetização e no ensino em línguas nacionais. Em 1979, o Instituto Nacional de Línguas (atualmente Instituto de Línguas Nacionais) foi criado como consequência do projeto de 1977. Depois de consultas e estudos de pesquisadores angolanos e estrangeiros, o instituto apresenta em 1980 o

acarretar equívocos comparativos ao analisarmos, por exemplo, se alguma característica fonológica da língua, como os tons, influencia o processo de derivação ou na distinção de classes nominais aparentemente idênticas<sup>12</sup>. Sabemos que os tons não são representados no registro escrito até hoje e nos trabalhos históricos esse fenômeno é percebido apenas superficialmente, apesar das observações perspicazes de Pacconio & Couto (1642) e Chatelain (1888-89)<sup>13</sup> em seus trabalhos. Já do ponto de vista morfológico, uma língua aglutinante como o kimbundu possui um amplo leque de significados e funções gramaticais para os seus morfemas. Por isso, representações gráficas não padronizadas limitariam a nossa compreensão sobre fenômenos codificados em regras particulares de escrita. Neste aspecto, Chatelain (1888-89) celebra a obra de Pacconio & Couto (1642) que dava oportunidade ao leitor “de provar sem replica por que processo se effectuaram as contrações modernas” (p. XVI)”.

Somado ao problema da representação gráfica, parece-nos difícil determinar elementos de empréstimos de outras línguas bantu, como o kikongo e umbundu, no kimbundu, já que seria necessária uma análise pormenorizada das interações entre os diferentes grupos sociais inseridos em um espaço reconhecido pela diversidade linguística e formado por grupos multilíngues. Ainda seria necessário reconhecer as pressões linguísticas do português europeu desde o século XV no kimbundu e compreender ainda a influência do espanhol cubano durante os dezesseis anos do envio constante de militares, engenheiros, médicos e professores no decorrer da luta por independência do país e depois apoiando o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) ao longo do conflito militar contra a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e o Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) pelo controle de Angola independente<sup>14</sup>.

---

alfabeto de seis línguas nacionais, entre elas o kimbundu. No entanto, salientamos que na ocasião, Angola já possuía outros dois alfabetos, ambos criados pelas igrejas locais tanto católica quanto protestante. Esses alfabetos foram utilizados em materiais de evangelização e escolarização (Chicumba, 2019).

<sup>12</sup> Em kimbundu, a classe 6 (plural) faz oposição às classes 5, 11, 14 e 15.

<sup>13</sup> Os tons não passaram despercebidos apenas nos trabalhos missionários e descritivos históricos. A própria teoria gramatical se aproximou tardiamente desse fenômeno. Foi apenas com o trabalho de Goldsmith (1976) e com a formulação da fonologia suprasegmental que essa característica fonológica da maioria das línguas africanas recebeu tratamento adequado nas teorias linguísticas (Petter & Araújo, 2015).

<sup>14</sup> O MPLA era formado majoritariamente pelos ambundos falantes de kimbundu. Foram apoiados por Cuba e União Soviética não apenas durante a luta pela independência contra o domínio português, mas também pela conquista e permanência no poder do MPLA. Já a UNITA possuía representantes dos ovimbundu falantes de umbundu que foram auxiliados pelo governo da África do Sul e dos Estados Unidos. A FNLA era formada em sua maioria por povos bakongos falantes de kikongo que possuíam o Zaire (atual República Democrática do Congo) e a China como principais incentivadores.

Distinguir as variedades do kimbundu descritas nas gramáticas e trabalhos é outro desafio que nos afasta da análise diacrônica. Ilustramos essa questão ao nos perguntarmos se as características do kimbundu de Pacconio & Couto (1642) são semelhantes às descritas por Dias no ano de 1697. Segundo Vansina (2001), o primeiro registro se assemelha à variedade da corte do Dongo, já o segundo poderia ser identificado como uma língua franca, como defende Alencastro (2009), uma variedade particular do kimbundu falado no Brasil como cogita Bonvini (2008) ou ainda o registro da variedade mbaka, conhecida como kimbundu do sertão em oposição ao kimbundu da costa ou kimbundu de Luanda, como afirmam Angenot, Kukanda & Kempf (2011). Fernandes (2015) argumenta que o kimbundu descrito por Dias (1697) é o dialeto kahenda-mbaka utilizado como língua comum por escravos na Bahia e no Rio de Janeiro no século XVII. Poderíamos ainda nos perguntar se o kimbundu do sertão, reconhecido por Angenot, Kukanda & Kempf (2011), seria o mesmo daquele identificado por Chatelain (1888-89) como distinto da variedade falada em Luanda. As diferenças dialetais do kimbundu, como percebemos nas notas iniciais de Chatelain (1888-89), não se restringiam à variedade do sertão e de Luanda. De acordo com o missionário suíço, se o leitor tivesse a intenção de apreender as diferenças fonológicas, morfológicas e lexicográficas do kimbundu deveria saber que só conseguiria compreendê-las inteiramente se subdividíssemos a língua “em quasi tantos «patois» quantas são as villas e povoações do districto de Loanda” (p. XIII). A consideração de Chatelain (1888-89), conhecedor das línguas angolanas, indica-nos a dificuldade de generalizações a partir de dados coletados com pouco controle e com identificação parcial dos informantes. Como última questão, deveríamos refletir sobre o distanciamento entre o kimbundu descrito nas obras anteriormente citadas e a língua dos atuais falantes de kimbundu e também daquela utilizada nos meios de comunicação<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Há pelo menos quatro instrumentos de ampla divulgação do kimbundu em Angola. Primeiramente, a Rádio Ngola Yetu, inaugurada em 1999, transmite diariamente seus programas em diferentes línguas nacionais, entre elas o kimbundu. Depois, a Televisão Pública de Angola, TPA, exibe o Jornal Nacional (JN), popularmente conhecido por *Noticiário em Línguas Nacionais*. A rede transmite o noticiário em diversas línguas nacionais entre elas o kimbundu. Em terceiro, o Jornal Angolano de Artes e Letras possui uma coluna mensal em kimbundu com tradução em português angolano. Os gêneros textuais publicados vão desde crônicas, passam por contos, poesias e provérbios, e chegam até breves notas gramaticais. Desde o final de 2019 o jornal não tem sido publicado com regularidade. Por fim, a alfabetização em kimbundu ocorre em algumas escolas. A preocupação com o ensino em línguas nacionais começa a partir da reforma educativa em 2001, amparada pela Lei de Bases do Sistema de Educação (Lei nº13/01). No entanto, é apenas a partir da promulgação da Constituição de 2010 (artigos 19º e 21º) que as línguas nacionais ganham destaque.

### 3.1.1 Exemplificando o problema: o kimbundu é uma língua sem passivas?

As construções passivas são descritas na obra *Arte da Língua de Angola* (1697), do padre Pedro Dias, como uma categoria gramatical inexistente. A obra de Dias é o documento mais antigo que relata a presença de uma língua africana no Brasil, porque foi escrita em Salvador sem que o autor jamais tivesse viajado para Angola. Dias teria aprendido kimbundu com colegas missionários e escravos com os quais conviveu no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. A afirmação categórica de Dias (1697) era que “não têm os Ambundos (como já diffemos) verbo passivo, mas usam do verbo activo”. A referência pode ser encontrada no capítulo *Do verbo negativo*:

“Não tem esta língua verbo passivo, donde, para dizerem *Deus é Amado dos homens*, dizem:

**O mala azola nzambi** ‘Os homens amam a Deus pondo o verbo na ativa. Também para dizerem

*Os homens são amados de si*, dizem:

**O mala arizola** ‘Os homens se amam a si’

O mesmo é nas mais pessoas, entrepondo sempre a partícula **RI**.

(Dias, 1697, p. 22. In: Rosa, 2013, p.173)

Consideramos que o padre Dias não identifica as construções passivas do kimbundu pelo fato de que a passiva desta língua angolana, entre outros elementos gramaticais como a concordância nominal e a dupla negação, apresentavam-se ainda como algo estranho para um europeu do século XVII (Bonvini, 2014). O que tentaremos recompor a seguir é um breve cenário teórico no qual Dias estava envolvido e as consequências de utilizarmos um dado histórico sem uma análise cuidadosa.

Sabemos que nos séculos XVI e XVII os grandes modelos utilizados para a descrição de uma língua eram o de duas gramáticas latinas: o de Donato (século IV d.C.): *Arte menor* (morfologia) e *Arte maior* (fonética, morfologia e estilística) e o de Prisciano (século V-VI d.C.): *Instituições gramaticais* (morfologia e sintaxe). Foram esses os modelos que nortearam as duas gramáticas canônicas do português no início do século XVI: a de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros (1540). Ainda na esteira do modelo latino, alguns gramáticos propuseram um modelo que servisse para descrever todas as línguas. Dentre os portugueses, o mais importante foi Amaro de Roboredo, autor do *Methodo Grammatical Para Todas as Lingvas* (1619). Segundo o autor, o verbo passivo não existia nas línguas vulgares que ele conhecia, incluindo o português. Em



português, afirmava que o verbo passivo seria compensado por um “rodeio”, isto é, pela utilização do verbo *sum* acrescido do particípio passado e o verbo ativo:

Nas línguas vulgares, de que temos noticia, não ha Verbo Passivos: mas há Participios Passivas; com os quaes, & com o Verbo Sustãtivo, *Sum*, se suprem as Vozes Passivas; como em Português. *Amado*, ajuntase ao Verbo, *Sou*, assi; Sou amado; Fui amado; (...) (Roboredo, 1619, p. 69)

Qual era o modelo de passiva na obra de Roboredo? Podemos afirmar que o modelo latino de Donato e Prisciano perpassa todo o método deste autor. Por isso, buscamos na obra de Donato uma definição sobre o verbo passivo para entendermos que a falta do sufixo latino *-r* em português é a razão pela qual essa língua utilizava uma perífrase (verbo ser + particípio passado) para construir as suas passivas.

Os gêneros dos verbos são quantos? Cinco. Quais? Ativos, passivos, neutros, deponentes e comuns.

(...)

Quais são os passivos? Aqueles que terminam em *-r* e que, suprida essa letra voltam a ser ativos, como: legor: lego<sup>16</sup> (Donato. Arte de Donato – Gramático da Cidade de Roma – Volume I – Arte Menor. In. Dezoti, L. C. Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotações e estudo introdutório. São Paulo: USP, 2011)

Não é a nossa intenção afirmar que a obra de Roboredo (1619) influenciou Dias (1697), sobretudo porque eram contemporâneos. No entanto, o ponto comum entre eles é que ambos estão embebidos pela tradição gramatical latina. Rosa (2010, 3013) afirma que *Arte da Língua de Angola* foi diretamente influenciada por *De institutione grammatica libri três*, de Manuel Álvares (1572). A autora mostra convincentemente que Dias (1697) prescindiu de enunciados completos das regras gramaticais, porque é evidente aos seus leitores qual eram o seu referencial. Indica dezesseis pontos comuns entre os dois textos, incluindo o verbo passivo, para demonstrar a filiação de Dias (1647) a Álvares (1572). Sobre o verbo passivo, Álvares (1572) afirma que “verbo passivo pede ablativo com a preposição *A* ou *Ab* depois de si, o qual se faz do nominativo do verbo ativo” (p. 145). Do outro lado, Dias (1697) faz uma indicação categórica sobre a ausência desta categoria em kimbundu.

---

<sup>16</sup> Donato. Arte de Donato – Gramático da Cidade de Roma – Volume I – Arte Menor. In. Dezoti, L. C. Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotações e estudo introdutório. São Paulo: USP, 2011. [Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas] pg. 117

O kimbundu, como sabemos, não possui verbos passivos como o latim, nem se utiliza dos “circunlóquios” notados por Roboredo (1619). Trata-se de um processo de passivização distinto, distante do esperado pelos autores com influência latina. Este exemplo e a breve discussão empreendida demonstram os desafios e riscos de analisarmos documentos históricos sem compreendermos o caldo teórico no qual gramáticos, religiosos ou não, estavam envolvidos para elaborar construtos e construir generalizações por meio de uma metalinguagem perpassada pela tradição latina.

### 3.2 Fontes

Quando retomamos a história da linguística africana notamos que o kimbundu e o kikongo foram as línguas mais beneficiadas pela introdução da tradição escrita em um contexto de oralidade. A *Doutrina Christã* (1624), na língua do reino do Congo, de Padre Marcos Iorge, e o *Gentio de Angola* (1642), redigida pelo Padre Francisco Pacconio e publicada após a sua morte por António Couto, são os textos que inauguram a tradução dos catecismos católicos para as principais línguas dos antigos reino do Congo e reino do Nodongo. Rosa (2013) e Fernandes (2015) reforçam a importância de compreender que Angola apenas será forjada como a conhecemos hoje após a Conferência de Berlim (1884-85). Até o século XVII a atual República de Angola compreendia a parte noroeste do país e o sudoeste da República Democrática do Congo. Por isso, as obras que fazem referência a “Angola” ou a “língua de Angola” precisam ser compreendidas neste contexto para não cairmos em anacronismos ou generalizações equivocadas.

Logo depois do advento dos documentos religiosos vertidos nas línguas africanas, as primeiras gramáticas surgem e novamente o kimbundu e kikongo são as línguas mais descritas. No entanto, este empreendimento é realizado sob a perspectiva latina e com propósito missionário. A gramática do Frei Busciotto, publicada em 1659, tinha como alvo “o difícil idioma do Congo”. Quase quarenta anos depois, o Padre Pedro Dias redige a *Arte da Língua de Angola* (1697). Esse último documento foi supervisionado pelo jesuíta angolano Miguel Cardo, falante de kimbundu, e merece especial atenção pelo fato de não considerar as classes nominais como casos gramaticais, iguais ao grego e latim. Novas gramáticas e descrições, listas de palavras, manuais de conversação continuariam a ser publicadas ainda com objetivo religioso. A partir disso, a tentativa de compreender as línguas africanas se insere no processo de conquista e interiorização do continente. Depois, notamos um movimento inverso e surge no seio das comunidades africanas a

necessidade de compreender as línguas nacionais como um elemento significativo diante do processo de independência e a descolonização. Estes movimentos não são indiferentes em Angola. Nesse contexto, o conhecimento linguístico se torna fundamental no desenvolvimento e na afirmação das identidades nacionais e de valorização cultural<sup>17</sup>.

Contudo, se por um lado as descrições do kikongo têm sido utilizadas nas análises linguísticas em razão da tradição africanista francesa e belga desde o período colonial (1890-1960), por outro lado, as descrições do kimbundu têm contribuído escassamente ao estudo das línguas bantu, sobretudo tipológicos. Esse fato pode ser comprovado nos levantamentos de Maho (2008, 2009, 2011) por meio dos quais notamos poucas análises dessa língua inseridas na tradição bantuísta. Por outro lado ainda, o kimbundu tem sido um elemento presente nas análises sobre o português angolano a partir de diferentes referenciais teóricos sobre línguas em contato. Sob essa perspectiva, o kimbundu é considerado como o gatilho principal de mudanças linguísticas ou “interferências”, como alguns autores conceituam, em diversos aspectos da gramática desta variedade do português.

No próximo subitem, apresentamos as obras utilizadas nesta dissertação organizadas por gêneros e características textuais semelhantes. Todos os documentos, gramáticas e descrições citadas foram localizados e utilizadas nesta dissertação em alguma medida: consulta gramatical, coleta de dados, cotejamento de análises. As sentenças extraídas e analisadas se encontram referenciadas no texto e quando alteramos

---

<sup>17</sup> Moreno (2014) afirma que as principais obras sobre o kimbundu até o século XIX poderiam ser divididas em dois grupos: obras de sentido religioso, e obras de caráter cultural. Nesta divisão, insere as obras *Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola* (1888-89) e *Die Grundzüge des Kimbundu oder der Angola-Sprache* (1889-1890), de Héli Chatelain, no grupo de textos com motivação religiosa. Opomos-nos à divisão de Moreno (2014) partindo da compreensão sobre o endereçamento das obras. Na gramática publicada em 1888-89, o missionário suíço indicava que o livro era destinado a quatro grupos: 1) “irmãos de côr, pretos e partos de Angola”, 2) “amigos portugueses, funcionários e negociantes”, 3) “missionários, cristãos de qualquer seita”, e 4) “colegas africanistas” (p. II). Já o segundo texto foi publicado no periódico alemão *Zeitshrift für Afrikanisch Sprachen* do qual Chatelain era colaborador juntamente com outros especialistas em línguas africanas, entre eles C. Meinhof. Nessa obra, Chatelain expande as discussões gramaticais da versão anterior e o seu público é tipicamente o de especialistas em línguas africanas. Ambos os textos se distanciam dos modelos latinos e partem de um acurado método comparativo, que pode ser notado em três artigos complementares *Bantu Notes and Vocabularies* publicados em 1893 e 1894 no *Journal of the American Geographical Society of New York*. Soma-se a isso o fato de que Chatelain chegou em Angola como “um linguista, não para pregar” (Moser, 1983, p. 516) e parte do seu mecanismo de compreensão da cultura local passava pelo entendimento da literatura local. Por isso, colecionou provérbios e coletou contos orais durante o período em que esteve no país. Parte desse trabalho foi publicado no livro *Folk-Tales of Angola* (1894). A compreensão de Chatelain sobre o kimbundu e sua função identitária em Angola pode ser apreendida em *African races* (1893): “Na África Ocidental, Angola pode ser o primeiro país a desenvolver uma grande e forte nação africana, e uma literatura nativa por meio de uma língua geral chamada kimbundu”. (p. 302).

aspectos da proposta dos autores, como a segmentação de morfemas ou a delimitação de palavras, indicamos a mudança no decorrer da argumentação.

### 3.2.1 Catecismos, gramáticas missionárias

A primeira obra impressa em kimbundu foi denominada *Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé*<sup>18</sup> (1642), de Francesco Pacconio e António Couto. Pacconio foi um missionário jesuíta versado em kimbundu que escreveu o primeiro catecismo na língua. Chegou a Angola em 1623 e participou das primeiras missões contra a rainha Jinga. Permaneceu no Dongo com o objetivo de instruir os locais e o rei Ngola Aiidi na fé cristã. Morreu no ano de 1641, antes da publicação do texto pelo padre Antonio Couto. A sua obra é dividida em duas partes. Na primeira, há um conjunto de dez regras para que o leitor consiga ler a língua de Angola. Apesar de ter sido fortemente criticada por Cannecattim, a obra foi elogiada por Chatelain ao afirmar que “considerando a época em que foi composto, o livrinho merece, no ponto de vista linguístico, todo o louvor” (p. XVI). Já na segunda parte, encontramos a exposição da doutrina católica por meio de diálogos, em português e kimbundu, entre um discípulo e seu mestre, além de orações. Entre as observações gramaticais, destaca-se a necessidade do uso de um acento gráfico para indicar a distinção do significado de palavras idênticas: múcua (nome de fruta) e mucuà (lugar de nascimento). Prandone, padre capuchinho que esteve em missão em Angola em 1648, publicou a tradução do texto em latim acrescentando uma nova observação gramatical e expandiu outras já existentes. Segundo Fernandes (2015, p. 51), Prandone deveria “ser considerado também seu coautor, uma vez que tem reflexões linguísticas (e religiosas) particulares sobre a língua de Angola”.

No ano de 1697 foi publicado a *Arte da Língua de Angola*<sup>19</sup>, de Pedro Dias. Trata-se de um texto que tem como objetivo instruir missionários da Companhia de Jesus no aprendizado da língua. A obra foi redigida em português com exemplos na língua africana. Há controvérsias quanto ao kimbundu descrito por Dias (1697). De um lado, Alencastro (2009) defende que estamos diante de uma língua franca. Do outro, Bonvini (2008) considera que a obra reflete um kimbundu falado no Brasil, já com características particulares em relação ao kimbundu falado em Angola. Apesar do debate, sabemos que o texto foi redigido na Bahia por um padre que não havia “pisado terras africanas” (Reginaldo, 2005: 36). Ainda segundo Reginaldo (2005), Dias aprendeu a língua com

---

<sup>18</sup> Utilizamos a versão digitalizada e disponibilizada livremente pela Bayerische Staatsbibliothek.

<sup>19</sup> Nesta dissertação, consultamos a versão crítica do texto publicada em 2013

informantes colegas missionários em Angola, e escravos com os quais conviveu no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia. Rosa (2013) nota que Dias era um exímio conhecedor da língua ao perceber que o padre notava diferentes usos das partículas da língua tanto por parte dos “línguas” (Dias, 1697, p. 36) quanto pelos próprios “ambundos” em razão da “variedade das línguas Angolas” (Dias, 1697, p. 10). O religioso ainda percebe a proximidade das línguas bantu faladas no Brasil ao reconhecer que, mesmo os falantes trocando partículas da língua, as frases “sempre fazem o mesmo sentido, porque não variam totalmente a substância dos nomes e verbos, ainda que o idioma não fique muito culto” (p. 10). Desta forma, a autora estabelece um outro estatuto para a língua angolana e diverge tanto de Alencastro (2009) quanto de Bonvini (2008) ao reconhecer que Dias possuía um entendimento diferente da língua: 1) percebia as variações internas do kimbundu, e 2) reconhecia a proximidade genética e a intercompreensão entre o kimbundu e outras línguas africanas faladas no Brasil do século XVII. Chatelain (1888-89), que conheceu o texto por meio de uma versão manuscrita, apesar de criticar a terminologia utilizada pelo autor, afirma que Dias “entendia o mecanismo do kimbundu” (p. XVI).

A obra do frei italiano Bernardo Maria de Cannecattim, *Collecção de Observações Gramaticaes sobre a lingua bunda ou Angolense*<sup>20</sup> (1805), foi criticada fortemente por Chatelain (1888-89) e por Oliveira & Francina (1864). Chatelain (1888-89) afirma que os críticos deveriam reconhecer a superioridade dos jesuítas sobre Cannecattim, frei capuchinho. A obra parte da concepção de unidade linguística de Angola em torno do kimbundu, a “língua comum de um Paiz”, língua por meio da qual o evangelho deveria ser anunciado, os negócios, a administração e a justiça seriam manejadas. Reafirmamos que a referência à língua nacional denota um espaço muito restrito da atual Angola. Tratava-se “de uma região no noroeste da atual república ao longo do rio Cuanza” (Rosa, 2013, p. 33). A descrição de Cannecattim tem como base o latim e foi dividida pelo autor em quatro áreas gramaticais: ortografia, prosódia, etimologia e sintaxe. Os grandes temas são divididos em nove observações, entre as quais destacamos a oitava por apresentar uma longa e interessante discussão sobre a voz verbal em kimbundu. Há um suplemento etimológico no final do texto.

---

<sup>20</sup> Em nossa pesquisa, utilizando a edição semipaleográfica elaborada por Gonçalves (2018).

### 3.2.2 Gramáticas descritivas

A obra *Elementos grammaticaes da lingua Mbundu*<sup>21</sup> (1864), de Saturnino de Souza Oliveira e Manuel Alves de Castro Francina, precede a descrição de Chatelain (1888-89). A obra foi escrita pelo médico abolicionista brasileiro Saturnino de Souza Oliveira, cônsul-geral do Brasil em Angola (1858 – 1860) e fundador do Liceu Angolense, e pelo oficial de governo e tenente angolano Manuel Alves de Castro. No prólogo da obra, os autores anunciam que a perspectiva inicial da investigação seria realizar anotações e correções no trabalho de Cannecatim, mas que o empreendimento aos poucos se transformou em um projeto “inteiramente novo”. Notam que a estrutura da língua é semelhante aos “preceitos gramaticais comuns [às línguas] da costa ocidental da África” e indicam a “infinitude de suas contrações e elisões”, o que tornaria o aprendizado da língua mais difícil. Na primeira parte do texto, os autores distribuem os temas gramaticais em treze capítulos e parágrafos numerados. Já na segunda parte, há três listas de exercícios em forma de diálogos dispostos em duas colunas: português e kimbundu. Depois de cada conjunto de atividades, há explicações sobre cada uma das frases do texto. *Elementos grammaticaes da lingua Mbundu* é o resultado direto da valorização das línguas locais pelos “filhos do país”<sup>22</sup>. Chatelain (1888-89, p. XVIII) afirma que “nunca foi possível obter ou mesmo ver um unico exemplar” dessa publicação

Já a descrição de Héli Chatelain, *Kimbundu Grammar: Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola* (1888-89), foi a obra que mais contribuiu para o desenvolvimento das análises nesta dissertação. Essa obra se distingue tanto das gramáticas missionárias quanto daquelas que resultaram de movimentos de valorização do kimbundu como língua nacional, sobretudo no século XIX e XX. A sua concepção de gramática parece original na medida em que, apesar de reconhecer toda a tradição dos trabalhos sobre o kimbundu, o missionário suíço pensa a sua descrição como aglutinadora de quatro interesses principais: a consolidação da identidade nacional por meio da língua, a burocracia e o acesso aos serviços locais, a evangelização e a conversão dos africanos ao evangelho e também aos estudiosos da língua de Angola que pediam uma nova gramática. Essa gramática possui 192 lições abrangendo aspectos fonéticos, fonológicos,

---

<sup>21</sup> . Em nosso trabalho estamos utilizando a edição depositada na Northwestern University e disponibilizada no banco de dados HathiTrust.

<sup>22</sup> Afonso (2015) afirma que os “filhos do país” eram os residentes da “colônia portuguesa submersos em uma mestiçagem de tipo cultural” (p. 55-56). Os funcionários portugueses os reconheciam como opostos aos chamados “pagãos” e “gentios” já que compunham uma categoria de indivíduos com elevados níveis de riqueza, eram educados seguindo os padrões europeus e possuíam nomes cristãos. Ainda segundo o autor, os “filhos do país” eram conhecidos também como “euro-africanos” ou “afro-portugueses”.

morfológicos e sintáticos do kimbundu. Em cada lição há uma série de exemplos, traduzidos para o português e inglês, e exercícios que consistem na tradução de sentenças em kimbundu. No final do livro encontramos uma pequena lista de provérbios, enigmas, contos, vocabulário, quadros sinóticos e a relação das diferenças entre a variedade do kimbundu de Luanda e do sertão. Apesar do missionário suíço conduzir o leitor em cada um dos temas abordados, é necessário muito cuidado com a metalinguagem utilizada pelo autor já que se distancia da tradição latina e assume um “modelo próprio” (Nurse, 2008).

Dividida em duas partes, a obra *A lingua de Angola* (1891), de Ladislau Batalha, não tem por objetivo levar o leitor a falar ou escrever em kimbundu. Na primeira parte do texto, que pode ser compreendido como uma revisão bibliográfica sobre o kimbundu, o autor afirma que "a linguística africana só modernamente entrou n'um periodo propriamente scientifico" (pg. 3). A afirmação anterior, antecipa o caráter positivista da obra. O autor afirma que o kimbundu é uma língua “de uma tenacidade extraordinaria, basta considerar que longos seculos de dominação não fôram suficientes para que ella se deixasse contaminar pelo influxo das línguas européas ou pelo das circunvizinhas.” (p. 11). Na segunda parte, discute vinte e um pontos gramaticais, entre eles a forma ativa e passiva dos verbos e mostra a coincidência entre a formas reflexiva e recíproca. No final do texto, apresenta diversos gêneros textuais em português e kimbundu. Notamos que a visão de Batalha (1891) sobre o kimbundu tenta refutar a perspectiva colonialista na qual os "pretos se exprimem simplesmente por meio de guinchos e gestos" (p. 3). Para tanto, utiliza-se da linguística como ciência e do caráter aglutinante da língua, que julga complexo e suficiente para a expressão do pensamento.

Há poucas informações sobre a biografia do padre António Miranda Magalhães, missionário que escreveu o *Manual das línguas indígenas de Angola* (1922). Na capa da obra notamos que o texto foi escrito “segundo o programa oficial para exames administrativos”. O manual possui lições de kimbundu e de umbundu divididos em fonética, morfologia e sintaxe. Notamos capítulos sobre os verbos reflexivos, os médios, os neutros e a voz passiva. Os exercícios são constituídos em exercícios exclusivamente de tradução. A introdução e a parte 5 são constituídas de conteúdos históricos, antropológicos e sobre a história das línguas angolanas. No final do texto, há um dicionário para cada uma das línguas.

Um dos materiais mais interessantes acerca do kimbundu é o *Guia de conversação portuguesa para uso dos libolos pelos Missionários da Missão Católica*<sup>23</sup> (1923), do padre Renato Robert. O livro foi destinado aos “professores das nossas escolas rurais” e para “atender também a quem queria adquirir algum conhecimento da linguagem falada no Libolo, um dos dialetos da língua ambunda” (p. 2). O autor faz uma breve revisão bibliográfica das obras publicadas que foram utilizadas na elaboração do guia de conversação. Apesar de pequena, oferece uma lista de textos não conhecidos, entre as quais destacamos: *Método Prático da língua Mbundu* (1897), *Elementos para o estudo do Kimbundu* (1920) e um dicionário manuscrito em português-libolo, colecionado pelo padre Eduardo Georger. Na primeira parte encontramos noções básicas da gramática da língua divididos em trinta e seis capítulos. Já na segunda temos um rico guia de conversação dividido em quarenta e seis lições com extenso vocabulário em kimbundu/português. Ainda encontramos a tradução do capítulo cinco do evangelho de João e da saudação angelical do capítulo um do evangelho de Lucas.

O padre Domingos Vieira Baião publicou dois volumes de *O kimbundu sem Mestre* (1946), de padre Domingos Vieira Baião. O primeiro é composto de uma parte “teórica”, a partir de dados de informantes dos distritos de Luanda e Malanje. Esta cessão do texto é dividida em quatro partes: fonética, morfologia, semântica e sintaxe. No final do texto, encontramos versões de parábolas bíblicas em kimbundu e português e contos populares. O segundo volume, dedicado à conversação, é dividido em quatro temas: homem (três capítulos), família (cinco capítulos), natureza (quatro capítulos) e sociedade (três capítulos). Evidencia-se a preocupação com a pronúncia das palavras no decorrer do texto. No apêndice, encontramos uma carta do Padre Moreira Bazílio, que propõe a criação de um instituto de filologia em Angola, um capítulo sobre a importância do kimbundu diante de outras línguas africanas e um dicionário popular com palavras em português angolano e kimbundu.

O *Guia Prático para a Aprendizagem das Línguas Portuguesa e Omumbuim - Dialecto do Kimbundu* (1951), de António da Silva Maia, é um guia de conversação. Este dialeto é falado em Amboim, cidade localizada no coração do Kwanza Sul. O livro possui trinta e duas lições divididas em duas grandes partes. O texto é dividido em duas colunas, uma em português angolano e a segunda em kimbundu. O autor ressalta o parentesco desta variedade do kimbundu com o umbundu. Os temas gramaticais, que aparecem nos

---

<sup>23</sup> Nesta dissertação, estamos trabalhando com a edição supervisionada pela professora Dr<sup>a</sup> Vanessa Martins do Monte, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP.



dez capítulos iniciais, são abordados unicamente por meio de sentenças. Não há uso de metalinguagem para explicar conceitos. Os próximos vinte e dois capítulos são divididos em grandes temas, que vão desde a descrição da vida escolar passam por ritos religiosos católicos e angolanos e chegam até a eleição e coroação de um soba. O conjunto das lições possui um caráter etnográfico, porque descreve minuciosamente as práticas culturais dos falantes de kimbundu de Amboim.

### 3.2.3 Crônicas, contos e poesias

A publicação *Folk-Tales of Angola: Fifty Tales with KI-Mbundu Text, Literal English Translation, Introduction and Notes* (1894), de Héli Chatelain, pode ser dividida em duas partes. Na introdução, encontramos uma descrição de Angola, breves considerações sobre as narrativas, uma revisão do que havia sido publicado até aquele momento sobre a língua e notas sobre a pronúncia do kimbundu. Na segunda parte do texto, encontramos cinquenta contos escritos em kimbundu e depois vertidos para o inglês. No final da edição há uma relação dos informantes, região de coleta e dos dialetos de origem de cada um deles. Há também notas críticas e comparativas dos textos publicados. No apêndice, encontramos três partituras de músicas em kimbundu. Os contos coletados por Chatelain foram traduzidos para o português europeu com o título *Contos populares de Angola: cinquenta contos em quimbundu*, organizada por Fernando de Castro Pires de Lima e editada pela Agência Geral do Ultramar, em Lisboa, no ano de 1964. Não utilizamos a obra em português, porque a tradução dos contos parte da versão em inglês e não do material em kimbundu.

No editorial do *Jornal Angolano de Artes e Letras* (2013 – 2020), publicado na primeira edição com o título “Um jornal comprometido com a dimensão cultural do desenvolvimento”, evidencia-se a intenção do periódico na divulgação das diversas facetas da cultura angolana. Os textos em kimbundu começaram a aparecer em 2013, quando o escritor Mario Pereira, nascido em Luanda em 1955, levou ao público suas poesias, crônicas, artigos de opinião, entre outros gêneros textuais em kimbundu. Todos os textos são seguidos de tradução para português angolano. Parece-nos que de alguma forma o *Jornal Angolano de Artes e Letras* recupera as publicações em kimbundu de dois periódicos angolanos no século XIX: Mukuarimi (1888), dirigido por Alfredo Troni, e Muen'exi (1889), de propriedade de Córnelio Castro Francina. Lamentavelmente, o jornal deixou de ser publicado em janeiro de 2020.

O trabalho de conclusão de curso *Inventário de recursos estilísticos nos contos em kimbundu: o caso da variante lenge* (2014), de Miguel Lubwatu, é uma das mais ricas fontes de narrativas orais em kimbundu. Trata-se de uma coleção de recursos estilísticos da variante lenge, falada no município de Kalandula, província de Malanje. Na tradição africana, as narrativas orais têm função pedagógica e revelam aspectos morais e filosóficos que devem ser transmitidos às gerações mais novas. O pesquisador trabalhou com onze informantes e coletou trinta e dois contos. No seu trabalho, inventariou dezoito narrativas, mas disponibilizou todos os materiais nos anexos do trabalho. Os fragmentos utilizados no trabalho de Lubwatu (2014) estão glosados e traduzidos para o português angolano.

### **3.2.4 Fonologia**

A tese de Xavier (2010), *Fonologia segmental e supra-segmental do kimbundu: variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange* (2010), realizado sob orientação da professora doutora Margarida Taddoni Petter, é fundamental para compreendermos os fenômenos fonéticos como elisão, harmonia vocálica, e a estrutura silábica dos nomes e dos verbos. O pesquisador utilizou cinco informantes nascidos e crescidos em províncias que têm o kimbundu como língua principal para elicitar sentenças. Todos possuem o kimbundu como língua materna. Foram coletados relatos, entrevistas e listas de palavras para elaborar a tese. Apesar da tese discutir a fonologia segmental e supra-segmental da língua, o autor apresenta no final do texto um apêndice no qual descreve a morfologia verbal e nominal do kimbundu. Apresenta textos das modalidades de relato, receitas e provérbios. Há também um léxico kimbundu/português organizado pelas classes nominais.

### **3.2.5 Morfologia**

O pesquisador angolano José Domingos Pedro, sob orientação de Emilio Bonvini, desenvolveu a tese *Étude grammaticale du Kimbundu* (1993). Trata-se da descrição mais detalhada da morfologia nominal e verbal do kimbundu. As análises de Pedro partem dos pressupostos da teoria da enunciação e da predicação (Bonvini, 1988). Apresenta um conjunto massivo de dados (912 – morfologia nominal e 137 – morfologia verbal) de informantes da região do Calumbo (Luanda). O autor é diretor do Instituto de Línguas Nacionais (ILN) e professor de Linguística Africana na Universidade Agostinho Neto (Luanda/Angola). Hoje desenvolve um trabalho de investigação que tem como objetivo

atualizar o mapa linguístico de Angola. Após o término da pesquisa do autor, notamos uma lacuna de estudos sobre a gramática do kimbundu, que retomado pelo trabalho de Xavier (2010).

O artigo *Classes d'accord» dans les langues négro-africaines. Un trait typologique du Niger-Congo. Exemples du kasim et du kimbundu* (1996), de Emilio Bonvini, consolida o pareamento das classes nominais e sua concordância em kimbundu. É um trabalho fundamental, porque segue o padrão de classificação nominal utilizado pela maioria dos linguistas bantuístas, o que possibilita diálogo com pesquisadores que estudam outras línguas bantu. Bonvini (1996) utiliza os dados de Pedro (1993) na elaboração do modelo de classificação nominal em kimbundu.

### **3.2.6 Dicionários**

Podemos afirmar que em relação a outras línguas africanas, o kimbundu possui quantidade suficiente de dicionários bilíngues desenvolvidos em diferentes períodos. Listamos os materiais utilizados e descrevemos suas características. O problema encontrado para localizarmos as palavras foi a variação no registro dos itens lexicais. Este problema ocorreu em razão da tardia normatização da escrita em kimbundu.

*Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza, e latina* (1804), de Bernardo Maria de Cannecattim. Obra pouco apreciada pelos autores que o sucederam, incluindo religiosos, tem como principal objetivo o ensino da língua como instrumento de conversão dos africanos. O dicionário é organizado em três colunas, sendo que na primeira encontramos as palavras em português, na segunda em latim e depois em kimbundu.

*Diccionario da lingua nbundu ou ngolense* (1864), do médico brasileiro Saturnino de Oliveira. O dicionário precede a descrição *Elementos grammaticaes da lingua Mbundu* (Luanda, 1864). Reconhece a existência do dicionário de Cannecattim, mas o critica em razão da mistura de línguas diferentes: as do Congo, de Angola e de Benguela. No prólogo, afirma que a obra demorou seis anos para ser finalizada. Afirma que é necessário aperfeiçoamento do texto e insiste que o esforço deve ser coletivo e não de uma única pessoa.

*Dicionario Portuguez-Kimbundu* (1903), organizado pelo médico da armada real portuguesa J. Pereira do Nascimento. O autor indica que o objetivo do dicionário é ajudar os europeus a aprenderem a língua. Divide o texto em duas partes. Na primeira delas, faz considerações sobre a ortografia, os prefixos nominais e de concordância, a classificação nominal e indica a bibliografia utilizada. Na segunda parte, as entradas lexicais estão em português angolano e a tradução em kimbundu. Indica as classes de palavras, a classificação nominal dos substantivos e classifica os verbos em ativos (kubeta – abster), neutros (kulunduka – desabar), reflexos (kujila – abster-se) e qualificativo (kuxanana – ser/estar/ficar escorregadio).

*Dicionario kimbundu-português: linguístico, botânico, histórico e corográfico* (1941), de António Assis Júnior. No início da obra, Assis Júnior esclarece brevemente suas opções ortográficas, acentuação e apresentação das classes nominais. As entradas lexicais estão em kimbundu, mas são traduzidas em português. Indica a classe das palavras, a classe nominal dos substantivos e a transitividade dos verbos (transitivos e intransitivos). Afirma que o objetivo da obra é preencher uma lacuna na produção de materiais que auxiliem o aprendizado da língua.

*Dicionário Virtual de Línguas Nacionais (ZWELA)* foi criado por Adilson da Costa em 2012 (<http://www.zwela.co/>). Apesar das limitações na quantidade de itens lexicais e na dificuldade na padronização ortográfica das palavras, possibilita a tradução de palavras de um único radical em português angolano, kimbundu, umbundu e kikongo. As traduções foram elaboradas por especialistas nativos das áreas de fala das principais línguas angolanas e licenciados em literatura e línguas africanas.

### **3.2.7 Questionários e matérias de estímulo**

Nesta dissertação, devido à ausência de viagens de campo, dados linguísticos complementares foram coletados utilizando os questionários *Rutgers Questionnaire on Anaphora in African Languages* e *Tense and Aspect in African Languages*, ambos validados pelo *Afranaph Project*, coordenado pelo professor Ken Safir e sediado no Departamento de Linguística da Rutgers University. Utilizamos o instrumento *Reciprocal Constructions and Situation Type* (Evans, Levinson, Enfield, Gaby & Majud, 2004) para a elicitación de sentenças recíprocas. Por meio deste instrumento, os informantes assistem pequenos vídeos que mostram eventos recíprocos (conforme *figura*

1 e figura 2). As coletas de dados entre os falantes foram realizadas pelo pesquisador angolano Miguel Lubwato, falante L1 de kimbundu. O escritor Mario Pereira, falante L1 de kimbundu, auxiliou-nos no processo de tradução de textos e sentenças em kimbundu para o português angolano. Os materiais de elicitación, apesar de livres para uso, foram utilizados mediante solicitação de autorização.



*Figura 1 - O pesquisador e consultor Miguel Lubwato coletando dados linguísticos de eventos recíprocos*



*Figura 2- Frame de um dos vídeos durante a elicitación de sentenças recíprocas*

### **3.2.8 Teses e dissertações sobre contato linguístico**

Nas dissertações e teses listadas utilizamos as breves descrições do kimbundu disponíveis nos textos para compreender o funcionamento da gramática da língua a partir

de dados contemporâneos. Nestes trabalhos, encontramos listas de palavras que nos ajudaram a encontrar o significado de algumas palavras, não listadas nos dicionários.

*Antroponímia da língua kimbundu em Malanje* (2015), de João Major Serrote. [Dissertação de Mestrado - Universidade Nova de Lisboa / Portugal]

*Conhecimento das Diferenças Sintáticas Entre a Língua Portuguesa e a Língua Kimbundu* (2017), de Mateus Jacinto Marques Manuel. [Dissertação de Mestrado - Universidade da Beira Interior/ Portugal]

*Desvios na construção da Concordância Nominal e Verbal no Português Falado em Luanda* (2019), Dinis Sebastião Paulo. [Dissertação de Mestrado - Universidade da Beira Interior / Portugal]

*Estudo do Léxico: Antroponímia da Província do Kwanza Norte* (2017), de Mateus Agostinho Matias. [Dissertação de Mestrado – Universidade de Évora/ Portugal]

*Integração morfológica e fonológica de empréstimos lexicais bantos no Português Oral de Luanda* (2019), de Afonso João Miguel. [Tese de Doutorado – Universidade de Lisboa / Portugal]

*Interferência da língua kimbundu no português falado em Kwanza Norte: Alguns casos no Município Sede Cazengo* (2018), João Lourenço Francisco António. [Dissertação de Mestrado - Universidade da Beira Interior/ Portugal]

*Lexicografia bilingue de especialidade e-dicionário português-kimbundu no domínio da saúde* (2015), de Ana Pita Grós Martins da Silva. [Tese de Doutorado - Universidade Nova de Lisboa]

*O uso dos pronomes pessoais retos e oblíquos: Um estudo de caso com alunos da 9ª classe do Complexo Escolar Samora Moisés Machel da província do Kwanza-Norte/Angola* (2018), de Domingos Pedro Arsénio. [Dissertação de Mestrado - Universidade da Beira Interior/ Portugal]

Nesta seção, apresentamos as fontes para a extração de dados linguísticos utilizados nesta dissertação. Utilizamos textos religiosos, gramáticas descritivas, narrativas escritas e orais e dados elicitados de falantes L1 de kimbundu. Indicamos a origem dos materiais consultados e as limitações de cada um deles que vão desde a sistematização tardia da escrita das línguas nacionais angolanas até a dificuldade de identificação das variedades do kimbundu registrados em cada um dos documentos.

## **4. A MORFOLOGIA VERBAL EM KIMBUNDU**

### **4.1 O verbo em kimbundu**

#### **4.1.1 Limites**

Nesta seção, apresentamos os morfemas que ocorrem no verbo em kimbundu. Apresentam-se como prefixos ou sufixos e podem ser obrigatórios ou facultativos. Não discutiremos a semântica destas marcas, porque estamos utilizando dados extraídos majoritariamente de trabalhos que utilizam categorias gramaticais das línguas europeias (e.g. verbo auxiliar) para interpretar os fenômenos em kimbundu. O risco de discutirmos a semântica dos dados em kimbundu a partir das fontes utilizadas, sobretudo históricas, é incorreremos no erro de analisarmos a metalinguagem dos gramáticos europeus e não os significados destas marcas na língua analisada.

#### **4.1.2 Estrutura e as categorias expressas no verbo em bantu**

É amplamente conhecido que a estrutura do verbo é semelhante na maioria das línguas bantu (Nurse & Devos, 2019). O verbo neste grupo linguístico consiste em raiz, prefixos e sufixos derivacionais e flexionais (van der Wal, 2015). Meeussen (1967) elaborou um modelo contendo nove posições verbais nas quais morfemas são dispostos em ordem obrigatória para a construção de diferentes significados. As posições foram denominadas como (1) pré-inicial, (2) inicial, (3) pós-inicial, (4) formativo, (5) limitativo (itivo, inceptivo, narrativo), (6) (a) infixos, (b) radical e (c) sufixo, (7) pré-final, (8) final e (9) pós-final. Segundo Nurse (2008), o conjunto de posições definido por Meeussen (1967) poderia ser dividido em três grupos. O primeiro deles é composto apenas pela posição (6.b), o radical. Trata-se de uma categoria “complemente aberta”, formada por uma variedade de itens já que este grupo possui natureza lexical. No segundo agrupamento encontramos as posições (2), (3), (5), (6.a), (6.c), (7) e (8) que são ocupadas por um pequeno grupo de morfemas que pouco se modificou historicamente, exceto pela formação de alomorfes e poucos membros novos. Já a terceira classe é constituída pelas posições (1), (4) e (9), também composta por um limitado número de elementos, mas suscetível a receber novos materiais por meio de processos de gramaticalização (Nurse, 2008, p. 31).



A estrutura e a terminologia proposta por Meeussen (1967), apesar de ser consistente à luz dos dados linguísticos, foram modificadas. A primeira alteração significativa resultou do interesse de linguistas fora da tradição africanista pelo estudo das línguas africanas, especialmente as línguas bantu. Em razão da colisão terminológica entre os dois grupos, bantuistas e não-bantuistas, tornou-se necessário uma padronização de termos. Desta forma, categorias gramaticais presentes tanto nas línguas bantu quanto em outras línguas naturais passaram a ser denominadas de forma semelhante. A segunda mudança considerável partiu da eliminação de posições e da inserção de categorias mais abrangentes na estrutura proposta. A posição (4), conhecida pelos bantuistas como limitativa e compreendida por um número reduzido de marcas aspectuais com o formato *-ki-* ou *-ka-*, foi eliminada e o seu conteúdo foi transferido para a categoria formativa. Como a categoria formativa possuía majoritariamente morfemas associados a aspecto e tempo, foi denominada como AT (aspecto e tempo). Esta nova definição deixou mais consistente uma categoria que pode ser ocupada por mais de um morfema, o que a torna mais coerente diante do desenvolvimento dos estudos sobre a morfologia verbal das línguas bantu. A partir dessas considerações, analisaremos a estrutura proposta por Nurse & Devos (2019).

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Inicial	Sujeito	Negação	T(A)	Objeto	Raiz	Extensões	Final	Sufixo

*Quadro 2 - Estrutura do Verbo em Bantu - Nurse & Devos (2019)*

As posições à esquerda da raiz e à direita das extensões verbais são espaços onde as flexões ocorrem. A posição inicial é utilizada na maioria das línguas bantu para marcar negação e relativas. Como já mencionado, sabemos que é nesta posição que novos materiais são adicionados na estrutura do verbo. Por isso, além das duas categorias gramaticais comuns à maioria das línguas bantu (negação e relativas), é necessário averiguar cuidadosamente esta posição para notarmos se há ou não novos elementos em uma determinada língua. No espaço destinado às extensões verbais há ocorrência de processos de derivação que são disparados por um pequeno grupo de morfemas que aumentam ou diminuem a valência do verbo. A posição final é geralmente ocupada por marcas de modo e aspecto. Em algumas línguas, encontram-se marcas de negação e tempo. Na posição de sufixo, somente encontramos a ocorrência da categoria de imperativo plural. No entanto, semelhante à posição inicial, trata-se de um espaço no qual

ocorrem acréscimos de materiais gramaticais. Em geral, nas línguas bantu as marcas de tempo estão à esquerda da raiz e os morfemas de aspecto localizam-se à direita. Sendo assim, as marcas aspectuais estão mais próximas da raiz do verbo. Apesar destas considerações, Nurse & Devos (2019) sugerem que o significado de uma forma verbal é flexível e pode ser alterado no discurso. Ressaltam que este fato ocorre com marcas de aspecto e tempo. Portanto, é necessário reconhecer que o sistema verbal ou até mesmo a variação na ordem dos morfemas apresentados não é imutável.

#### 4.1.2 Estrutura e as categorias expressas no verbo em kimbundu

A partir de dados linguísticos extraídos majoritariamente da obra de Chatelain (1888-89), Nurse (2008) analisa a estrutura do verbo nesta língua<sup>24</sup>. Antes de estabelecer o seu modelo, indica que mais dados e análises seriam necessárias para a compreensão do funcionamento do verbo nesta língua. A estrutura proposta é a seguinte:

1	2	3	4	5	6	7	8
Inicial	Sujeito	TA	Objeto	Raiz	Extensões	Final	Sufixo

*Quadro 3 - Adaptado de Nurse (2008) e Nurse & Devos (2019)*

O autor indica que a posição (1) é ocupada pela negação e pelos morfemas que introduzem sentenças relativas. O espaço (2) é reservado para as marcas de sujeito. O ponto (3) é destinado à marcação de tempo e aspecto. O lugar destinado aos objetos fica restrito à posição (4). Nurse (2008) afirma que em kimbundu apenas um dos objetos pode ser marcado nesta posição e quando há ocorrência tanto de objeto direto quanto de objeto indireto na mesma sentença, o indireto tem a preferência pela posição e o objeto direto, se marcado, desloca-se para a posição (8). As raízes verbais ocorrem em (5) enquanto em (6) temos as extensões verbais, também denominadas derivativos verbais. Em (7) há ocorrências das marcas de modo e aspecto. Na posição dedicada aos sufixos, em (8), encontramos o pronome de segunda pessoa do plural *enu* e os pronomes na posição de sujeito em sentenças negativas e na forma enfática do subjuntivo. Ainda é possível encontrarmos marcas de objeto indireto e locativos.

<sup>24</sup> No trabalho de 2008, Nurse ainda utiliza uma terminologia que será alterada em Nurse & Devos (2019). Assim, na descrição da estrutura do verbo em kimbundu, o autor emprega as categorias: Pre-SM – SM – TA – itive – OM – root – EXT – FV – Post-FV. Como mencionamos no subitem 3.1.1, o termo limitativo (itivo, inceptivo ou narrativo) foi eliminado e seu pequeno conjunto de morfemas foi transferido para a categoria formativa. Por sua vez, este último construto foi substituído definitivamente por TA (tempo e aspecto). Sendo assim, adaptamos a estrutura de Nurse (2008) partindo das definições encontradas em seu último trabalho.

Antes de Nurse (2008), Pedro (1993) apresenta uma detalhada descrição da morfologia verbal do kimbundu. Influenciado pelo trabalho de Meeussen (1959, 1967), o autor estabelece oito categorias na estrutura do verbo: (1) pré-inicial, (2) inicial, (3) marca, (4) infixo, (5) radical, (6) sufixo, (7) final e (8) pós-final. Na descrição do autor angolano, a posição pré-inicial (1) pode ser ocupada pela marca de negação, pela marca de imperativo singular e pelo *actualisateur yo-* em algumas construções com verbo no imperfectivo. No espaço nomeado como inicial, (2), notamos as marcas de sujeito, ora ocupada por prefixos pronominais ora pelos marcadores de classes nominais. Na posição (3), identificada como marca, localizamos os morfemas de tempo e modo. Os morfemas de objeto estão na posição (4), nomeada de infixo. O radical se localiza em (5) e é seguido pelas extensões verbais em (6), chamada pelo autor de sufixo. O elemento seguinte, na posição (7), é rotulado como final, espaço reservado para as marcas aspectuais do verbo. Na posição pós-final, (8), temos o que Pedro identifica de índice circunstancial. Nessa categoria, encontramos os locativos (*bu, ku, mu*) e o morfema *-jinga*, que indica eventos repetidos.

A partir da descrição de Nurse (2008) e Pedro (1993), perpassados pelos dados extraídos para as análises deste trabalho, adaptamos a proposta dos autores de forma que os nossos rótulos continuassem respeitando a proposta dos autores, mas ao mesmo tempo se aproximasse das convenções do The Leipzig Glossing Rules (2015). Neste trabalho, não utilizamos as nomenclaturas citadas anteriormente na identificação de cada espaço no verbo em razão do pouco consenso entre os autores, mas deixaremos cada posição marcada por um número, que especificará a ordem dos morfemas. Adaptamos o esquema proposto para que o processo de segmentação morfológico se tornasse mais compreensível e utilizamos abreviações específicas para categorias particulares das línguas bantu e marcas genéricas para as categorias encontradas em outras línguas naturais. Assim, reservamos para cada posição um conjunto de siglas que indicam as categorias gramaticais que ocorrem em cada um dos lugares do verbo.

1	2	3	4	5	6	7	8
NEG IMP.NEG REL ACT	MS PASS (?)	TAM	MO	Radical	EXT	A (PFV, IPFV)	LOC MO

*Quadro 4 - Adaptado de Pedro (1993, p. 239)*

Como observado no *quadro 4*, utilizamos a estrutura de oito posições para o estudo do verbo em kimbundu e os rótulos utilizados perpassam as categorias indicadas tanto por Nurse (2008) quanto por Pedro (1993). Analisaremos cada posição para compreendermos o funcionamento das categoriais indicadas, reconhecermos ausências em relação aos modelos anteriores e propor novas ocorrências.

#### 4.1.2.1 Posição 1

Pedro (1993) afirma que na posição 1 localizamos a negação *ki-*, a marca do imperativo singular negativo *ku-* e a forma *yo-*, classificada como *actualisateur*. A partir dos dados de Chatelain (1888-89), Nurse (2008) propõe que nesta posição encontramos a negação e as marcas de relativa, esta última não identificada por Pedro (1993).

No dado em (1) notamos a ocorrência do morfema de negação antes da marca de sujeito da sentença. A ocorrência encontrada em Pedro (1993) é semelhante à forma indicada por Chatelain (1888-89, p. 31) como sendo o padrão da negação do kimbundu falado no interior de Angola. Para o autor, esta forma de negação é distinta da maneira como a negação é realizada em Luanda, como atestado em (2). Neste último caso, a utilização da negação é facultativa. No entanto, para que o mesmo significado seja mantido sem a ocorrência do morfema de negação, torna-se necessário inserir o pronome pessoal no interior do verbo e o possessivo após o verbo.

Pedro (1993, p. 242)	
(1)	kí-tù-óndo-túnd-à
	NEG-1pl.MS-FUT-sair-IPFV
	Nós não sairemos

Chatelain (1888-89, p. 51)				
(2)	eme	(ki)-ngi	mu-tu	a-ami <sup>25</sup>
	1ps	(NEG)-1ps.MS	1-pessoa	GEN-POSS.1ps
	Eu não sou pessoa			

Em (3) reconhecemos a formação do imperativo afirmativo e negativo em kimbundu. Os dados mostram a ocorrência da marca de negação. Como indicado por

<sup>25</sup> O morfema *ami* é a contração do genitivo *a-* e do prefixo concordante de primeira pessoa do singular *-ami*. Neste dado, apresentamos a forma sem a contração para desvelar o processo de flexão.

Pedro (1993) e Nurse (2008), reconhecemos a forma negativa na segunda pessoa do singular *ku-* e do plural *ki-*.

Chatelain (1888-89, p. 72)				
(3)	banga	bang-enu	ku-bange	ki-nu-bange
	fazer	fazer-2pl	IMP.NEG-fazer	IMP.NEG-2pl-fazer
	faze tu	fazei vós	não façás tu	não façais vós

Em (4) encontramos uma sentença simples e em (5) e (6) duas sentenças encaixadas. No dado (5) a relativa faz referência ao sujeito e em (6) a marca se refere ao objeto da sentença. Observamos que ambos os morfemas estão localizados no início do verbo em uma posição anterior à marca de tempo. Também indicamos que os morfemas de relativas são semelhantes aos prefixos marcadores de concordância nominal. No entanto, precisamos responder o que possibilita interpretações distintas entre as sentenças (5) e (6), já que ambas são idênticas na superfície. Em (5), o item lexical *mutu* ‘pessoa’ é o sujeito da sentença encaixada e, por isso, notamos no verbo a marca *u-*. O objeto é marcado por meio do morfema de primeira pessoa do singular *-ngi-* na posição habitualmente reservada aos objetos. Em (6) ocorre um processo de inversão por meio do qual o sujeito é marcado onde habitualmente encontramos as ocorrências de objeto e, conseqüentemente, o morfema que marca a relativa se encontra no início do verbo (Chatelain, 1888-89, p. 95)

Chatelain (1888-89, p. 95)			
(4)	O	mu-tu	u-Ø-ngi-zol-a
	AUG	1-pessoa	1.MS-PRS-1ps.OBJ-amar-IPFV
	A pessoa ama-me		

Chatelain (1888-89, p. 95)			
(5)	O	mu-tu	u-Ø-ngi-zol-a
	AUG	1-pessoa	1.REL.SBJ-PRS-1ps.OBJ-amar-IPFV
	A pessoa, que me ama		

Chatelain (1888-89, p. 95)			
(6)	o	mu-tu	u-Ø-ngi-zol-a
	AUG	1-pessoa	1.REL.OBJ-PRS-1ps.SUBJ-amar-IPFV
	A pessoa, que eu amo		

No dado em (7) encontramos o *actualisateur yo-* no início do verbo. O conceito de *actualisateur* é uma referência à teoria da enunciação de Bonivini (1988). Bonivini

(1988) sugere que há três categorias de especificidades verbais: *actualisateurs*, *instanciels* e *processifs*. (p. 86). Afirma ainda que o *actualisateur* tem como função “faire passer le procès de la simple virtualité à l'actualisation” (p. 86). Pedro (1993) não faz qualquer distinção ou explicação sobre a ocorrência do *actualisateur*. Não localizamos nenhum outro dado nas gramáticas analisadas que contenham esta marca.

Pedro (1993, p. 242)	
(7)	yó-tù-Ø-tùnd-à
	ACT-1pl.MS-PRES-sair-IPFV
	Nós estamos saindo

Diante da variedade de ocorrências e dos diferentes processos gramaticais encontrados na posição 1, afirmamos que se trata de um espaço produtivo no verbo em kimbundu. Os dados apresentados confirmam a hipótese de Pedro (1993) e Nurse (2008) sobre a ocorrência do morfema de negação *ki-* (NEG), o imperativo negativo singular e plural *ku-* e *ki-* (IMP.NEG), o *actualisateur yo-* (ACT) e os morfemas de relativa (REL).

#### 4.1.2.2 Posição 2

Nesta posição encontramos os marcadores de sujeito, que são constituídos por duas categorias: os prefixos pronominais e os prefixos concordantes de classe. Há consenso entre Pedro (1993) e Nurse (2008) sobre das marcas de sujeito afixadas nesta posição. Os dados em (8) e (9) mostram a ocorrência destes morfemas.

Pedro (1993, p. 243)	
(8)	ng-olody-à
	1ps-PRG-comer-IPFV
	Eu estou comendo

Pedro (2019, p. 45)			
(9)	Nzwa	w-a-sumb-u	di-kalu
	1.Nzwa	1.MS-PST-comprar-PFV	5-carro
	Nzwa comprou o carro		

Em (8) temos uma sentença com o prefixo de primeira pessoa do singular. O verbo possui a marca de progressivo *-olo-* que coocorre com a vogal final *-a-*. A sentença em (9) tem como sujeito *Nzwa*. Em kimbundu, os nomes próprios pertencem à classe 1, que possui entre os seus representantes seres animados e entes racionais. A classe 1 dispara

concordância de sujeito em *u-* e de objeto em *-mu-*. Notamos no verbo a marca de sujeito realizada por meio do prefixo concordante equivalente ao nome. Apesar de seguirmos a proposta gramatical de Chatelain (1888-89), não utilizaremos sua nomenclatura, que denomina as classes nominais como gêneros, nem o pareamento dos morfemas propostos pelo autor. A nossa intenção é aproximar as categorias do nosso trabalho das investigações contemporâneas das línguas bantu.

Ainda discutiremos as construções passivas no capítulo 4. No entanto, sabemos que há uma forte hipótese de que o pronome de terceira pessoa do plural *a-* foi reinterpretado e tornou-se um morfema formador de passivas em kimbundu. Trata-se de um fenômeno conhecido nas línguas do mundo, mas que é particularmente produtivo nas línguas africanas ocidentais (Heine & Kuteva, 2004). Nas línguas bantu este morfema compete com a extensão verbal passiva *-w-*, que é afixada entre a raiz verbal e a vogal final do verbo. Em (10) notamos que o item lexical *dikalú* ‘carro’, que pertence à classe 5, não dispara marca de concordância de sujeito no verbo, mas se encontra marca de objeto objeto. Givón (2006) interpreta este tipo de sentença como resultado do deslocamento à esquerda do argumento interno do verbo, formado com o pronome indeterminado *eles* e marcado pelo morfema *a-* em kimbundu. Esta sentença poderia ser traduzida literalmente por ‘O carro, eles compraram-no pelo Nzwa’. Desta forma, reconheceríamos o verbo na voz ativa, a descrição de um evento com agentividade reduzida e interpretação passiva. Uma das marcas de passado em kimbundu é o morfema *-a-*. Então, reconhecemos um processo de contração entre o pronome de terceira pessoa *a-* e a marca de passado na língua *-a-*. Na sentença abaixo, expandimos os morfemas para evidenciar o fenômeno. Em razão do processo diacrônico de deslocamento à esquerda e da gramaticalização do pronome pessoal em marca de passiva, categorizaremos o morfema *a-* como marcador de passivas na sentença (10). Ainda que controverso, optamos por indicar a marca de passiva (PASS) neste ponto do verbo.

Pedro (2019, p. 45)				
(10)	di-kalu	a-a-di-sumb-a	kwala	Nzwa
	5-carro	PASS-PST1-5.MO-comprar-PFV	PREP	1.Nzwa
	O carro foi comprado pelo Nzwa			

Os dados anteriores mostram que a posição 2 é ocupada pelos marcadores de sujeito. Se considerarmos que ocorreu um processo de gramaticalização da marca de

pronome de terceira pessoa do plural *a-* em um morfema passivo, podemos indicar que esta posição também é ocupada em kimbundu pelo morfema reanalisado.

#### 4.1.2.3 Posição 3 e 7

Nas descrições gramaticais e análises sobre o kimbundu não há controvérsias sobre a posição do morfema de tempo na estrutura do verbo (Chatelain, 1888-9; Batalha, 1891; Magalhães, 1922; Robert, 1923; Baião, 1946; Pedro, 1993; Nurse, 2008; Xavier, 2010). Como explicitamos anteriormente, essa marca se localiza entre o morfema de concordância de sujeito e de objeto. Nurse (2008) indica que temos as seguintes marcas de tempo em kimbundu: presente  $\emptyset$ -, passado 1 e passado 2 *-a-*, futuro 1 *-ondo-*, futuro 2 *-a-* e futuro 3 *-aka-*. Para o autor, a distinção entre o passado 1, 2 e o futuro 2, que possuem a mesma marca, é tonal. Exceto pelo passado 3, encontrado na descrição de Chatelain (1888-9) e marcado também com *-a-*, os morfemas identificados pelo missionário suíço são os mesmos categorizadas por Nurse (2008). Ressaltamos que em Chatelain (1888-9) não há o conceito de distinção tonal. No entanto, é evidente o estranhamento do autor com a pronúncia ora “curta” ora “alongada” de algumas vogais, o que acontece ao analisar o passado 3 e o futuro 1. No primeiro caso, o autor utiliza o sinal gráfico circunflexo para mostrar uma “pronúncia diferente” (p. 44). Já no segundo caso, utiliza o acento grave para não haver confusão entre o futuro 1 e o passado 3. Nas obras de Batalha (1891), Magalhães (1922), Robert (1923) e Baião (1946), que estão mais próximas da publicação de Chatelain (1888-9), a indicação da quantidade de tempos e formas verbais são relativamente semelhantes. Já nas obras de Pedro (1993) e Xavier (2010), apesar de alguma concordância com os trabalhos anteriores, encontramos uma categorização diferente destes morfemas. Ambos os autores reconhecem os mesmos marcadores verbais e utilizam categorias semelhantes para classificá-los: 1) presente  $\emptyset$ -, 2) passado recente e passado remoto *-a-*, 3) irreal (condicional) *-ojo-*, 4) progressivo *-olo*, 5) habitual *-enyu-* e 6) futuro próximo *-ondo-*. Apesar da concordância entre Pedro (1993) e Xavier (2010), notamos que categorias aspectuais, como a habitualidade e a progressividade de um evento, são rotulados como tempo.

O conceito de aspecto em kimbundu surge na obra de Pedro (1993). Depois disso, o encontramos em Nurse (2008) e Xavier (2010). Apesar da abordagem limitada desse aspecto gramatical, os autores reconhecem mudanças na vogal final dos verbos, posição categórica do aspecto em kimbundu, e atribuem o seu resultado a combinação de vogais, consoantes e quantidade de sílabas das raízes verbais. Pedro (1993) e Xavier (2010)



concordam que existem dois tipos de aspecto em kimbundu: perfectivo (*accompli*) e imperfectivo (*inaccompli*). Novamente, assemelham-se ao afirmarem que o imperfectivo é marcado pelo vogal final *-a* enquanto o perfectivo pode ser marcado por todas as outras vogais do kimbundu: *-a*, *-e*, *-i*, *-o* e *-u*. Apesar desta distinção, não explicitam a variedade de marcas aspectuais no passado 2 como identifica Chatelain (1888-89): *-ele*, *-ile*, *-ene*, *-ine*, *-uele*, *-uene*, *-uine*, *-rile*. Precisamos destas distinções para evitar segmentações equivocadas no decorrer das análises. Partindo dos exemplos anteriores, caso não reconhecamos os morfemas de aspecto acima, poderíamos confundi-los com os morfemas aplicativo ou associativo (recíproco). Nurse & Devos (2019) indicam que a categoria de aspecto em bantu é mais fundamental do que o construto de tempo já que o sistema AT (aspecto tempo) foi desenvolvido partindo de uma família linguística, nigero-congolesa, que possuía unicamente aspecto. Outro ponto relevante para os autores é que podemos encontrar mais de um aspecto em algumas formas verbais, inclusive a coocorrência podendo ser marcada. Esta observação explica o uso do progressivo *-olo-* junto com a marcar do imperfectivo *-a* na vogal final (e.g. *Tu-olo-rim-a* ‘Nós estamos cultivando a terra’).

Nesta seção, seguimos Nurse & Devos (2019) na compreensão de que aspecto e tempo não devem ser tratados como conjuntos autônomos, independentes um do outro. Os autores compreendem estas categorias como um “interlocking system”, o que significa percebê-las como fenômenos que coocorrem e são dependentes um do outro. Em bantu, enumeram seis categorias aspectuais: perfectivo (PRF), imperfectivo (IPFV), perfeito (PRF), progressivo (PROG), *persistive* (PER) e habitual (HAB). No entanto, ao identificar as categorias de aspecto em kimbundu, Nurse (2008) indica a ocorrência de cinco: perfectivo (PRF), imperfectivo (IPFV), progressivo (PROG), habitual (HAB) e absoluto (ABSL). É interessante notar que a categoria absoluta (ABSL) não é listada em Nurse & Devos (2019). Até mesmo em trabalho de Nurse (2003) anterior a *Tense and Aspect of Bantu Languages* (2008), este construto não é mencionado como uma categoria aspectual. Em Nurse (2008), que embasa todas as análises de aspecto e tempo, as referências ao absoluto se restringem a uma categoria identificada com “tempos absolutos” em oposição a “tempos relativos”. Não discutiremos pormenorizadamente estes construtos, mas no subitem 3.1.2.3.1 apresentaremos os únicos dois dados rotulados pertencendo à categoria absoluta (ABS) e os colocaremos em discussão. Partindo do ponto de vista descritivo, parece-nos que realmente se trata de uma categoria temporal formada pelo passado 1 e não uma marca de aspecto.

Se as categorias de aspecto e tempo fossem assumidas como categorias interligadas por Pedro (1993) e Xavier (2010), eles notariam que eventos habituais poderiam ocorrer no presente e no passado. Desta forma, evitariam rotular o habitual como uma categoria de tempo. Por esta razão, optamos por abordar as posições 3 e 7 no mesmo subitem. Nurse & Devos (2019) explicitam outro problema comum no trabalho com dados extraídos de gramáticas que é o uso de “terminologia distinta para os mesmos fenômenos” (p. 204). Parte dos dados utilizados nesta seção foram coletados por meio de um instrumento de elicitación do *Tense and Aspect in African Languages*, projeto coordenado por Silvester Ron Simango, da Rhodes University, na África do Sul. Nas análises seguintes, quando os dados não partirem desde questionário, serão referenciados por meio da identificação do autor e do trabalho. Como será notado, os dados elicitados são extensivos para que as formas de tempo e aspecto sejam percebidas em diferentes categorias de verbos e tipos de enunciados<sup>26</sup>.

#### 4.1.2.3.1 Presente

O presente em kimbundu é realizado pela ausência de um morfema na estrutura do verbo. Em (9), as sentenças expressam uma ação ou estado que ocorre concomitantemente ao momento da fala. Os dados em (10) mostram a realização do progressivo no tempo presente por meio do uso do morfema *-mu-*. Nota-se em todas as sentenças a ocorrência da vogal final *-a*, indicando um evento incompleto nas sentenças afirmativas. Os verbos testados no conjunto (9) e (10) podem ser classificados como de atividade (*kusukula* ‘lavar’ e *kuenda* ‘andar’), de movimento (*kuya* ‘ir’), psicológico (*kuawabela* ‘gostar’) e de mudança de estado (*kubanga* ‘fazer’). Exceto pelo verbo *kuenda* ‘andar’, que é intransitivo e possui estrutura sintática SN V, todos os outros são transitivos com estrutura SN V SN. Em nenhum destes verbos notamos objetos marcados, o que reforça a não obrigatoriedade desta marca quando temos apenas um complemento na sentença. No processo de elicitación, sugerimos que o consultor utilizasse o verbo *desenhar*. No entanto, optou pelo item *kubanga* ‘fazer’ e utilizou o item *ifika* ‘imagem’ para construir o significado pedido.

---

<sup>26</sup> A explicação sobre a coleta de dados se encontra no capítulo 2.

(9.a)	Tayla	u-Ø-sukul-a	ma-longa	me <sup>27</sup>
	1.Tayla	1.MS-PRS-lavar-IPFV	6-pratos	POSS
	Tayla lava pratos dela			

(9.b)	Mavuto	u-Ø-y-a	ku-ki-tanda
	1.Tayla	1.MS-PRS-ir-IPFV	LOC-7-mercado
	Mavuto vai ao mercado		

(9.c)	Lweji	w-Ø-awabel-a	di-yala
	1.Lweji	1.MS-PRS-gostar-IPFV	5-homem
	Lweji gosta homem		

(9.d)	Keza	w-Ø-end-a	ni	ka-dimbula
	1.Keza	1.MS-PRS-andar-IPFV	PREP	12-bicicleta
	Keza anda com bicicleta			

(9.e)	Kizuwa	u-Ø-bang-a	i-fika
	1.Kizuwa	1.MS-PRS-fazer-IPFV	8-imagens
	Lit.: Kizuwa faz imagens		
	Kizuwa desenha imagens		

O morfema descrito por Chatelain (1888-89) para a realização do progressivo é *-olo-*. Segundo o autor, esta é a forma amplamente utilizada em Luanda. Indica que este morfema, como demonstrado na sentença *ng-olo-bang-a* ‘Eu estou fazendo’ é a contração de *ng-ala-mu-bang-a* ‘Eu estou fazendo’ utilizada em outras variedades da língua, sobretudo em relação ao que o autor denomina de kimbundu do sertão. Pedro (1993) indica que a forma *-olo-* é a realização da combinação entre os itens *kukala mu ku-*. O autor afirma que o primeiro elemento da estrutura é o verbo ‘estar’, depois o locativo de classe 18 ‘em’ e a marca de infinitivo classe 15. Ressaltamos que nos verbos iniciados por vogais o prefixo *ku-* deve ser afixado no verbo, como notado em (10.d). Além destas duas formas, há outras variações do presente progressivo em kimbundu (e.g: *ng-ala-u-bang-a*, *ng-alo-bang-a*, *ng-alu-banga* e *ng-a-mu-bang-a* ‘Eu estou fazendo’). É interessante notar como o verbo *kuala* ‘estar’ aparece reduzido nas estruturas dos verbos em (10).

(10.a)	Tayla	w-Ø-a-mu-sukul-a	ma-longa	me
	1.Tayla	1.MS-PRS-estar-PRG-lavar-IPFV	6-pratos	POSS
	Tayla está lavando suas louças			

<sup>27</sup> A forma *me* é a contração da preposição *ma* e do pronome *muene* (3ps).

(10.b)	Mavutu	w-Ø-a-mu-y-a	ku-ki-tanda
	1.Mavutu	1.MS-PRS-estar-PRG-lavar-IPFV	LOC-7-mercado
	Mavuto está indo ao mercado		

(10.c)	Lweji	w-Ø-a-mu-zwel-a	ni	di-yala
	1.Lweji	1.MS-PRS-estar-PRG-falar-IPFV	PREP	5-homem
	Lweji está falando com o homem			

(10.d)	Keza	w-Ø-a-mu-kw-end-a	ni	ka-dimbula
	1.Keza	1.MS-PRS-estar-PRG-15-andar-IPFV	PREP	12-bicicleta
	Keza está andando de bicicleta			

(10.e)	Kizuwa	w-Ø-a-mu-bang-a	i-fika
	1.Kizuwa	1.MS-PRS-estar-PRG-fazer-IPFV	8-imagens
	Lit.: Kizuwa está fazendo imagens		
	Kizuwa está desenhando imagens		

Nos quadros abaixo apresentamos um resumo das ocorrências de morfemas no presente não apenas no aspecto progressivo e imperfeito, mas também habitual e absoluto. Destacamos também ocorrências quando ocorrem sentenças negativa. O *quadro 5* foi adaptado de Nurse (2008).

	<b>Imperfeito</b>	<b>Progressivo</b>
<b>Afirmativo</b>	<i>tu-Ø-rim-a</i> 'Nós cultivamos'	<i>tw-olo-rim-a</i> 'Nós estamos cultivando'
<b>Negativo</b>	<i>ki-tu-Ø-rim(i)-etu</i> 'Nós não cultivamos'	<i>ki-tw-olo-rim-etu</i> 'Nós não estamos cultivando'
	<b>Habitual</b>	<b>Absoluto</b>
<b>Afirmativo</b>	<i>tw-enyo-rim-a</i> <i>tw-ene mu-rim-a</i> 'Nós cultivamos'	<i>tw-a-rim-i</i> 'Nós cultivamos'  <i>tw-a-sumb-u</i> 'Nós compramos'
<b>Negativo</b>	<i>ki-tw-enyo-rim-etu</i> <i>ki-tw-eny-etu mu-rim-a</i> 'Nós não cultivamos'	<i>ki-tw-a-rim-i-etu</i> 'Nós não cultivamos'

*Quadro 5 - Resumo das ocorrências do presente em kimbundu.*

O aspecto habitual é marcado pelos morfemas *-enyo-* e *-ene-*. Chatelain (1888-89) indica que estas formas são verbos defectivos que só ocorrem no presente. Este verbo tem como função indicar “existência habitual” e combinado com a preposição *ni* ‘com’ ganha sentido de posse habitual (p. 107). O sufixo *-etu*, que aparece nas construções do imperfeito negativo e no habitual negativo, é o morfema que marca o sujeito na posição final do verbo (Chatelain, 1888-89, p. 154). Anteriormente, apresentamos uma breve discussão sobre o “aspecto” absoluto. Diferentemente de Nurse (2008), pensamos que esta categoria está relacionada com tempo. A combinação dos morfemas de aspecto e tempo categorizada como pertencendo ao aspecto absoluto tem a mesma estrutura do passado 1 em kimbundu. Esta categoria temporal é utilizada para expressar um “estado completo e passado cujo efeito ainda subsiste” (p. 34). A sua estrutura é formada pelo morfema *-a-* e sua vogal final sofre alteração por meio do processo de harmonia vocálica por altura, que é disparado pela vogal da raiz verbal. Comrie (1985) mostra que a diferença entre “tempo absoluto” e “tempo relativo” está no ponto de referência de uma dada situação em relação ao momento. A proximidade entre o tempo presente e o passado 1 é tão comum que em muitos contextos os verbos nesta última categoria são interpretados como se estivessem conjugados no presente. Por outro lado, o passado 2 não possui qualquer relação com o presente, mas exclusivamente com um momento no passado. Trata-se muito mais de uma interpretação dada pelo contexto. Portanto, muito mais próximo do “tempo relativo”.

#### **4.1.2.3.2 Passado**

Os eventos descritos em (11) ocorrem em um momento anterior ao tempo de fala. Em kimbundu, encontramos três passados. O passado 1, também chamado de passado recente, indica um evento ou estado concluído que ainda tem efeito no presente. Já o passado remoto, denominado passado 2, descreve um evento ou estado concluído, mas sem qualquer relação com o presente. O passado 3 indica um evento ainda mais distante do que o remoto. Nos três casos encontramos a mesma marca morfológica *-a-*. Há uma hipótese de que o passado 3 apresente uma distinção tonal dos passados 1 e 2, mas não tivemos condições de verificar este fenômeno.

As sentenças da primeira parte desta seção expressam eventos que poderiam ter sido realizados hoje, ontem e há dois dias. As alterações nas vogais finais dos verbos indicam aspecto e são transformadas por meio de um processo de harmonia vocálica. Para confirmar a manutenção da estrutura das sentenças, acrescentamos nos dados (7), (8), (9), (10) e (11) advérbios de tempo. Comrie (1985) indica que o uso de advérbios (e.g. hoje,

ontem e amanhã) é uma forma de testar como determinadas sentenças se situam em relação ao momento. Caso suas ocorrências sejam gramaticais, estamos diante de construções nas quais o evento tem como referência o momento atual, isto é, seriam categorizadas como pertencentes aos “tempos absolutos”. Nas sentenças apresentadas, pudemos notar gramaticalidade em todos os casos e a manutenção da marca *-a-* sem qualquer alteração morfológica. Testamos possíveis mudanças mediante alterações no contexto, como indicado no *quadro 6*. A nossa intenção foi perceber se extensão ou a interrupção de estados e ações provocava alteração morfológica ou sintática nas sentenças. No entanto, as estruturas das sentenças permaneceram idênticas, exceto pelo uso dos advérbios.

(11.a)	Tayla	w-a-ses-a	di-sanga	dy-a	ulungu
	1.Tayla	1.MS-PST1-moldar-PFV	5-pote	5-GEN	9.barro
	Tayla moldou o pote de barro				

(11.b)	Mavuto	w-a-y-i	ku-ki-tanda
	1.Mavuto	1.MS-PST1-ir-PFV	LOC-7-mercado
	Mavuto foi ao mercado		

(11.c)	Keza	w-a-kob-o	di-yala
	1.Keza	1.MS-PST1-insultar-PFV	5-homem
	Keza insultou o homem		

(11.d)	Lweji	w-a-jik-a	di-bitu
	1.Lweji	1.MS-PST1-fechar-PFV	5-porta
	Lweji fechou a porta		

(11.e)	Kizuwa	w-a-samun-a	ndemba
	1. Kizuwa	1.MS-PST1-pentear-PFV	9.cabelo
	Kizuwa penteou o cabelo		

(12.a)	Tayla	w-a-ses-a	di-sanga	dy-a	ulungu	lelu/maza/mazadina
	1.Tayla	1.MS-PST1-moldar-PFV	5-pote	5-GEN	9.barro	ADV
	Tayla moldou o pote de barro hoje/ontem/anteontem					

(12.b)	Mavuto	w-a-y-i	ku-ki-tanda	lelu/maza/mazadina
	1.Mavuto	1.MS-PST1-ir-PFV	LOC-7-mercado	ADV
	Mavuto foi ao mercado hoje/ontem/anteontem			

(12.c)	Keza	w-a-kob-o	di-yala	lelu/maza/mazadina
	1.Keza	1.MS-PST1-insultar-PFV	5-homem	ADV
	Keza insultou o homem hoje/ontem/anteontem			

(12.d)	Lweji	w-a-jik-a	di-bitu	lelu/maza/mazadina
	1.Lweji	1.MS-PST1-fechar-PFV	5-porta	ADV
	Lweji fechou a porta hoje/ontem/anteontem			

(12.e)	Kizuwa	w-a-samun-a	ndemba	lelu/maza/mazadina
	1. Kizuwa	1.MS-PST1-pentear-PFV	9.cabelo	hoje/ontem/anteontem
	Kizua penteou o cabelo hoje/ontem/anteontem			

Quadro de Alteração de Contextos	
Sentenças	Contexto
<i>Tayla wasesa disanga dya ulungu</i> 'Tayla moldou o pote de barro'	(a) O pote ainda existe (b) O pote está quebrado
<i>Mavuto wayi kukitanda</i> 'Mavuto foi ao mercado'	(a) Mavuto ainda está no mercado (b) Mavuto voltou do mercado
<i>Keza wakobo diyala</i> 'Keza insultou o homem'	(a) O homem ainda está bravo com Keza (b) Keza pediu desculpas e o homem o perdoou
<i>Lweji wajika dibitu</i> 'Lweji fechou a porta'	(a) A porta ainda está fechada (b) A porta está aberta
<i>Kizuwa wasamuna ndemba</i> 'Kizuwa penteou o cabelo'	(a) O cabelo ainda está penteado (b) O cabelo está despenteado

Quadro 6 - Quadro de alteração de contextos. Adaptado de "Tense and Aspect in African Languages"

Os dados em (13) mostram sentenças com o verbo no passado progressivo. Este tempo indica uma ação ou estado durativo em um momento anterior ao ato de fala ou uma ação repetida muitas vezes. Em kimbundu, encontramos apenas uma forma para o progressivo no passado. Ela se dá por meio de um tempo composto formado pelo uso do verbo *kukala* 'estar' conjugado no passado 2 e pelo uso da partícula *ku* antes do radical do verbo. Há variações no kimbundu que alternam a forma *ku* por *mu* como em *ng-a-kex-ile mu-banga* 'Eu estava fazendo'.

(13.a)	Tayla	w-a-kex-ine	ku-sukul-a	ma-longa
	1.Tayla	1.MS-PST2-estar-PFV	15-lavar-IPFV	6-pratos
	Tayla estava lavando pratos			

(13.b)	Mavuto	w-a-kex-ine	ku-y-a	ku-ki-tanda
	1.Tayla	1.MS-PST2-estar-PFV	15-ir-IPFV	LOC-7-mercado
	Mavuto estava indo ao mercado			

(13.c)	Keza	w-a-kex-ine	ku-kwend-a	ni	ka-dimbula
	1.Keza	1.SM-PST2-estar-PFV	15-andar-IPFV	PREP	15-bicicleta
	Keza estava andando de bicicleta				

(13.d)	Lweji	w-a-kex-ine	ku-zwel-a	ni	di-yala
	1.Lweji	1.MS-PST2-estar-PFV	15-falar-IPFV	PREP	5-homem
	Lweji estava falando com o homem				

(13.e)	Kizuwa	w-a-kex-ine	ku-bang-a	i-fika
	1.Kizuwa	1.MS-PST2-estar-PFV	15-fazer-IPFV	8-imagens
	Lit.: Kizuwa estava fazendo imagens			
	Kizuwa estava desenhando imagens			

Além da mudança entre as formas *ku* e *mu* na realização das construções com passado progressivo, notamos também uma mudança no final do verbo. No exemplo formado por *mu*, percebemos que a forma verbal é terminada em *-ile*. Já nos dados em (13), notamos que o sufixo é *-ine*. Pensamos que isto ocorre pela variação da conjugação do verbo *kukala* no passado 2 em duas variedades distintas da língua.

Ainda é necessário fazermos algumas considerações sobre o passado 2. Já havíamos mencionado que encontramos em kimbundu verbos no passado que possuem em seu final uma estrutura silábica formada não apenas por uma vogal -V, como acontece com o passado 1. Mencionamos que fazer esta distinção é necessário para que não ocorram erros durante a segmentação de morfemas e interpretações equivocadas dos dados. As nove formas aspectuais do passado 2 podem ser agrupadas da seguinte maneira: a) -VCV (*-ele*, *-ile*, *-ene*, e *-ine*), b) -VVCV (*-uele*, *-uile*, *-uene*, *-uine*) e -CVCV (*-rile*). As regras de mudanças são baseadas na estrutura silábica das raízes, em suas vogais e consoantes. Não há qualquer distinção no significado dos enunciados em razão das alterações no final das sentenças. Trata-se de fenômenos de caráter estritamente fonético. Vejamos os dados em (14) para verificarmos sua ocorrência.

	(Chatelain, 1888-89, p. 37)
(14.a)	ng-a-ban- <b>ele</b>
	1ps.MS-PST2-fazer-PFV
	Eu fizera

	(Chatelain, 1888-89, p. 38)
(14.b)	ng-a-sumb- <b>ile</b>
	1ps.MS-PST2-comprar-PFV
	Eu comprara



	(Chatelain, 1888-89, p. 39)
(14.c)	ng-a-nan- <b>ene</b>
	1ps.MS-PST2-puxar-PFV
	Eu puxara

	(Chatelain, 1888-89, p. 40)
(14.d)	ng-a-nu- <b>ine</b>
	1ps.MS-PST2-beber-PFV
	Eu bebera

	(Chatelain, 1888-89, p. 41)
(14.e)	ng-a-soku- <b>uele</b>
	1ps.MS-PST2-desmanchar-PFV
	Eu desmanchara

	(Chatelain, 1888-89, p. 41)
(14.f)	ng-a-bat- <b>uile</b>
	1ps.MS-PST2-cortar-PFV
	Eu cortara

	(Chatelain, 1888-89, p. 42)
(14.g)	ng-a-kohu- <b>uene</b>
	1ps.MS-PST2-tossir-PFV
	Eu tossira

	(Chatelain, 1888-89, p. 42)
(14.h)	ng-a-sam- <b>uine</b>
	1ps.MS-PST2-pentear-PFV
	Eu penteara

	(Chatelain, 1888-89, p. 43)
(14.i)	ng-a-tur- <b>rile</b>
	1ps.MS-PST2-descançar-PFV
	Eu descansara

Chatelain (1888-89) afirma que sua descrição sobre o passado 3 não foi satisfatória. Apesar de poucas pistas sobre o funcionamento deste tempo, indica que notou pronúncias distintas nas vogais que compõem o verbo. Para indicar o alongamento destas vogais utiliza o sinal gráfico circunflexo. Nurse (2008) sugere que a distinção entre os passados em kimbundu é tonal. A percepção de Chatelain (1888-89) se não confirma a hipótese do autor, torna-a mais factível já que o missionário suíço aponta em direção a um problema ainda não conhecido em seu tempo. A acuidade de Chatelain (1888-89) é tamanha que percebe as nuances de significação entre as formas e cria um sistema próprio

para marcá-las. Como no passado 1 e 2, o passado 3 também possui o morfema *-a-* em sua marcação.

	(Chatelain, 1888-89, p. 44)
(15.a)	ng-a-sônek-a
	1ps.MS-PST3-escrever-PFV
	Eu escrevi

	(Chatelain, 1888-89, p. 44)				
(15.b)	Eie	u-a-sôt-a	o	mu-kanda	u-na
	2ps	2ps.MS-PST3-procurar-PFV	AUG	3-carta	3.DEM
	Você procurou aquela carta				

Nesta seção analisamos tempo e aspecto dos passados 1, 2 e 3 em kimbundu. Identificamos que todos são marcados pelo morfema *-a-*, mas possuem diferenças significativas tanto nas marcações de aspecto quanto em sua significação em relação ao tempo de fala. Segundo Nurse (200/), o aspecto habitual e o absoluto não ocorrem no kimbundu no passado.

#### 4.1.2.1.2 Futuro

Chatelain (1888-89) e Nurse (2008) indicam que há três futuros em kimbundu. O futuro 1 se refere a um tempo relativamente próximo ao presente. Ambos os autores confirmam que sua marca é *-ondo-*. A hipótese de Chatelain (1888-89) é a de que o morfema formador de futuro resultou de transformações do verbo *kuandala* ‘querer, desejar’, que depois de continuamente modificado chegou à forma descrita. Para reforçar a sua hipótese, indica que encontrou pelo menos quatro formas para expressar o mesmo significado em variedades distintas do kimbundu falado no sertão: *ng-and-a kubanga*, *ng-and-a ubanga*, *ng-and-o banga* e *ng-ond-o banga* ‘Eu farei’. Há ainda outra regra no processo de formação do futuro 1 que está relacionada a ocorrência ou não de vogais no início da raiz do verbo. Caso isso ocorra, o prefixo *ku* deve ser afixado entre a marca de tempo e a vogal inicial da raiz. Ainda devemos nos atentar à relação entre o futuro e a mudança de lugar do sujeito. De acordo com Chatelain (1888-89), no futuro 1 o sujeito “não mudará de lugar” (p. 45), enquanto no futuro (2) e (3) é necessária alteração. Em relação ao futuro 2, o futuro 3 expressa “um tempo [...] com mudança de lugar mais distante que o futuro 3” (p. 47). Após analisarmos os dados oferecidos pelo autor, acreditamos que o deslocamento do sujeito está relacionado à mudança deste ente no eixo

temporal já que as ações e as mudanças de estado estão localizadas em uma posição “antes, depois ou durante o centro dêitico” (Nurse, 2008, p. 87).

Nos dados em (16) encontramos uma série de sentenças simples para observar a formação do futuro 1. Já em (17) inserimos advérbios de tempo nas mesmas sentenças para analisar se continuariam gramaticais e se novos morfemas seriam inseridos na estrutura do verbo.

(16.a)	Tayla	w-endu-sukul-a	ma-longa	me <sup>28</sup>
	1.Tayla	1.MS-FUT1-lavar-IPFV	6-pratos	POSS
	Tayla lavará seus pratos			

(16.b)	Mavuto	w-endu-y-a	ku-ki-tanda	
	1.Mavuto	1.MS-FUT1-ir-IPFV	LOC-7-mercado	
	Mavuto irá ao mercado			

(16.c)	Lweji	w-endu-kob-a	di-yala	
	1.Lweji	1.MS-FUT1-insultar-IPFV	5-homem	
	Lweji insultará o homem			

(16.d)	Keza	w-endu-kw-end-a	ni	ka-dimbula
	1.Keza	1.MS-FUT1-15-andar-IPFV	PREP	12-bicicleta
	Lit.: Keza andarará com bicicleta			
	Keza andarará de bicicleta			

(16.e)	Kizuwa	w-endu-bang-a	i-fika	
	1. Kizuwa	1.MS-FUT1-fazer-IPFV	8-imagens	
	Lit.: Kizuwa fará imagens			
	Kizua desenhará imagens			

(17.a)	Tayla	w-endu-sukul-a	ma-longa	me	lelu/mungu/ mungudina/ mu sona izamu
	1.Tayla	1.MS-FUT1-lavar-IPFV	5-pratos	POSS	ADV
	Tayla lavará seus pratos hoje/amanhã/depois de amanhã/na próxima semana				

(17.b)	Mavuto	w-endu-y-a	ku-ki-tanda		lelu/mungu/ mungudina/ mu sona izamu
	1.Mavuto	1.MS-FUT1-ir-IPFV	LOC-7-mercado		ADV
	Mavuto irá ao mercado hoje/amanhã/depois de amanhã/na próxima semana				

<sup>28</sup> A forma *me* é a contração da preposição *ma* e do pronome *muene* (3ps).

(17.c)	Lweji	w-endu-kob-a	di-yala	lelu/mungu/ mungudina/ mu sona izamu
	1.Lweji	1.MS-FUT1-insultar-IPFV	5-homem	ADV
	Lweji insultará o homem hoje/amanhã/depois de amanhã/na próxima semana			

(17.d)	Keza	w-endu-kw-end-a	ni	ka-dimbula	lelu/mungu/ mungudina/ mu sona izamu
	1.Keza	1.MS-FUT1-15-andar-IPFV	PREP	12-bicicleta	ADV
	Keza andarará de bicicleta hoje/amanhã/depois de amanhã/na próxima semana				

(17.e)	Kizuwa	w-endu-yidik-a	i-zuzumbya	lelu/mungu/ mungudina/ mu sona izamu
	1. Kizuwa	1.MS-FUT1-desenhar-IPFV	9-imagens	ADV
	Kizuwa desenhará imagens hoje/amanhã/depois de amanhã/na próxima semana			

Notamos em (16) e (17) que o marcador de futuro 1 é *-endu-*. A diferença entre o morfema descrito por Chatelain (1888-89) e Nurse (2008) e aqueles demonstrados nos dados anteriores nos parece apenas dialetal, porque o comportamento morfológico e sintático de ambos é idêntico. Em (16.d) reconhecemos o morfema *-ku-* (classe 15) entre a marca de tempo e a raiz do verbo. A função desta afixação é para que não ocorra encontros vocálicos. Esta regra, também notada no passado, parece ser uma restrição geral da língua. Semelhantemente ao que ocorreu com as formas do passado 1, a inserção dos advérbios de tempo não resultou em alterações na estrutura do verbo, nem tornou as sentenças agramaticais. Precisamos ressaltar também que o significado das sentenças permanece idêntico. Notamos uma variação lexical entre as sentenças (16.e) e (17.e), mas não há alterações na estrutura no verbo. Pedro (1993) e Xavier (2010) denominam esta ocorrência como “intencional”, que expressa a percepção do falante sobre um “evento que ocorrerá ou tem a intenção de ocorrer” (Xavier, 2010, p. 120). De acordo com Xavier (2010), a tradução mais apropriada para a sentença *ng-ondo-tunda* é ‘tenho a intenção de sair/estou querendo sair’ (p. 120). A partir dos dados apresentados em (17) e dos que seguirão em (18) e (19), voltamos a discutir a nossa hipótese sobre a mudança de lugar do sujeito no eixo do tempo (*location in time*) para reafirmar que Chatelain (1888-89) não se refere ao deslocamento espacial do sujeito, mas temporal. Em kimbundu, os locativos são *mu*, *bu* e *ku*. Eles podem aparecer nas sentenças como prefixos, sufixos e em sua forma absoluta a partir de regras específicas de uso e diferentes funções gramaticais. Enquanto sufixo, o locativo funciona como locução adverbial. Já na forma absoluta, pode

ser interpretado como preposição. Independente do seu significado, estas formas devem aparecer nas sentenças. Nos dados (16.b) e (17.b) notamos sentenças o verbo mudança de lugar *kuya* ‘ir’. Apesar disso, as construções estão marcadas com o morfema *-endu-* (futuro 1), que ocorre quando “o sujeito não mudará de logar” (p. 45). Se a afirmação de Chatalin (1888-89) estivesse se referindo ao deslocamento espacial, as sentenças deveriam ser marcadas com *-a-* (futuro 2) ou *-aka-* (futuro 3). Somado a isso está o fato de que nas duas sentenças encontramos o prefixo locativo no item lexical *kitanda* ‘mercado’. Desta forma, pensamos que marcação dos verbos com o morfema *-a-* do futuro 1 ocorre em função da proximidade deste tempo com o presente e não com o caráter estático do sujeito, o que os dados (16.b) e (17.b) contrariam.

Chatelain (1888-89) indica que o elemento que distingue o futuro 1 do futuro 2 é o fato do sujeito “mudar de lugar”, de ser locativo (p. 46). Continuamos defendendo que o deslocamento do sujeito, como sugerido por Chatelain (1888-89), dá-se em relação ao tempo e não ao espaço. No caso do futuro 2, afirmamos que se trata de um tempo subsequente ao presente momento (centro dêítico) e ao futuro 1. Chatelain (1888-89) afirma que a formação deste tempo é idêntica ao passado 3. No entanto, distingue-se deste último pela pronúncia, porque “desaparece o som prolongado [...] e a vogal final pronuncia-se, suspendendo um tanto a expiração da voz” (p. 46). A afirmação anterior parece indicar que o missionário suíço percebe, por meio do seu método comparativo, as distinções tonais mesmo sem conhecer este construto teórico. Em (18) extraímos todas as sentenças da explicação deste ponto gramatical explanado pelo autor. Ele utiliza verbos de atividade indicando ação ou processo (e.g. *kubuza* ‘arrancar’, *kukina* ‘dançar’, *kubazela* ‘ralhar’ e *kulundula* ‘herdar’) e de mudança de estado (e.g. *kubanga* ‘fazer’ e *kubola* ‘apodrecer’). A sentença em (18.f) contém o pronome interrogativo *nanii* ‘quem’. Esta marca é invariável e retoma exclusivamente pessoa, o que pode justificar o uso da marca de sujeito *u-* pertencente à classe 1.

	Chatelain (1888-89, p. 46)				
(18.a)	muene	u-a-buz-a	o	tu-mixi	tu-ná
	3ps	3ps.MS-FUT2-arrancar-IPFV	AUG	13-arbustos	13-DEM
	Ele arrancará estes arbustos				

	Chatelain (1888-89, p. 46)			
(18.b)	o	ji-niiki	j-a-bang-a	u-iki?
	AUG	10-abelhas	10.MS-FUT2-fazer-IPFV	14-mel?
	As abelhas farão mel?			

	Chatelain (1888-89, p. 46)			
(18.c)	o	xitu	i-enu	i-a-bol-a?
	AUG	9.carne	9-POSS	9.MS-FUT2-apodrecer-IPFV?
	A carne minha apodrecerá?			

	Chatelain (1888-89, p. 46)				
(18.d)	o	tu-hetu	tu-a-kin-a	ni	u-suku?
	AUG	13-meninas	13.MS-FUT2-dançar-IPFV	PREP	14-noite?
	As meninas dançarão com noite?				

	Chatelain (1888-89, p. 46)					
(18.e)	o	ndandu	i-enu	i-a-bazel-à	m-ona	a-mi?
	AUG	9.parente	9-POSS	9.MS-FUT2-ralhar-IPFV	1-filho	GEN-POSS
	O parente ralará filho meu?					

	Chatelain (1888-89, p. 46)				
(18.f)	Nanii	u-a-lundul-à	o	soba	i-ná?
	PRON.INT	1.MS-FUT2-herdar-IPFV	AUG	9.soba/cebefe	9-DEM
	Quem herdará o soba/cheefe aquilo?				

O futuro 3, como indica Chatelain (1888-89), é um tempo com mudança de lugar “mais distante que o futuro 2”. Além disso, este tempo consiste, na perspectiva do autor, em uma extensão do futuro 2. Indica que a marca deste tempo é *-ka-*, que deve ser adicionado entre o radical e a marca de sujeito. Utiliza a sentença *nga-ka-banga* “Hei de fazer” (p.47). Para validar a permanência do *-a* junto ao sufixo pronominal de sujeito, o chama de “aumento”. Nurse (2008) propõe outra divisão de morfemas e sugere que o “aumento” fique junto da marca de futuro. Desta forma, teríamos *-aka-*, como na sentença *tw-aka-rim-a* “Nós cultivaremos”. Em nossas análises optamos por traduzir este tempo verbal para a conjugação no futuro do presente e não pela perífrase com verbo haver como utilizada por Chatelain (1888-89). A definição de Nurse (2008) é mais precisa e a adotaremos neste trabalho. A metalinguagem utilizada por Chatelain (1888-89) para descrever o passado e o futuro são relativamente similares. O paradigma do autor em relação ao tempo é que este construto é apenas relativamente linear. Em outras palavras, a partir de suas definições sobre o passado compreendemos que esta categoria pode ser identificada precisamente em relação ao momento presente. Portanto, o passado, como afirma Comrie (1985, p. 44), seria “mais definido do que o futuro”. Já a descrição de

Chatelain (1888-89) sobre o futuro parece mais incerta e em suas explicações notamos o movimento de um “sujeito locativo” em um espaço de tempo que não tem mais referência o momento da fala. Comrie (1985, p. 43) define o futuro com um tempo “necessariamente mais especulativo, em que cada predição que fazemos sobre o futuro pode ser mudada por eventos intervenientes, incluindo a nossa própria intervenção consciente”. Pensamos que esta é a concepção epistemológica de Chatelain (1888-89) sobre o tempo futuro: ainda linear, passível de ser percorrido, mas com menos nitidez sobre o ponto de chegada. Os dados em (19) indicam a formação do futuro 3.

	Chatelain (1888-89, p. 47)				
(19.a)	ene	a-aka-kai-es-a	o	ji-ngulu	j-enu
	3pl	3pl.MS-FUT3-afujentar-CAUS-IPFV	AUG	10-porcos	10-POSS
	Eles farão afujentar os porcos meus				

	Chatelain (1888-89, p. 47)			
(19.b)	eme	ng-ake-bul-a	kuku	etu
	1ps	1ps.MS-FUT3-atender-IPFV	9.avô	1pl.POSS
	Eu atenderei avô nosso			

	Chatelain (1888-89, p. 47)				
(19.c)	m-ona	enu	u-aka-kal-a	ni	u-haxi
	1-filhos	2pl.POSS	1.MS-FUT2-estar-IPFV	PREP	14-doença
	Filhos vossos estarão com doença				

	Chatelain (1888-89, p. 47)				
(19.d)	enu	nu-aka-zuik-a	o	ji-poko	j-etu?
	2pl	2pl.MS-FUT3-amolar-IPFV	AUG	10-facas	10-POSS
	Vós amolareis as facas minhas?				

	Chatelain (1888-89, p. 47)			
(19.e)	mu-kaji	é	u-aka-kun-a	nii?
	1-esposa	POSS	1.MS-FUT3-semear-IPFV	PRON.INT
	Esposa sua semeará o quê?			

Os dados em (19) demonstram ocorrências de sentenças no futuro 3 que foram extraídas da obra de Chatelain (1888-89). Elas exemplificam o uso do morfema *-aka-* entre a marca de sujeito e a raiz do verbo. As ocorrências demonstram regularidade, inclusive em sentenças interrogativas. Destacamos que em (19.a) notamos a ocorrência de um morfema causativo entre a raiz verbal e a vogal final. Mesmo nesta circunstância, não há qualquer alteração no processo de formação deste tempo verbal. Em (20),

mostramos sentenças com verbos no progressivo para os futuros 1, 2 e 3. A marcação do progressivo com *mu-* e não *ku-* é uma diferença dialetal e sua distinção não promove alteração gramatical.

	Nurse (2008, apêndice 1, s/p)	
(20.a)	tw- <b>ondo</b> -kal-a	<b>mu</b> -rim-a
	1pl.MS-FUT1-estar-IPFV	PROG-cultivar-IPFV
	Nós estaremos cultivando	

	Nurse (2008, apêndice 1, s/p)	
(20.a)	tw- <b>a</b> -kal-a	<b>mu</b> -rim-a
	1pl.MS-FUT2-estar-IPFV	PROG-cultivar-IPFV
	Nós estaremos cultivando	

	Nurse (2008, apêndice 1, s/p)	
(20.a)	tw- <b>aka</b> -kal-a	<b>mu</b> -rim-a
	1pl.MS-FUT3-estar-IPFV	PROG-cultivar-IPFV
	Nós estaremos cultivando	

Neste subitem investigamos as ocorrências de aspecto e tempo em kimbundu. Utilizamos dados extraídos de Chatelain (1888-89), Pedro (1993), Nurse (2008) e Xavier (2010), que discutem estes construtos e o posicionamento destes morfemas no verbo. Partimos de duas propostas de estrutura desta categoria gramatical. Primeiro, analisamos a proposição de Nurse & Devos (2019) para as línguas bantu. Depois, adaptamos Nurse (2008) à luz do seu último trabalho e a contrastamos com a descrição de Chatelain (1888-89) e a investigação de Pedro (1993). Partimos de uma perspectiva que considera aspecto e tempo categorias muitas vezes dependentes e que precisam ser analisadas muitas vezes a partir da sua coocorrência. Percebemos também que mesmo as alterações dialetais, como o uso do marcador de futuro 1 *-endu-* e *-ondo-* não promovem alterações na estrutura gramatical da sentença, inclusive do ponto de vista semântico.



#### 4.1.2.4 Posição 4

Pedro (1993) e Nurse concordam que a posição 4 em kimbundu é reservada para a marcação de objeto. Ela está em uma posição imediatamente anterior à raiz do verbo que também é ocupada pelo reflexivo *-di-*, *-ri-* ou *-li-*. Em kimbundu, o reflexivo também marca recíprocas. As distinções sobre as formas do reflexivo/recíproco destacadas anteriormente têm caráter estritamente dialetal.

Em (21) encontramos duas sentenças com o verbo bitransitivo *kusoneka* ‘escrever’, que possui estrutura sintática SN V SN (SP). Como é possível notar, a estrutura argumental em (21.a) e (21.b) está saturada. Segundo Nurse (2008), quando temos uma sentença com objeto direto (OD) e objeto indireto (OI), o OI é marcado na posição tradicional (adjacência ao verbo) enquanto o OD ocupa a posição final. Alternamos a posição dos objetos do verbo na sentença e não ocorreu que não há alteração morfológica. Estas ocorrências são altamente produtivas no kimbundu contemporâneos e podem indicar um novo comportamento morfossintático da língua.

(21.a)	o	mu-longi	w-a-sonék-a	mi-kanda	kwa	mu-kulundi
	AUG	1-aluno	1.MS-PST1-escrever-PFV	4-cartas	PREP	1-diretor
	O aluno escreveu cartas para o diretor.					

(21.a)	o	mu-longi	w-a-sonék-a	mu-kulundi	mi-kanda
	AUG	1-aluno	1.MS-PST1-escrever-PFV	1-diretor	4-cartas
	O aluno escreveu para o diretor cartas.				

Nas sentenças em (22) encontramos o verbo *kujiba* ‘matar’, que indica ação-processo. O sujeito prototípico deste verbo tem papel semântico de agente/causa. Em (22.a) Madya, que ocupa posição de sujeito, dispara concordância no verbo. No entanto, o OD da sentença, *dibengu* ‘rato’, não é marcado como objeto. Em (22.b), deslocamos o objeto para o início da sentença, mas sem alterar a sua função sintática ou papel semântico. Neste caso, a marca de OD aparece na sua posição canônica, depois da marca de tempo e antes da raiz do verbo.

(22.a)	Madya	w-a-jib-a	di-bengu
	1.Madya	1.MS-PST-matar-PFV	5-rato
	Maria matou o rato		

(22.b)	o	di-bengu	a-Ø-di-jib-a	ni	ku-lenguluka
	AUG	5-rato	3pl-PRS-5.MO-matar-IPFV	PREP	15-rapidez
	Rato, eles o matam com rapidez				

Em (23) notamos a ocorrência de morfemas pronominais na posição de objeto das sentenças. Os pronomes pessoais aparecem também na forma absoluta e na função de marcadores de sujeito junto ao verbo. No entanto, nas circunstâncias anteriores são afixados em outros pontos do verbo. Tanto em (23.a) quanto (23.b) encontramos a marca de 1 pessoa do singular *-ngi-* na posição de objeto da sentença.

	Chatelain (1888-89, p. 73)			
(23.a)	muene	u-a-ngi-bet-ele		kiavulu
	3ps	3ps.MS-PST2-1ps.OBJ-bater-PFV		ADV
	Ele bateu-me muito			

	Chatelain (1888-89, p. 73)			
(23.b)	o	ma-kamba	m-etu	ma-ng-ixan-a
	AUG	6-amigos	6-POSS	6.MS-1ps.OBJ-chamar-IPFV
	Os amigos meus chamam-me			

No conjunto de dados em (24) e (25), notamos o marcador reflexivo na posição de objeto das sentenças. Em (24), o morfema desempenha a função de reflexivo enquanto em (25) a sua função é recíproca. Discutiremos no capítulo 6 a formação destas construções, mas indicamos que a extensão verbal recíproca/associativa *\*-na-* em protobantu não é produtiva em kimbundu e a sua função foi substituída pelo reflexivo. Em (25.b), o verbo no infinitivo é *ku-menekena* ‘cumprimentar, saudar’. Levantamos a hipótese sobre a coocorrência do morfema reflexivo e do morfema recíproco. No entanto, a forma verbal *kumeneka* tem como significado ‘acordar cedo, madrugar’.

(24.a)	o	Nzwa	w-a-di-bonz-ele
	AUG	1.Nzwa	1.SM-PST-RFX-entristecer-PFV
	João entristeceu-se		

(24.b)	o	Madya	w-a-di-kwam-a	ni	poko
	AUG	1.Madya	1.MS-PST-RFX-cortar-PFV	PREP	9.faca
	Maria cortou-se com a faca				

(25.a)	Chatelain (1894)	
	tw-a-di-tak-an-a	
	1pl-PST-RFX-reencontrar-ASS-PFV	
	Nós nos reencontramos	

(25.b)	Chatelain (1894, p. 61)	
	u-Ø-tul-a	a-Ø-di-meneken-a
	3ps-PRS-tul-a	3pp-PRS-RFX-cumprimentar-IPFV
	Ela chega, eles se cumprimentam	

#### 4.1.2.5 Posição 5

Na posição 5 encontramos o radical dos verbos. Se por um lado, não há controvérsias sobre sua posição em sua estrutura, temos encontrado divergências sobre a estrutura silábica da base verbal em kimbundu. A estrutura proposta por Pedro (1993) segue o modelo de seis combinações entre consoantes e vogais: 1) -C-, 2) -VC-, 3) -CC-, 4) -CVC-, 5) -CCVC- e 6) -VCVC-. No entanto, Xavier (2010) propõe apenas quatro: 1) -C-, 2) -CV-, 3) -CVC- e 4) VC-. Vejamos o dado em (25) para notarmos a posição da raiz verbal.

	Pedro (1993, p. 244)
(25)	nw-olo- <b>zek</b> -a
	2pl-PRG-dormir-IPFV
	Tu estás dormindo

O reconhecimento da raiz verbal é fundamental para o trabalho que desenvolvermos nos capítulos 4 e 5, porque segmentá-la corretamente é um aspecto fundamental para notarmos o funcionamento das extensões verbais, tempo e aspecto dos verbos. Os dicionários disponíveis em kimbundu apresentam os verbos já com as extensões verbais afixadas, o que aumenta a necessidade de acuidade na segmentação do verbo.

#### 4.1.2.6 Posição 6

A posição 6 é ocupada pelas extensões verbais, também conhecidas como derivativos verbais. Esses morfemas são afixados entre a raiz de um verbo e sua vogal final e podem ter como efeito desde mudanças de sentido até alterações em sua transitividade e, conseqüentemente, em sua estrutura argumental. Segundo Hyman (2007), esses sufixos verbais, também comuns em outras línguas da família nigero-congolesa, podem: 1) aumentar a valência dos verbos (causativa, benefactivo, dativo,

instrumental, locativo, etc); 2) diminuir a valência dos verbos (passiva, recíproco, estativa, média, etc); 3) reorientar uma ação (reversivo, direcionais – fonte/alvo, direção da enunciação, etc) e 4) marcar o aspecto (resultativo, perfectivo, imperfectivo, etc). Este grupo de morfemas será cuidadosamente analisada no capítulo 4 e 5. No entanto, apresentaremos no *quadro 7* as extensões verbais reconhecidas em kimbundu. Utilizamos o trabalho de Baião (1946) que faz um levantamento extensivo destes morfemas e de outras formas importantes para o verbo em kimbundu. Para percebermos o funcionamento destes morfemas em uma sentença, utilizamos o reversivo transitivo para explicitar a formação.

Forma	Verbo	Significado
Ativo	ku-jik-a	fechar
Reversivo Intransitivo	ku-jik- <b>uk</b> -a	estar aberto
Reversivo Transitivo	ku-jik- <b>ul</b> -a	abrir
Reflexiva (1)	ku- <b>ri</b> -jik- <b>ul</b> -a	abrir-se
Reflexiva (2)	ku- <b>ri</b> -jik-a	fechar-se
Aplicativo	ku-jik- <b>il</b> -a	fechar por alguém
Causativo	ku-jik- <b>is</b> -a	fazer fechar
Iterativa	ku- <b>jik</b> -a- <b>jik</b> -a	fechar muitas vezes
Repetitiva	ku-jik-a- <b>jinga</b>	fechar frequentes vezes
Frequentativa	ku-jik-uj- <b>ul</b> -a	abrir muitas vezes

*Quadro 7 - Formas verbais e extensões verbais em kimbundu. Adaptado de Baião (1946)*

	Pedro (1993, p. 245)		
(25)	ng-a-jik- <b>ul</b> -a	o	di-bitu
	1ps.MS-PST1-fechar-REV-PFV	AUG	5-porta
	Eu abri a porta		

## 4.2 Quadros das marcas nominiais, concordâncias e formas verbais

Após apresentarmos cada uma das posições do verbo nas seções anteriores, mostraremos dois quadros relevantes para o nosso trabalho. No primeiro dele, encontramos as classes nominiais do kimbundu e os prefixos concordantes (Bonvini, 1996). Depois, mostraremos em um painel sinóptico no qual indicamos quais morfemas ocorrem em cada uma das posições discutidas (Pedro, 1993). Estas informações são

fundamentais para compreendermos nos próximos capítulos o funcionamento das construções passivas e das extensões verbais médias.

### Quadro das Marcas Nominais e Prefixos Concordantes

		Marca nominal (CL)	Prefixo pronominal (PP)	Marca de sujeito (MS)	Marca de objeto (MO)	Conectivo	Valor dominante	Exemplo
			ngi-	ngi-	ngi-			
			u-	u-	u-			
			tu-	tu-	tu-			
			nu-	nu-	nu-			
<b>Classes</b>	1	mu-	u-	u-	um-	wa	Humanos	mùtù << pessoa >>
	2	a-	a-	a-	a-	a		àtù << pessoas >>
	3	mu-	u-	u-	u-	wa	Plantas, objetos	mùxi << árvore >>
	4	mi-	i-	i-	i-	ya		mìxì << árvores >>
	5	di-	di-	di-	di-	dya	Corpos, coletivo, líquidos, plantas	dìzwi << língua >>
	6	ma-	ma-	ma-	ma-	ma		màzwi << línguas >>
	7	ki-	ki-	ki-	ki-	kya	Objetos manufaturados	kinù << pilão >>
	8	i-	i-	i-	i-	ya		ìnù << pilões >>
	9	i- ou Ø	i-	i-	i-	ya	Animais, fenômenos naturais	hòmbò << cabra >>
	10	ji-	ji-	ji-	ji-	ja		jihòmbò << cabras >>
	11	lu-	lu-	lu-	lu-	lwa	Objetos	lùmú << mur >>
	12	ka-	ka-	ka-	ka-	ka	Diminutivo	kàmbwà << cão >>
	13	tu-	tu-	tu-	tu-	twa		tùmbwà << cães >>
	14	u-	u-	u-	u-	wa	Abstrato, caminho	ùkàmbà << amizade >>
	15	ku-	ku-	ku-	ku-	kwa	Infinitivos	kùyà << ir >>

<b>Locativo</b>	16	bu-	bu-	bu-			localização específica	bùlù <<no céu>>
	17	ku-	ku-	ku-			Em, em direção, dentro	kùkù <<par ici>>
	18	mu-	mu-	mu-			Dentro	mùbàtà <<dentro da casa>>
<b>Reflexivo</b>					-di-			

*Quadro 8 - Quadro das Marcas Nominais e Prefixos Concordantes (Extraído de Bonvini, 1996)*

### Quadro de distribuição de morfemas verbais indicados pela posição no verbo

1	2	3	4	5	6	7	8
ki- kù yo-	ngi- u- tu- nu-  u- a- u- i- di- ma- ki- i- i- ji- lu- ka- tu- u- ku- bu- ku- mu-	-á- -zéro- -ojo-  -olo- -enyu- -ondo-	-ngi- -ku- -tu- -nu-  -u- -a- -u- -i- -di- -ma- -ki- -i- -i- -ji- -lu- -ka- -tu- -u- -ku- -bu- -mu- -di- (reflexivo)	Radical	-il- -is- -ik- -im- -al- -am- -an- -uk- -ul-	-a- -e-	-bù -ku -um -jinga

*Quadro 9 - Quadro de distribuição de morfemas verbais indicados pela posição no verbo (Extraído de Pedro, 1993)*

Nesta seção, discutimos cada posição do verbo em kimbundu apresentando a proposta de Chatelain (1888-89), Pedro (1993), Nurse (2008) e Xavier (2010). Utilizamos dados dos próprios trabalhos e elicitados para verificar o funcionamento de cada uma das posições, suas consistências, problemas de definição e inconsistência na segmentação de morfemas e o efeito problemático nas análises.

## 5. A VOZ PASSIVA EM KIMBUNDU

### 5.1 A voz passiva em bantu

As línguas bantu possuem uma série de sufixos verbais, conhecidos na literatura bantuista como morfemas derivativos ou extensões verbais. Esses sufixos, que podem ser afixados entre a raiz e vogal final dos verbos, promovem alteração de valência e em alguns casos mudam o significado de um verbo. O morfema marcador de passivas neste grupo de línguas foi reconstruído como *\*-u-* (Meeussen, 1967), *\*-ʊ-/\*-ibʊ-* (Stappers, 1967) ou *\*-ʊ-/-ibʊ-* (Schadeberg, 2013) e se realiza na maioria das línguas por meio da marca *-w-* e seus alomorfes. Notamos nas sentenças (1.b) e (2.b) processos de passivização em swahili e lunda utilizando a extensão verbal passiva *-w-*<sup>29</sup>.

(1.a)	Swahili (Bearth, 2003, pg. 135)		
	m-toto	a-me-let-a	ki-tabu
	1-child	1.MS-ANT-bring-VF	7-livro
	The child brought the book		

(1.b)	Swahili (Bearth, 2003, pg. 135)		
	ki-tabu	ki-me-let-w-a	(na m-toto)
	7-livro	7.MS-ANT-bring-PASS-VF	(by 1-child)
	The book was brought by the child		

(2.a)	Lunda (Kawasha, 2003, pg. 328)		
	kapela	na-sum-i	ka-sumbi
	snake	3ps.PERF-bite-VF	12-domestic fowl
	A snake has bitten a domestic fowl		

(2.b)	Lunda (Kawasha, 2003, pg. 328)		
	ka-sumbi	na-sum-ew-i	
	12-domestic fowl	3ps-PERF-bite-PASS-fv	
	A domestic fowl has been bitten		

No entanto, as línguas bantu não possuem uma única maneira de realizar processos de passivização. A literatura tem reconhecido duas outras formas de construção de passivas neste grupo de línguas. A primeira delas é chamada de “passiva funcional”, que resulta da flexibilidade da ordem das palavras em bantu (van der Wal, 2015). Outra estratégia é a formação de passivas pelo uso da terceira pessoa do plural (Givón, 2006;

<sup>29</sup> Nos dados extraídos de trabalhos descritivos ou análises linguísticas, mantivemos a análise que os autores fizeram dos morfemas e as suas traduções. Quando possível, alteramos os rótulos das glosas para haver o mínimo de padronização.

Kula & Marten, 2010). Vejamos estas construções nos dados de matengo em (3) e lunda em (4).

	Matengo (van der Wal, 2015, p. 22)		
(3.a)	lindilíisa	ju-hogw-i	Jóoni
	5.window	1.MS-open-PERF	1.John
	The window, John opened it		
	The window was opened by John'		

	Matengo (van der Wal, 2015, p. 22)		
(3.b)	(What about Anna?)		
	Ju-lap-ui	Jóoni	
	1MS-hit-PFV	1.John	
	She was bit by John		

	Lunda (Kawasha, 2003, p. 330-331)		
(4.a)	chi-binda	wu-a-tambik-a	ka-ansi
	7-hunter	3ps-PST-call-VF	12- child
	The hunter called the child		

(4.b)	a-a-tambik-a	ka-ansi	(kudi chi-binda)
	3pl-PST-call-VF	12-child	(by 7-hunter)
	The child was called by the hunter		

Nas sentenças em (3), notamos que a interpretação passiva é resultado da inversão do sujeito. Em (3.a) temos uma sentença na ordem OVS (Objeto – Verbo – Sujeito) e em (2.b) a ordem é VS (Verbo - Sujeito). Segundo van der Wal (2015), as construções acima não devem ser explicadas apenas sintaticamente, mas também a partir dos termos da sua estrutura informacional: “demover o sujeito de seu papel canônico e codificar o objeto como tópico” (p. 22).

Notamos que em (4.b) temos o que Kawasha (2003) vai intitular de “passiva não-promocional”. Nesse tipo de construção, o objeto direto não é promovido à posição de sujeito e utiliza a terceira pessoa do plural (*a* = eles), impessoal, como prefixo. Por fim, um não-agente é topicalizado. O sujeito *chibínda* ‘caçador’ em (4.a) pode ser demovido para a posição *by-phrase* e será introduzido pela preposição *kúdi*. Segundo Givón (1990), a forma de passivização do lunda, é comum às línguas que estão na fronteira de Angola, Congo e Zâmbia. Esta estratégia derivada de duas construções: 1) topicalização do objeto *L-dislocation* e 2) supressão do sujeito pelo uso do pronome impessoal ‘they’ (*a*=eles). Kawasha (2003) afirma que a passiva não-promocional é “largamente dependente de sua



função semântica e pragmática mais do que das propriedades estruturais” (Kawasha, 2003, p. 330).

Nesta seção, pudemos perceber três formas passivização nas línguas bantu. A primeira delas, conhecida como passiva canônica, acontece por meio da afixação do morfema derivativo *-w-* entre a raiz do verbo e sua vogal final. Depois, notamos as passivas funcionais, que têm na ordem das palavras o seu fator determinante. Além disso, mostramos sentenças que utilizam o pronome de terceira pessoa do plural afixado ao verbo como estratégia de passivização e impessoalização. Destacamos que Schadeberg (2003) e Schadeberg & Bostoen (2019) indicam outras formas de passivização em bantu. No entanto, estas formas serão discutidas a seguir. Dividiremos a nossa discussão partindo da caracterização de passivas em pessoais e impessoais.

## **5.2 As passivas pessoais nas línguas bantu**

Os estudos sobre a voz verbal, especificamente a voz passiva, sempre ocuparam um lugar de destaque nas reflexões linguísticas. Desde os gramáticos gregos e latinos, passando pelas diversas tradições e abordagens teóricas, as passivas receberam análises e tratamentos variados e ainda hoje notamos o desenvolvimento de estudos tipológicos que tentam apresentar propriedades específicas deste fenômeno. Segundo Siewierska (2013), as passivas podem ser tratadas como canônicas ou prototípicas. As propriedades da passiva prototípica são:

1. contrasta com outra construção, a ativa;
2. o sujeito da ativa corresponde a um argumento obliquo não obrigatório de uma passiva ou não é expresso abertamente;
3. o sujeito da passiva, se houver, corresponde ao objeto direto de uma ativa;
4. a construção é pragmaticamente restrita em relação à ativa;
5. a construção exibe uma marcação morfológica no verbo.

Esse conjunto de características é notado em (5) por meio das seguintes características: 1) o contraste entre uma sentença ativa (5.a) e uma passiva (5.b); 2) o argumento obliquo da passiva na sentença (5.b) corresponde ao sujeito da sentença ativa em (5.a); 3) o sujeito da sentença passiva (5.b) corresponde ao objeto direto da ativa (5.a);

4) a interpretação pragmática de (5.b) é restrita em comparação à correspondente ativa (5.a); e 5) a marca morfológica de passiva -w- é exemplificada em (5.b).

	Swahili (Ashton 1947, p. 224)		
(5.a)	Hamisi	a-li-pik-a	chakula
	Hamisi	3ps-PST-cook-ind	food
	Hamisi cooked the/some food		

	Swahili (Ashton 1947, p. 224)		
(5.b)	chakula	ki-li-pik-w-a	(na Hamisi)
	food	3sg-pst-cook-PASS-ind	(by Hamisi)
	The food was cooked (by Hamisi)		

As sentenças em (1), (2) e (5) mostram que as línguas bantu, sobretudo aquelas que utilizam o morfema derivacional -w- entre o radical e a vogal final do verbo podem ser compreendidas como canônicas, prototípicas, tradicionais ou ainda, nos termos de Siewierska (2013), passivas sintéticas. A passiva sintética opõe-se às passivas perifrásticas ou analíticas, nas quais encontramos uma morfologia verbal que envolve o uso do participípio e de um verbo auxiliar, tal como acontece no inglês. Apesar das distinções entre esses tipos de passivização, as passivas sintéticas e as perifrásticas ou analíticas são consideradas pela autora como passivas pessoais. Vejamos os dados de bamba em (6).

	Bemba (Kula & Marten, 2010, p. 13)		
(6.a)	Mutalé	a-alí-ípik-a	úmu-náni
	1.Mutale	1.MS-PST-cook-VF	úmu-náni
	Mutale cooked the food		

	Bemba (Kula & Marten, 2010, p. 13)		
(6.b)	úmu-náni	u-alí-ípik-w-a	
	3-food	3.MS-PST-cook-PASS-VF	
	The food was cooked		

	Bemba (Kula & Marten, 2010, p. 13)			
(6.c)	?? úmu-náni	w-alí-ípik-w-a	kulí	Mutalé
	3-food	3.MS-PST-cook-PASS-VF	PREP	1.Mutale
	The food was coked by Mutale			

(6.d)	Bemba (Kula & Marten, 2010, p. 13)			
	úmu-náni	w-alí-ípik-w-a	kulí	mutalé
	3-food	3.MS-PST-cook-PASS-VF	PREP	9.spoon
	The food was cooked with a spoon			

Ao analisarmos os dados em (6), percebemos que as construções passivas do bamba são realizadas por meio da afixação do morfema *-w-*. A formação passiva em (6.b), sem a presença do agente da passiva, é preferível à formação em (6.c), na qual percebemos a introdução do agente por meio de uma preposição. Em (6.d) notamos uma passiva com a presença do instrumento *supuuni* ‘colher’, introduzido pela preposição *na*. As passivas em bamba formadas pelo derivativo *-w-* são preferencialmente encontradas em construções com verbos transitivos, que optam pela ausência do agente da passiva.

### 5.2.1 A passiva pessoal em kimbundu

Ainda não foi atestado em kimbundu a formação de passivas pela afixação do morfema *-w-*, como vimos nos dados do swahili e do bamba. Nas línguas angolanas, as passivas pessoais podem ser encontradas em umbundu e kikongo. No entanto, Chatelain (1888-9) afirma que o kimbundu possui uma estratégia de passivização utilizando o particípio passado. Na perspectiva do missionário suíço, esta passiva é formada pela afixação do morfema *-o-* na posição anterior ao radical do verbo, pela mudança da vogal final do verbo para *-e*, além da ocorrência da marca de concordância nominal no verbo. Indica ainda que se um agente ou instrumento for exposto, ele deve ser ligado ao particípio pelas preposições *kua*<sup>30</sup> ou *ni* (p. 84). Se em kimbundu não há ocorrência de passivas formadas pela extensão verbal *-w-*, acreditamos que a língua tenha desenvolvido o que o missionário suíço intitula de particípio passado passivo. Batalha (1891, p. 54) refere-se à transformação da voz ativa em voz passiva no kimbundu como uma “forma engenhosa” da língua. No entanto, não a descreve em razão da “estreiteza d'este opúsculo” (p. 54). Magalhães (1992) afirma que a voz passiva “não existe, a bem dizer em kimbundu” (p. 76), mas que há na língua “circunlóquios” para que ocorra a passivização. Descreve o processo de formação de passivas por meio do uso da marca de “particípio passado, que se pospõe ao sujeito, com o qual se faz concordar por meio de respectivos prefixos concordantes” (p. 76). Afirma que as passivas realizadas por meio do particípio passado não são produtivas<sup>31</sup> na língua. No guia de conversação do padre Robert (1923), que descreve a variedade do kimbundu do Libolo, não encontramos passivas com o verbo no particípio passado. Por sua vez, Baião (1946, p. 55 e 56) destaca

---

<sup>30</sup> Neste trabalho, optamos por manter o sistema de representação gráfica de cada um dos autores. Optamos por alterações sobretudo nos dados históricos, que por vezes são quase incompreensíveis. De toda forma, o leitor será informado das alterações. A preposição *kua* tem sido escrita como *kwa* no atual sistema de escrita em kimbundu.

<sup>31</sup> Discutimos a forma produtiva de passivização em kimbundu na próxima seção.

duas formas de passivização em kimbundu, entre elas a formação com particípio passado. É possível notar, sobretudo pela metalinguagem e pelo método de análise dos autores, que os textos citados não são meras reproduções da obra de Chatelain (1888-89), sobretudo por notarmos análises distintas para os mesmos fenômenos. Se por um lado certamente foram influenciados pela leitura e interpretação do autor suíço, por outro percebem variações, frequências de uso e a ausência de determinadas formas que não são mencionadas em Chatelain (1888-89).

Como já mencionado brevemente na seção 5.1, as pesquisas sobre as construções passivas nas línguas bantu têm identificado formações recorrentes nas línguas bantu. A primeira delas é realizada por meio da extensão verbal passiva *-w-* (*\*-ŭ-* ocorrendo depois de C e *\*-ibŭ-* ocorrendo depois de V, Stapepers 1967, Schadeberg, 2003), afixada entre a raiz do verbo e a vogal final. A segunda forma ocorre com o verbo na forma ativa e o uso do pronome de terceira pessoa do plural, semelhante ao prefixo de classe 2 (plural), que confere à sentença interpretação impessoal. Há passivas formadas pela reinterpretação dos morfemas *\*-ok-* (reversivo intransitivo) em línguas da zona C, *\*-am-* (posicional/estativo) e *\*-an-* (associativo/recíproco) em áreas onde há pouco uso da extensão passiva *-w-* ou tipos diferentes de construções como atestam Bostoen & Mundeke (2011). As passivas formadas pelo uso do particípio passado foram pouco estudadas e ainda são negligenciadas pela tradição bantuista. Schadeberg & Bostoen (2019) confirmam a ocorrência da passiva com particípio em luba<sup>32</sup> (Willems, 1970) e kimbundu (Chatelain 1964: 83–85). No entanto, não estabelecem nenhuma regra comum na formação destas sentenças. Vamos analisar uma sequência de dados em luba. Em (7.a) e (7.b) encontramos duas sentenças categorizadas como “passive participle”. A passiva marcada com *ba-*, semelhante à terceira pessoa do plural/classe nominal 2 (plural), é notada em (8). Já em (9), temos uma construção passiva com a extensão verbal *-ibu-*.

Luba (Willems 1970, p. 160–162)						
(7.a)	n-dí	mw-ípík-íl-á	n-kundé	léélo	kudi	máámu
	1ps-be	1.MS-cook-APPL-VF	4-bean	today	by	mother
	Beans are cooked for me today by my mother					
	Lit.: I am being cooked for beans today there where is my mother					

<sup>32</sup> Luba é uma língua bantu falada no sudeste da República Democrática do Congo.

	Luba (De Kind and Bostoen, 2012, p. 104)					
(7.b)	maamù	ù-di	mu-ambul-il-a	mi-kàndà	kùdì	ba-àna
	mother	1.MS-be	1-1.MO-carry-APPL-VF	4-book	PREP	2-child
	Mother is being carried the books by the children					

(8)	Luba (Willems 1970: p. 160–162)			
	ba-kwac-ilé	m-bují	kudi	n-kashaama
	2-take-PST	1-goat	by	1-leopard
	The goat was seized by the leopard			
	Lit.: They seized the goat there where is leopard			

(9)	Luba (Cocchi, 2008, p. 81)			
	tshi-muma	tshi-sumb-ibu-a	kudi	mu-ana
	7-fruit	7.MS-buy-PASS-VF	PREP	1-boy
	Fruit is bought (by the boy)			

Em (7.a) notamos a marca pronominal de primeira pessoa do singular junto ao verbo *kuikala* 'ser', que tem forma *ndi* ao ser conjugado. A marca de primeira pessoa dispara concordância no verbo principal. Na sentença (7.b) o mesmo fenômeno ocorre. Desta vez, notamos o prefixo nominal de *maamù* 'mãe' ocorrendo na primeira posição do verbo. A função do aplicativo nas duas sentenças em luba, entre outras, é promover um participante que possui propriedades morfossintáticas semelhantes a um paciente e com papel semântico de beneficiário. De Kind & Bostoen (2012) denominam o objeto promovido de *applied object*. Em (8) notamos uma sentença com a partícula *ba-*, que possibilita uma interpretação impessoal. Já em (9), encontramos uma sentença com a extensão verbal passiva. Segundo Cocchi (2008), sentenças como (8) são mais produtivas do que (9) em luba.

Tavares (1915) afirma que não incluiu na gramática do kisolongo a "conjugação dos verbos no particípio nem no modo condicional, porque em kikongo este modo e aqueles tempos não existem" (p. 113). Também não encontramos nenhuma referência ao particípio passado na gramática de Nascimento (1894) sobre o umbundu. Esses dois trabalhos são importantes, porque o método dos autores é relativamente semelhante à perspectiva de Chatelain. Além disso, as três línguas partilham não apenas características gramaticais comuns, mas pertencem a comunidades de falas muito próximas geograficamente e estão em constante interação. Estas breves considerações sobre as passivas com particípio passado no kikongo e no umbundu, somado ao fato de possuímos poucas línguas com esta forma de passivização atestada até aqui, parece-nos indicar que no kimbundu encontramos um processo de passivização pouco comum entre as línguas

bantu. Em (10), (11) e (12) encontramos sentenças marcadas pelo particípio passivo em kimbundu.

	Chatelain (1888-89, p. 84)			
(10.a)	o	tu-bia	tu-etu	tu-o-jim-e
	AUG	11-fogo	11-POSS	11.MS-PASS-apagar-PFV
	O nosso fogo foi apagado			

	Chatelain (1888-89, p. 84)				
(10.b)	o	ma-lesu	m-etu	m-o-sukul-e	kiá?
	AUG	6-lenços	6-POSS	6.MS-PASS-lavar-IPV	ADV
	Os nossos lenços foram lavados já?				

	Chatelain (1888-89, p. 84)						
(10.c)	o	i-nzo	eii	i-o-tung-e	ni	mi-xi	i-o-nene
	AUG	9-casa	DEM	9.MS-PASS-construir-PFV-	PREP	4-paus	4-ADJ-grande
	Esta casa foi construída com paus grandes						

Em (10), notamos na posição entre a marca de classe e raiz verbal o morfema *-o*. Como mostra Chatelain (1888-89), esta marca indica a ocorrência do particípio passado passivo em kimbundu. Percebemos também a alteração na vogal final do verbo. Todos são terminados em *-e*. Apesar de ser possível, não há ocorrência de agente da passiva em nenhuma das sentenças. Em (10.c), um instrumento é introduzido por meio da preposição *ni* ‘com’. Notamos o morfema *-o-* na formação do adjetivo, que Chatelain (1888-89) denomina de “adjetivo qualificativo”.

	Magalhães (1922, p. 76)			
(11.a)	tu-bia	tu-o-jim-e	kua	mu-lambi
	11-fogo	11.MS-PASS-apagar-PFV	PREP	1-cozinheiro
	O fogo foi apagado pelo cozinheiro			

	Baião (1946, p. 56)			
(11.b)	ri-longa	ri-o-zol-e	kuala	ngana
	5-prato	5.MS-PASS-amar-PFV	PREP	9.senhor
	O prato é amado pelo senhor			

Na sentença em (11.a) ocorre o morfema de particípio passado passivo *-o-*. Diferentemente das sentenças em (10), aqui temos a ocorrência de um agente que é introduzido na sentença por meio da preposição *kua*. Magalhaes (1922) afirma que a passivização por meio da marca de particípio não é produtiva em kimbundu. Em (11.b)

encontramos o mesmo processo de formação de passivas. No entanto, a preposição *kuala* que introduz um complemento oblíquo. Vejamos os dados em (12).

	Projeto Libolo (2018)				
(12.a)	O	bola	y-o-sumb-e	kwa	João
	AUG	9.bola	9.MS-PASS-comprar-PFV	PREP	1.João
	A bola foi comprada pelo João				

	Projeto Libolo (2018)				
(12.b)	O	comida	y-o-telek-e	kwa	Maria
	AUG	9.comida	9.MS-PASS-cozinhar	PREP	1.Maria
	A comida foi cozinhada pela Maria				

Em (12), encontramos dados coletados no âmbito do projeto Libolo. É possível observar uma formação utilizando os mesmos processos e morfemas identificados anteriormente. Os falantes desta variedade do kimbundu utilizaram itens lexicais em português na posição de sujeito da sentença. No entanto, categorizaram estas palavras como pertencentes à classe 9, utilizada majoritariamente para pessoas, coisas e palavras estrangeiras em kimbundu. Esta hipótese é reforçada pelo prefixo concordante marcado no verbo. Notamos o morfema de particípio passado passivo *-o-* entre a marca de classe a raiz verbal e a preposição *kwa* introduzindo o agente da passiva.

Neste subitem, notamos que o kimbundu não possui passivas formadas pela extensão verbal *-w-*. No entanto, Chatelain (1888-89), Magalhães (1922) e Baião (1946) reconhecem uma estratégia de passivização por meio do uso do particípio passado. Schadeberg & Bostoen (2019) reforçam a nossa hipótese ao reconhecerem esta formação em luba e kimbundu. Os dados em (12) indicam que esta construção é utilizada por falantes da língua e não estão apenas circunscritas aos dados históricos.

### 5.3 As passivas impessoais em bantu

Além das passivas tratadas até aqui, que podem ser classificadas como canônicas/pessoais e realizadas pelo morfema *-w-* afixado entre raiz verbal e a vogal final e das sentenças com o morfema de particípio passado, as línguas bantu possuem outras formas de passivização que tem sido rotulada na literatura como passivas funcionais. As passivas funcionais neste grupo de línguas compreendem dois fenômenos: a inversão na ordem das palavras e a utilização do prefixo de concordância de sujeito de classe humana plural, o que confere à marca uma interpretação de terceira pessoa do plural impessoal,

com verbo na forma ativa. No primeiro, há a inversão na ordem das palavras de uma sentença. Esta mudança é identificada por “*OSV construction: object pre-posing with overt expression of agent*” (Boeston & Mundeke, 2001). Alguns especialistas, entre eles van der Wal (2015), afirmam que sentenças ativas na ordem OVS também são interpretadas como passivas. No segundo, reconhecem-se construções impessoais realizadas pela terceira pessoa do plural, “*object pre-posing with an impersonal 3PL active verb*” (Boeston, Mundeke, 2001). Esta última forma de passivização tem sido atestada em diversas línguas bantu, entre as quais destacamos o bemba, o ciluba, o lingala, o lulua, kimbundu, lunda e luvale. Destacaremos cada uma das ocorrências nas próximas subseções.

### 5.3.1 As passivas impessoais em bantu com inversões (OSV e OVS)

Nos dados em (13) destacamos a diferença na ordem da sentença e sua interpretação como passiva. Em (13.a) temos uma construção que segue a ordem SVO. Já em (13.b) percebemos a mudança para OSV, o que resulta em uma interpretação passiva. Nesta sentença o verbo continua na forma ativa, a concordância é com o sujeito e a posição objeto na sentença não é interpretado como topicalização.

	Mbunn (Bostoen & Mundeke, 2011, p. 89)			
(13.a)	ntaam	ká-dzú-í	ndaam	a-nsa
	lion	1.MS-kill-PRF	some	2-antelope
	The lion has killed some antelopes			

	Mbunn (Bostoen & Mundeke, 2011, p. 89)			
(13.b)	ntaam	a-nsa	ndaam	ká-(bá-)dzí-i
	some	2-antelope	lion	1. MS-(2.MO)kill-PRF
	Some antelopes have been killed by the lion			

Não apenas o fracionamento do objeto, mas também a inversão do sujeito proporciona interpretações de sentenças passivas. Vejamos os dados em (14). Em (14.a) encontramos a forma OVS e duas possibilidades de interpretação. Na primeira, notamos a topicalização do objeto. Na segunda, fazemos a leitura passiva dessa sentença. Em (13.b) a ordem é VS, também com dupla interpretação.



	Matengo (Van der Wal, p. 22)		
(14.a)	líndilfísa	ju-hogw-i	Jóoni
	5.window	1.MS-open-PRF	1.John
	Interpretação 1: The window, John opened it		
	Interpretação 2: The window was opened by John		

	Matengo (Van der Wal, p. 22)	
(14.b)	('What about Anna?)	
	lu-lap-ui	Jóoni
	1.MS-hit-PRF	1.John
	Interpretação 1: John hit (her)	
	Interpretação 2: She was hit by John	

Nos dados em (13) e (14), percebemos como a inversão na ordem das sentenças proporciona leituras de sentenças passivas. No primeiro caso, os dados de mbunn indicam que a alternância para OSV propicia uma leitura passiva. Já no segundo caso, os dados de matengo mostram que a ordem OVS e VS possibilitam uma leitura ambígua: 1) topicalização do objeto e 2) passiva.

### 5.3.1.1 As passivas impessoais em kimbundu com inversões (OSV e OVS)

Como já destacamos anteriormente, o kimbundu possui poucas análises linguísticas apesar de encontramos gramáticas missionárias e descritivas. Em nenhum desses trabalhos há qualquer menção sobre as sentenças invertidas (OSV e OVS) com interpretação passiva. Em nossas análises encontramos um conjunto de dados que podem contribuir ao debate. Em (15) analisamos sentenças na ordem OSV produzidas por falantes L2 de kimbundu.

(15.a)	Projeto Libolo (2018)			
	AUG	15-comida	1.João	1.MS-PST-15.MO-preparar-PFV
	Lit.: A comida, João preparou-a			
	A comida foi preparada pelo João			

	Projeto Libolo (2018)				
(15.b)	o	ku-rya	o	Maria	w-a-ku-lamb-e
	1.Maria	15-comida	AUG	1.Maria	1.MS-PST-15.MO-cozinhar-PFV
	Lit.: A comida, Maria cozinhou-a				
	A comida foi cozinhada pela Maria				

Em (15) encontramos sentenças realizadas como passivas que foram elicitadas partindo de sentenças passivas em português brasileiro. Como podemos notar, não foi

utilizada a preposição *kwa* para retomada do agente da passiva em nenhum dos casos. Outro ponto interessante é que não há qualquer marca morfológica passiva nos verbos deste grupo de sentenças. Destacamos também que nas duas sentenças o verbo é marcado pelo prefixo de classe do sujeito e não pelo objeto frontado. Em (16) sentenças na ordem OVS interpretadas como passivas.

	Projeto Libolo (2018)			
(16.a)	o	bola	w-a-i-chutal-a	José
	AUG	9.bola	1.MS-PST-9,MO-chutar-PFV	1.José
	Lit.: A bola, chutou-a José			
	A bola foi chutada por José			

	Projeto Libolo (2018)			
(16.b)	o	ku-rya	w-a-ku-telek-a	Antônio
	AUG	15-comida	1.MS-PST-15.MO-cozinhar-PFV	1.Antônio
	Lit.: A comida, preparou-a Antônio			
	A comida foi preparada por Antônio			

	Projeto Libolo (2018)			
(16.c)	o	bola	w-a-i-chutal-a	Pedro
	AUG	9.bola	1.MS-PST-9.MO-chutar-PFV	1.Pedro
	Lit.: A bola, chutou-a Pedro			
	A bola foi chutada por Pedro			

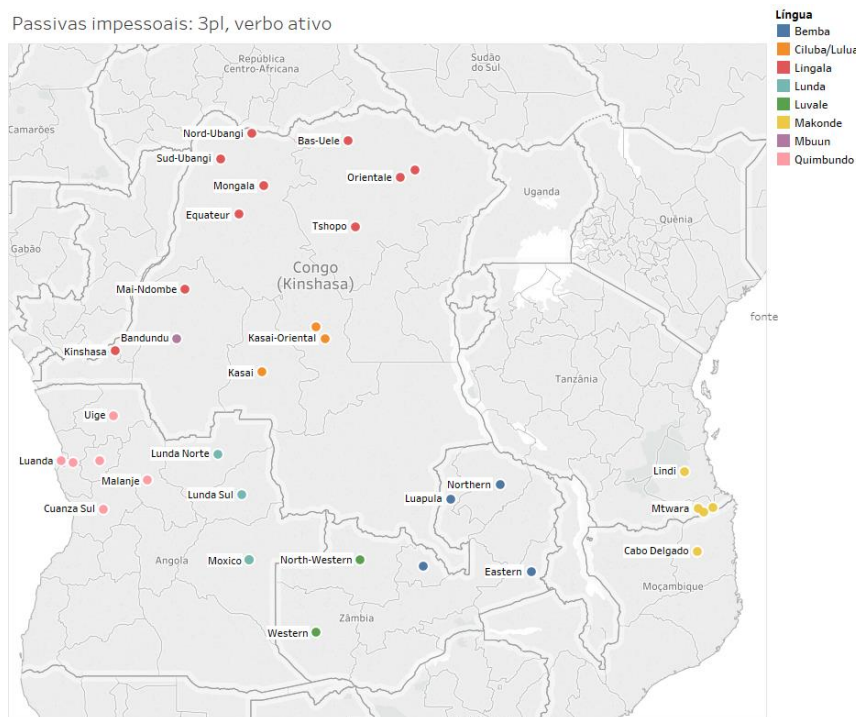
Em (16) encontramos três sentenças em kimbundu na ordem OVS que também foram produzidas como passivas. Em nenhuma das sentenças há marca morfológica de passivas e os verbos apresentam concordância com os sujeitos, que estão posicionados no final da sentença. Sendo o kimbundu uma língua com marcas nominais, sabemos que o sujeito está na última posição da sentença, porque encontramos no verbo sua marca. Sabemos ainda que os sintagmas nominais no início das sentenças são objetos, porque estão marcados no verbo por suas respectivas classes. Em nenhum dos casos notamos a presença da preposição *kwa* ou *ni* que retomaria o agente da passiva. Após serem questionados sobre ausência das preposições, os informantes responderam que a sua ocorrência não seria necessária.

Ressaltamos que as sentenças elicitadas em (15) e (16) partiram de falantes L2 de kimbundu. A coleta foi realizada com pouco controle e alguns produziram estas sentenças próximos uns dos outros. Não é possível saber se houve repetição, cópia. No entanto, acreditamos que a apresentação dos dados é necessária para compreendermos se há

processos de variação como resultado do contato linguístico. Apesar dos nomes e verbos estarem em português, a sua morfologia é tipicamente aglutinante como nas línguas bantu e suas marcas correspondem à semântica que rege cada um destes grupos.

### 5.3.2 As passivas impessoais em bantu com 3pl e verbo na forma ativa

Analisaremos a seguir dados que nos mostram as construções impessoais de terceira pessoa do plural com verbo na forma ativa, “*object pre-posing with an impersonal 3PL active verb*” (Boesten, Mundeke, 2001), em algumas línguas bantu. No entanto, antes de seguirmos nossas análises, demonstramos no mapa a seguir a distribuição desta estratégia de passivização nas línguas bantu. Trata-se, como pode ser percebido, de um fenômeno relativamente comum nas línguas da África Centro Ocidental: bemba (Kula & Martem, 2010), ciluba (Bursens 1939: 182; Mukash Kalel, 2004: 93), lingala (Meeuwis, 2010: 156; Mukash Kalel, 2004: 92-93), lulua (Morrison, 1906:70), kimbundu (Givón, 1994), lunda (Givón & Kawash, 2006; Kawasha, 2007), luvale (Horton, 1949), mbuun (Boesten & Mudeke, 2011) e makonde (Rodrigues de Paula, 2015).



Mapa 2 - Elaboração própria a partir de Boesten & Mudeke (2011)

Agora vejamos alguns dados de mbunn em (17) e (18) e depois de bemba em (19).

	Mbunn (Bostoen & Mundeke, 2011, p. 82)		
(17.a)	mpulúús	o-á-lén	taar
	policeman	1.MS-PRS-search	Father
	The policeman searches		

	Mbunn (Bostoen & Mundeke, 2011, p. 82)	
(17.b)	taar	ba-á-mó-len
	father	2.MS-PRS-1.MO-search
	Father is searched (by someone)	

	Mbunn (Bostoen & Mundeke, 2011, p. 82)				
(18.a)	mo-íb	o-á-pic	í-lɔŋ	ɔ	ma-in
	1-child	1.MS-PRS-throw	5-dish	LOC	6-ground
	The child throws the dish on the ground				

(18.b)	i-lɔŋ	ba-á-lá-pic	ɔ	ma-in
	5-dish	2,MS-PRS-5.MO-throw	LOC	6-ground
	The dish is thrown on the ground (by someone)			

Nas sentenças passivas (17.b) e (18.b) encontramos afixados aos verbos o morfema *ba-*, marca de classe nominal 2 plural interpretada como uma marca de terceira pessoa plural impessoal, que pode ser traduzido pelo pronome impessoal “eles”. Ressaltamos que a marca de sujeito no verbo não concorda com o objeto frontado. Por isso, independentemente da classe nominal do sujeito não haverá concordância entre ele e o verbo. Ele sempre será marcado como objeto no sintagma verbal.

	Bemba (Kula & Marten, 2010, p. 4)		
(19.a)	abá-àna	bá-alí-poos-a	ífy-ákulya
	12-children	2.MS-PST-throw-VF	7-food
	The children threw the food away		

	Bemba (Kula & Marten, 2010, p. 4)		
(19.b)	bá-alí-poos-a	ífy-ákulya	(ku bá-ána)
	2.MS-PST-throw-VF	7-food	(by 2-children)
	The food was thrown away by the children		

	Bemba (Kula & Marten, 2010, p. 4)		
(19.c)	ífy-ákulya	bá-alí-poos-a	ku bá-ána
	7-food	2.MS-PST-throw-FV	by cl2-children
	The food was thrown away by the children.		

	Bemba (Kula & Marten, 2010, p. 4)		
(19.d)	(ifyákulya)	bá-álí-fí-poos-a ku	ku bá-ána
	(7-food)	2.MS-PST-7.MO-throw-VF	by cl2-children
	The food it was thrown away by the children		

Já havíamos mostrado anteriormente que as construções passivas em bemba são realizadas por meio do sufixo *-w-*, que é posicionado entre a raiz verbal e a vogal final. Além da forma tradicional, o bemba também realiza passivas por meio do prefixo *ba-*, marca de classe 2 (plural)/terceira pessoa do plural. Nestas sentenças, “o sujeito da sentença ativa, como nas passivas típicas, é demovido para uma posição oblíqua, introduzida por uma preposição ou permanece não expressa” (Kula & Marten, 2010, pg. 4). Encontramos em bemba duas preposições que introduzem o agente da passiva *ku* e *na*, semelhantes aquelas encontradas no kimbundu *kwa* e *ni*. Não há clareza quanto à promoção do objeto *ifyákulya* em (19.c) na sentença passiva em (19.b): “ele permanece *in situ* na posição pós-verbal e falha ao disparar a concordância com o verbo, mesmo quando ele é frontado em (19.c)” (Kula & Marten, 2010, p. 4). Na sentença (19.c) temos a topicalização do objeto e em (19.d) notamos que o objeto na posição de sujeito pode ser omitido. Em nenhuma das sentenças há morfologia de passiva tradicional *-w-*. Esta construção foi nomeada por Schadeberg & Bostoen (2019) como *ba-passive*.

### 5.3.2 As passivas impessoais em kimbundu com 3º plural/verbo na forma ativa

O kimbundu também segue a forma de passivização do mbuun e do bemba, explanado anteriormente. Trata-se de uma construção com deslocamento à esquerda, o verbo na forma ativa e o pronome indeterminado “eles”. Em kimbundu este morfema é o *a-*, que também corresponde a classe nominal 2 (plural). Vejamos o dado em (20).

	Kimbundu (Chatelain, 1888-89, pg. 83)				
(20)	eme	a-a-ngi-zola	kwa	tata	etu
	1ps	3pl-PST1-1ps.OBJ-amar-PFV	PREP	9.pai	9.POSS
	Lit.: Eu, eles amaram-me pelo meu pai				
	Eu fui amado pelo meu pai				

Em (20) notamos uma sentença passiva do kimbundu descrita por Chatelain (188-89). Optamos por deixar os morfemas *a-*, terceira pessoa do plural, e *-a-*, marca de passado 1, abertos para transparecer o fenômeno que está ocorrendo na sentença. Há deslocamento do objeto na sentença e notamos sua marca no verbo. O argumento oblíquo

é introduzido por meio da preposição *kwa*. O funcionamento da sentença é semelhante ao que ocorre em mbunn (17) e (18) e depois em bemba (19) com as formações passivas denominadas *ba-passive*. Continuamos analisando com esta formação em (21)

	Kimbundu (Chatelain, 1888-89, pg. 83)						
(21.a)	o	ndandu	i-enu	a-a-i-bet-a	kua	mu-kaji	ê
	AUG	9.parente	9-POSS	3pl-PST-9.MO-bater-PFV	PREP	1-mulher	1.POSS
	Lit.: O parente, eles bateram-no pela mulher						
	O parente foi batido pela sua mulher						

	Kimbundu (Chatelain, 1888-89, pg. 83)				
(21.b)	etu	a-a-tu-tum-e	kua	pai	etu
	1pl	3pl-PST-1pl.MO-mandar-PFV	PREP	9.pai	9.POSS
	Lit.:Nós, eles mandaram-nos pelo pai nosso				
	Nós fomos mandados pelo nosso pai				

	Kimbundu (Chatelain, 1888-89, pg. 83)					
(21.c)	o	ma-temu	a-a-ma-sul-a	kua	ji-ngangula	ojo
	AUG	6-enxadas	3pl-PST-6.MO-forjar-PFV	PREP	10-ferreiros	10.DEM
	Lit.: As enxadas, eles forjaram-nas por ferreiros estes					
	As enxadas foram forjadas por estes ferreiros					

Nos dados em (21) encontramos sentenças extraídas da obra de Chatelain (1888-89). Em todas elas, há o deslocamento de um item lexical para a periferia esquerda da sentença. Sabemos que estes elementos desempenham a função de objeto nas sentenças, porque a posição destinada aos objetos dentro verbos está ocupada pela marca referente ao item lexical frontado. Notamos também que não há marca de concordância na posição 1 do verbo, o que reforça a nossa hipótese. Em (22) notamos como outros estudiosos analisaram o fenômeno descrito por Chatelain (1888-89).

	Magalhães (1922, p. 77)			
(22.a)	Luiji	a-a-mu-bet-ele	kua	a-kuamalumbu
	1.Luiji	3pl-PST2-1.MO-bater-PFV	PREP	2-selvagens
	Lit.: Luiji, eles bateram-no pelos selvagens			
	Luiji foi batido pelos selvagens			

	Robert (1923, p. 24)	
(22.b)	eme	a-a-ngi-uábel-a
	1ps	3pl-PST-1ps.OBJ-amar-PFV
	Lit.: Eu, eles amaram-me	
	Eu fui amado	

	(Baião, 1946, p. 56)			
(22.c)	mu-bika	a-a-mu-zol-a	kuala	ngana
	1-escravo	3pl-PST-1.MO-amar-PFV	PREP	9.senhor
	O escravo, eles amaram-no pelo senhor			
	O escravo é amado do senhor			

Os dados em (22) corroboram a hipótese de Chatelain (1888-89). Em (22.b) não encontramos agenda da passiva introduzido por preposição. Desta forma, percebemos que a ocorrência deste complemento preposicional não é obrigatória em kimbundu. Ressaltamos também a ocorrência de uma variação lexical nas sentenças (22.b) e (22.c). O verbo amar ocorre como *ku-uabela* e *ku-zola*. Apesar disso, a morfologia de ambos é idêntica. Precisamos ainda comparar os dados extraídos das gramáticas históricas com dados elicitados para verificar se encontramos as mesmas ocorrências na língua. Os dados em (23) foram coletadas pelo Projeto Libolo. Já as sentenças em (24) são realizações de falantes L1 de kimbundu.

	Projeto Libolo (2018)				
(23.a)	o	bola	a-a-y-chut-a	kwa	João
	AUG	9.bola	3pl-PST-9.MO-chutar-PFV	PREP	1.João
	Lit.: A bola, eles chutaram-na pelo João				
	A bola foi chutada por João				

	Projeto Libolo (2018)				
(23.b)	o	ku-anda	a-a-ku-prepar-a	kwa	cozinheira
	AUG	15-comida	3pl-PST-15.MO-preparar-PFV	PREP	9.cozinheira
	Lit.: A comida, eles prepararam-na pela cozinheira				
	A comida foi preparada pela cozinheira				

Apesar de possuírem itens lexicais em português, a morfologia do kimbundu está presente em (23). As estruturas são semelhantes ao que já observamos em (20), (21) e (22). Sabemos que temos nestas sentenças objetos deslocados em razão da ocorrência dos morfemas marcadores de objetos no verbo. Notamos também a ocorrência da marca de terceira pessoa do plural, semelhante à marca de classe nominal 2 (plural).

(24.a)	m-onandenge	w-a-takul-a	ku-dya	b-oxi
	1-criança	1.MS-PST-jogar-PFV	15-comida	LOC-chão
	A criança jogou a comida no chão			

(24.b)	ku-dya	a-a-ku-takul-a	b-oxi	kwala	m-onandenge
	15-comida	3pl-PST-15.MO-jogar-PFV	LOC-chão	PREP	1-criança
	Lit.: A comida, eles jogaram-na no chão pela criança				
	A comida foi jogada no chão pela criança				

(24.c)	ku-dya	a-a-ku-takul-a	b-oxi
	15-comida	3pl-PST-15.MO-jogar-PFV	LOC-chão
	Lit.: A comida, eles jogaram-na no chão		
	A comida foi jogada no chão		

Em (24) reconhecemos alternâncias da voz ativa para a voz passiva. Nos dados (24.a) e (24.b) reconhecemos que o item lexical composto *monandenge* ‘criança’. Ele é composto por *mona* ‘criança’ e *ndenge* ‘o mais novo, o menor’. Enquanto em (24.a) a concordância é disparada pelo item *monandenge*, que ocupada a posição de sujeito, em (24.b) este mesmo item lexical é deslocado para a posição de agente da passiva. O item lexical *kudya* ‘comida’ em (24.b) foi deslocado para o início da sentença e agora é marcado obrigatoriamente no verbo. Nas três sentenças temos o locativo *bu* afixado à palavra *ixi* ‘chão’, que tem a sua vogal transformada em *-o-* em razão do encontro vocálico *-u- + i-*. Em (24.c) temos uma sentença passiva sem complemento oblíquo.

(25.a)	Nzua	w-a-sumbis-a	di-kalu
	1.Nzua	1.MS-PST-vender-PFV	5-carro
	Nzua vendeu o carro		

(25.b)	di-kalu	a-a-di-sumbis-a	kwala	Nzua
	5-carro	3pl-PST-2.MO-vender-PFV	PREP	1.Nzua
	Lit.: O carro, eles venderam-no por Nzua			
	O carro foi vendido por Nzua			

(25.c)	di-kalu	a-a-di-sumbis-a
	5-carro	3pl-PST-5.MO-vender-PFV
	O carro, eles venderam-no	
	O carro foi vendido	

(25.d)	* di-kalu	dy-a-sumbis-a
	5-carro	5.MS-PST-vender-PFV
	O carro vendeu	



As sentenças em (26) são semelhantes estruturalmente às sentenças passivas demonstradas em (20), (21), (22), (23) e (24). Todas estas sentenças podem ser categorizadas na tipologia de passivas de Givón (2006). Segundo o autor, a forma de passivização do kimbundu é resultado de um processo diacrônico que teria dois estágios anteriores: 1) deslocamento à esquerda com NP-sujeito pleno e 2) deslocamento à esquerda com pronome indeterminado. Esta passiva foi intitulada por Givón como (*E*) - *The Left-dislocation-cum-impersonal-subject passive*. Como vimos anteriormente, esta passiva é semelhante ao que Schadeberg & Bostoen (2019) como *ba-passive*.

Nesta seção analisamos as construções passivas em kimbundu em perspectiva com as realizações passivas de outras línguas bantu. Notamos a ocorrência de construções de passivas com particípio passado passivo em kimbundu, formadas por meio do morfema *-o-*, que deve ser afixado entre a marca de sujeito e a raiz verbal. Como indicado por Chatelain (1888-89), é necessário alterarmos a vogal final para *-e* e, caso necessário, introduzirmos o agente da passiva por meio da preposição *kwa* ou *ni*. A segunda forma de passivização encontrada ocorre por meio de um processo de gramaticalização no qual o morfema de terceira pessoa do plural, deslocado para o início do verbo, assume uma função passiva e o verbo permanece ativo. Segundo Givón (2006), em kimbundu temos uma construção do tipo (*E*) - *The Left-dislocation-cum-impersonal-subject passive*. Esta construção, comum a outras línguas bantu, são denominadas de *ba-passive* (Schadeberg & Bostoen, 2019). Vimos ainda a produção de sentenças com interpretação passivas por realizadas por meio de inversão sintática (OSV e OVS) por falantes de kimbundu L2. Em razão do ambiente pouco controlado da coleta, não podemos afirmar se os informantes copiaram as construções uns dos outros. No entanto, estas construções são coerentes em relação ao que foi descrito até aqui nas línguas bantu.

## 6. A VOZ MÉDIA EM KIMBUNDU

### 6.1 As construções médias em bantu

Uma quantidade considerável de literatura já foi publicada sobre os fenômenos médios<sup>33</sup> a partir de diferentes perspectivas teóricas (Keyser & Roeper 1984; Klaimann 1991; Kemmer 1993, 1994; Rapoport 1997; Shibatani 2006; Alexiadou & Doron, 2012). No entanto, esses estudos deram pouca atenção ou negligenciaram a categoria da voz média nas línguas bantu. Dom, Kulikov & Bostoen (2016) oferecem a primeira descrição da voz média para esse grupo de línguas ao apresentarem um convincente argumento em favor de um domínio médio constituído por diferentes sufixos verbais que expressam funções gramaticais e categorias lexicais distintas.

Os autores consideram cinco morfemas como parte desse domínio: 1) neutro \*-Ik-, 2) posicional/estativo \*-am<sup>34</sup>-, 3) associativo/recíproco \*-an-, 4) separativo intransitivo/reversivo \*-uk-, e 5) reflexivo \*-(j)i-. Indicam que os sufixos verbais *extensive* \*-al- e *tentive* \*-at- também possuem semântica relacionada às construções médias, mas não os inserem em suas análises em razão da falta de dados que permitam uma discussão comparativa e histórica desses morfemas. Em contraste a esses cinco morfemas do Protobantu, consideramos que o kimbundu apresenta quatro<sup>35</sup> formas no seu domínio médio: 1) neutro -ek-, 2) posicional/estativo -am-, 3) intransitivo separativo/reversivo -uk-<sup>36</sup>-, e 4) reflexivo -di-. Se por um lado a nossa proposta se aproxima de Dom, Kulikov & Bostoen (2016), por outro lado nos distancia de Kemmer (1993, 1994) que categoriza as línguas bantu como possuindo uma única marca

---

<sup>33</sup> Optamos pelo uso do termo “fenômeno médio” para diferenciar o tratamento deste conceito entre o que foi produzido pelas teorias sintáticas e os estudos tipológicos e descritivos. Enquanto no primeiro o termo “média” não indica voz, mas um tipo de construção que denota *disposition* (ex: *The horse saddles easily*), no último há uma clara distinção entre duas vozes não-ativas: a passiva e a média.

<sup>34</sup> As reconstruções em protobantu das raízes verbais contendo a marca posicional têm sido realizadas sem a divisão deste morfema (\*-bátam- ‘be flat level’, \*-dodam- ‘be straight’, \*bókam- ‘sit’). No entanto, seguimos a opção de Dom, Kulikov & Bostoen (2016) de segmentá-lo (raiz + extensão verbal).

<sup>35</sup> Alguns autores afirmam que a forma associativa/recíproca -an- foi substituída pelo pronome reflexivo em um conjunto de línguas bantu entre as quais está o kimbundu (Nedjalko, 2007; Bostoen, 2010). No entanto, optamos por segmentar esse morfema em alguns casos. A nossa intenção é mostrar que em kimbundu houve um processo de competição entre a extensão verbal associativa/recíproca e a forma reflexiva. Em alguns casos, defendemos que essa extensão verbal, ainda que em declínio, está em funcionamento em algumas categoriais de verbo.

<sup>36</sup> Na maior parte das descrições das línguas bantu, encontramos dois morfemas categorizados como separativo/reversivo: \*-ul- e \*-uk-. Segundo Schadeberg (2003), o primeiro é utilizado em construções transitivas enquanto o segundo em intransitivas. Na apresentação da morfologia verbal e nominal do kimbundu, Xavier (2010) não indica a existência do separativo/reversivo intransitivo. Já em Pedro (1993), há ocorrências do reversivo com a forma -uk- (p. 294).

morfológica tanto para as construções reflexivas quanto para as médias. Vejamos os dados do kimbundu em (1).

**(1) Marcadores de voz média em kimbundu**

<b>(a)</b>	O	di-bata	dy-a-bud-ik-a
	AUG	5-casa	5-PST-destruir-NT-PFV
	A casa destruiu		

<b>(b)</b>	anga	ngi-Ø-xik-am-a	m-oxi	y-a	mu-xi
	CONJ	1ps-PRS-sentar-POST-IPFV	16-chão	4-GEN	3-árvore
	E eu sento-me <sup>37</sup> debaixo da árvore				

<b>(c)</b>	ngi-Ø-bal-um-uk-a
	1ps-PRS-deitar-POST-REV-IPFV
	Eu levanto-me

<b>(d)</b>	ngi-Ø-di-end-es-a	Mu	di-lambelu	di-a-ami
	1ps-PRS-RFX-dirigir-CAUS-ipfv	PREP	5-cozinha	5-GEN-1ps
	Eu dirijo-me para cozinha minha			

<b>(e)</b>	tw-a-di-tak-an-a
	1pl-PST-RFX-reencontrar-ASS-PFV
	Nós nos reencontramos

Em (1.a) notamos a extensão verbal neutra *-ek-* afixada entre a raiz do verbo e a vogal final. Em kimbundu, como em um considerável conjunto de línguas bantu ocidentais, encontramos um processo de harmonia vocálica por altura que afeta tanto a flexão verbal quanto a derivação por meio das extensões verbais. Xavier afirma que “a vogal dos derivativos verbais [extensões verbais] é invariavelmente controlada pela vogal da raiz do verbo” (2010, pg. 26). Neste dado, a vogal da extensão verbal neutra *-e-* assimila a altura da vogal *-u-* da raiz do verbo e se transforma em *-i-*. Segundo Schadeberg (2003, p. 75), em sentenças com o morfema derivativo neutro não é possível expressarmos o agente ou até mesmo apreendê-lo implicitamente pelo contexto. A generalização do autor explica um conjunto de dados como as sentenças anticausativas, mas não alcança fenômenos como as construções *agentless passive*, que expressam agentividade mesmo sem a presença do agente em posição oblíqua. Em (1.b) é possível

<sup>37</sup> As sentenças (1.b), (1.c) e (1.d) foram realizadas por um falante L1 de kimbundu, mas que tem utilizado o português angolano como primeira língua há muitos anos. Notamos que não há marcas pronominais no verbo em kimbundu. Apesar disso, optamos por deixar os pronomes nas traduções, porque o falante faz esta opção ao produzi-las.

notarmos o morfema posicional, também reconhecido pela tradição bantuista como estativo. Destacamos que há dois significados recorrentes para esta construção. A primeira delas é “assumir uma posição”. Depois, “estar em uma posição”. Isso ocorre quando o verbo possui aspecto perfectivo. Em línguas como o lingala, ngombe, mongo e kizombo o morfema posicional tem sido reinterpretado como formador de passivas. Destacamos em (1.c) a extensão verbal separativa reversiva intransitiva. Nesta construção, notamos a coocorrência do morfema derivativo posicional. Nos dados analisados neste trabalho, o morfema separativo/reversivo ocorre nas seguintes situações médias: mudança na postura do corpo, movimentos translacionais, eventos espontâneos e *cognition middle* (Kemmer, 1993). Esses são os mesmos tipos médios identificados por Schadeberg (1982) ao reconstruir verbos com sufixo separativo em protobantu. Já em (1.d) notamos a ocorrência do pronome reflexivo *-di-*. Entre os morfemas verbais, o reflexivo é a forma mais produtiva em kimbundu e tem sido utilizado tanto em construções reflexivas quanto recíprocas. Exceto em Pedro (1993), nenhuma gramática ou descrição identificou a existência da extensão verbal recíproca em kimbundu *-an-*. Em (1.e) é possível identificá-la coocorrendo com o morfema reflexivo em uma sentença com interpretação recíproca (Pedro, 1993, p. 278). Em nossas análises, identificamos apenas uma ocorrência desta construção (Pedro, 1993). O morfema recíproco coocorre com o pronome reflexivo.

Na proposta de Dom, Kulikov & Bostoen (2016), os morfemas associativo e reflexivo são semanticamente voltados ao agente (*agent-orienteded*), enquanto o neutro, o separativo intransitivo e o posicional possuem semântica orientada ao paciente (*patient-oriented*). Para compreendermos se há uma correspondência entre a proposta dos autores e os dados analisados em kimbundu, é crucial examinarmos a afetação do sujeito nos dados apresentados. Utilizamos em nosso trabalho o instrumental teórico do *Leningrad/St Petersburg Typology Group*, adaptado de Kulikov (2011, 2013), por meio do qual podemos realizar cálculos de dois níveis da estrutura da sentença: i) o nível semântico dos macro papéis (ator e participante), que são representados em nossos esquemas pelas letras X, Y, Z, W; e ii) o nível das funções sintáticas (relações gramaticais): sujeito [S], objeto direto [OD], objetivo indireto [OI].

### 6.1.1 Neutro *-ek-*

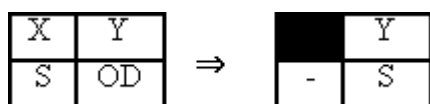
Notamos, a partir da tipologia de Dom, Kulikov & Bostoen (2016), que o morfema neutro *\*-Ik-* pode ser utilizado em três conjuntos de construções: (i) anticausativas,

*agentless passives* e passivas; (ii) passivas potenciais e facilitativas<sup>38</sup>; e (iii) construções com verbos de percepção. No grupo (i) encontramos sentenças nas quais o objeto da construção ativa é promovido para a posição de sujeito e o sujeito da ativa é demovido e realizado como complemento de uma preposição ou é completamente omitido na versão intransitiva. Nas sentenças compreendidas em (ii) temos um sujeito tipicamente *patient-like*, o que possibilita construções orientadas ao paciente. Em (iii) o experienciador é omitido ou demovido completamente da sentença e a posição de sujeito é ocupada por um *stimulus participant* ou *covert generic participant*. Nesta seção, discutimos o comportamento dos dados linguísticos do kimbundu partindo de Dom, Kulikov & Bostoen (2016) e indicamos comportamentos não abrangidos pela tipologia desses autores.

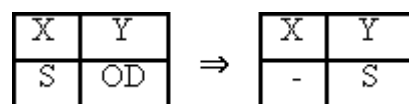
### 6.1.1.1 Anticausativas, *agentless passives* e passivas

Em nosso trabalho consideramos que a alternância causativa é um tipo de operação que permite a deleção de um argumento da sentença. Neste processo, a partir da demissão do sujeito (agente, causa ou instrumento) de uma sentença transitiva, percebemos a promoção de um sujeito paciente/tema na sentença intransitiva. A partir disso, o argumento agente não pode ser introduzido na sentença. A ausência de um agente implícito é fundamental para compreendermos a distinção entre a anticausativa e a *agentless passive*. Nessa última, temos um tipo de construção que pode se localizar entre as sentenças anticausativas (estrutura argumental é semelhante) e passivas (semântica dos verbos não permitem uma interpretação espontânea). Vejamos as representações de construções anticausativas (2) e *agentless passives* (3) (Kulikov, 2011, 2013).

#### (2) Anticausativa



#### (3) Agentless Passive

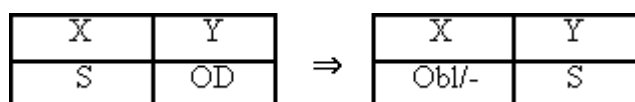


Em (2) e (3), os papéis semânticos de agente e paciente podem ser notados nas sentenças transitivas. Ao analisarmos a sentença intransitiva em (2), percebermos tanto a

<sup>38</sup> O conceito de *facilitave construction* é semelhante ao que nas teorias sintáticas formais têm sido denominado de *dispositional middle*.

ausência de um argumento do verbo quanto o completo apagamento do papel de agente da sentença. Ao contrário da análise anterior, em (3) temos a presença implícita do agente apesar de não termos o argumento expresso na estrutura da sentença. Apesar das passivas em kimbundu se comportarem de forma diferente das passivas das línguas indo-europeias e também de algumas línguas bantus, que utilizam a extensão verbal *\*-ŭ-* /*\*-ibŭ-* entre a raiz do verbo e a vogal final, utilizamos o esquema deste tipo de construção apenas para indicar como é representada a inserção do agente como argumento oblíquo na sentença passiva. Na categorização em (4), a sentença passiva possui um argumento oblíquo que ocupava na sentença ativa a posição de sujeito. Já o objeto (paciente) ocupa a posição de sujeito na sentença passiva.

#### (4) Passiva Tradicional



A partir deste ponto, analisamos sentenças que possuem alternância causativa e que nos possibilitam compreender o funcionamento dessas construções e o uso do morfema derivativo *-ek-* em kimbundu. Nos dados (5) e (6) encontramos construções com verbos transitivos de mudança de estado (*kujokota* ‘queimar’, *kujika* ‘fechar’). A estrutura sintática básica de (5.a) e (6.a) é SN V SN e os sujeitos dessas sentenças possuem papel temático de agente. Nos dados em (5.b) e (6.b) notamos as sentenças anticausativas. Nelas os objetos das transitivas foram promovidos para a posição de sujeito enquanto o sujeito das transitivas foi completamente demovido da estrutura sintática e semântica das construções. Afirmamos que o sujeito das anticausativas é o objeto das transitivas, porque nas línguas bantu encontramos as marcas das classes nominais no verbo. A posição que marca o sujeito no verbo é denominada na tradição bantuista como ‘inicial’, que denominamos de 1. Esta posição pode ser precedida apenas pela negação (*ki-*), pelo imperativo singular (*ku-*) e também pelo morfema (*yo-*), utilizado em algumas construções com verbos no aspecto imperfectivo, o que não ocorre nesses casos. Por isso, sabemos que os nomes que constituem os sintagmas nominais em (5.b) e (6.b) são sujeitos.

(5.a)	ka-mbonga	k-a-jokot-a	o	papela
	12-menino	12.MS-PST-queimar-PFV	AUG	9.papel
	O menino queimou o papel			

(5.b)	o	papela	y-a-jokot-a
	AUG	9.papel	9.MS-PST-queimar-PFV
	O papel queimou		

(6.a)	Madya	w-a-jik-a	o	di-bitu
	1.Madya	1.MS-PST-fechar-PFV	AUG	5-porta
	Maria fechou a porta			

(6.b)	o	di-bitu	dy-a-jik-a
	AUG	5-porta	5.MS-PST-fechar-PFV
	A porta fechou		

Primeiramente, destacamos que a forma do verbo queimar em kimbundu é *kujokota*. Esta definição é importante para ressaltarmos que não há ocorrência do morfema derivativo *tentive -at-* entre a raiz do verbo e a vogal final. Essa extensão verbal não é produtiva nas línguas bantu e está restrita aos verbos que denotam contato (*\*kúmb-at* ‘hold, embrace’, *\*dI-at-* ‘tread on’) (Schadeberg, 2003, p. 77) É importante indicar que nas anticausativas em (5.b) e (6.b) não há a extensão verbal neutra *-ek-*, marca morfológica que em diversas línguas bantu dispara a alternância causativa (Dom, Kulikov & Bostoen, 2016). Defendemos que as sentenças (5.b) e (6.b) possuem a interpretação de uma ação espontânea mesmo sem a presença do morfema neutro ou qualquer outra marca morfológica possibilitando redução de valência. Torna-se relevante mencionar que a classe dos verbos ‘queimar’ e ‘fechar’ não exige necessariamente um agente. É possível também que uma causa provoque a mudança de estado do evento (*João congelou as frutas da plantação, O vento frio congelou as frutas da plantação*). Nas construções (5.b) e (6.b) não é possível introduzirmos um argumento oblíquo por meio das preposições *kwala* ou *kwa*, que em kimbundu ocorre apenas em sentenças passivas. No decorrer da nossa argumentação, mostramos que a introdução de um sintagma preposicional de causa ou instrumento pode ser realizado por meio da preposição *ni*<sup>39</sup>.

<sup>39</sup> Sabemos que nas línguas bantu a preposição *ni* possui um amplo número de funções como comitativa, instrumental, conjuntiva, locativa, possessiva e existencial. Nenhum estudo sobre as preposições em kimbundu foi realizado até aqui

Nos dados em (7) e (8) temos um conjunto de alternâncias que se comportam como os dados (5) e (6). No entanto, levantamos a hipótese de que os verbos de mudança de estado não agentivos utilizados nas sentenças são intransitivos (*kuxoweta* ‘murchar’ e *kukukuta* ‘secar’). Ambos possuem uma estrutura sintática constituída por SN V e o papel temático do sujeito em (7.a) e (8.a) é de paciente. A nossa sugestão de que esses verbos são lexicalmente intransitivos está no fato de que nas versões transitivas é possível segmentar o morfema causativo, que permite a inserção de um elemento causativo humano<sup>40</sup> em (7.b) e um elemento causativo não humana em (8.b). Em (8.c), a preposição *ni* possibilita a introdução de causa na sentença intransitiva sem qualquer marca morfológica.

(7.a)	o	ndundulu	y-a-xowet-a
	AUG	9.bola	9.MS-PST-murchar-PFV
	A bola murchou		

(7.b)	o	mo-na	ndenge	w-a-xowet-es-a	o	ndundulu
	AUG	1-criança	9.jovem	1.SM-PST-murchar-CAUS-PFV	AUG	9.bola
	Lit.: O menino fez murchar a bola					
	O menino murchou a bola					

(8.a)	o	di-twaya	dy-a-kukut-a
	AUG	5-toalha	5.SM-PST-secar-PFV
	A toalha secou		

(8.b)	o	ki-tembu	ky-a-kukut-is-a	o	di-twaya
	AUG	7-vento	7.MS-PST-secar-CAUS-PFV	AUG	5-toalha
	Lit.: O vento fez secar a toalha				
	O vento secou a toalha				

(8.c)	o	di-twaya	dy-a-kukut-a	ni	ki-tembu
	AUG	5-toalha	5.MS-PST-secar-PFV	PREP	7-vento
	A toalha secou com o vento				

As construções em (9) são realizadas utilizando o verbo intransitivo *kubwa* ‘desabar’ indicando um processo com sujeito paciente. Percebemos um funcionamento semelhante ao observado anteriormente. Em (9.a) temos uma estrutura sintática SN V e

<sup>40</sup> A distinção entre o sujeito de uma sentença transitiva e de uma causativa se dá pelas características desta função gramatical. Nas sentenças causativas, podemos encontrar uma causa animada, humana. Mesmo assim, não deixará de ser a causa pela qual o evento ocorre. Já nas transitivas, temos um agente propriamente dito.



em (9.b) a causa é introduzida por meio da preposição *ni* sem a necessidade de qualquer marca morfológica. A inserção do argumento obliquo por meio da preposição *kwala* é notada na versão passiva da sentença em (9.c). Destacamos a presença da extensão verbal causativa *-es-* no verbo. Como mencionado anteriormente, notamos em (9.c) o processo de harmonia vocálica que modifica a vogal do morfema causativo ao assimilar a altura da vogal da raiz verbal *-is-*. Parece-nos que o morfema causativo foi utilizado para licenciar o pronome de terceira pessoa do plural em uma sentença passiva com verbo intransitivo.

(9.a)	i-nzo	y-a-bw <sup>41</sup> -u
	9-casa	9.MS-PST-cair-PFV
	A casa desabou	

(9.b)	i-nzo	y-a-bw-u	ni	ki-numinu
	9-casa	9.MS-PST-cair-PFV	PREP	7-terremoto
	A casa desabou com o terremoto			

(9.c)	i-nzo	a <sup>42</sup> -y <sup>43</sup> -bw-is-a	kwala	ki-numinu
	9-casa	3pl-PST-9.MO-quebrar-CAUS-PFV	PREP	7-terremoto
	Lit: A casa, eles a fizeram desabar pelo terremoto			
	A casa foi desabada pelo terramoto			

A seguir observamos um fenômeno instigante do ponto de vista sintático para as línguas bantu. O verbo transitivo de mudança de estado *kujukula* ‘abrir’ é derivado do verbo *kujika* ‘fechar’. Nos dois casos, não é obrigatório a ocorrência de um agente na sentença. A mudança de sentido é realizada por meio do morfema derivativo reversivo afixado entre a raiz do verbo e a vogal final, como notamos em (10.a). Em kimbundu, como em outras línguas bantu, o morfema reversivo possui uma forma para sentenças transitivas *ku-juk-ul-a* (-ul-) e outra para intransitivas *ku-juk-uk-a* (-uk-)<sup>44</sup>. A partir do que observamos em (10.c), o morfema *-ul-* está gramaticalizado na raiz verbal, porque mesmo com sua ocorrência notamos a deleção de um argumento do verbo. Em (10.b) temos a estrutura sintática SN V SN e em (10.c) notamos a estrutura SN V. Desta forma,

<sup>41</sup> O verbo no infinitivo é *kubwa*. Por meio do processo de harmonia vocálica, a vogal final assimila a altura da vogal da raiz do verbo. Apesar da forma do verbo nesta sentença ser *yabu*, revelando a contração das vogais, optamos por segmentar os morfemas para explicitar o fenômeno.

<sup>42</sup> Neste morfema, temos a contração da marca de terceira pessoa do plural *-a-* e a marca de tempo passado *-a-*. Por isso, na segunda linha categorizamos de forma distinta os dois morfemas (3pl e PST).

<sup>43</sup> De acordo com o atual sistema de escrita em kimbundu, ao identificarmos o encontro das vogais *a + i*, tornar-se-ia necessário representar o fenômeno por meio do segmento *ayi*. Neste caso, optamos pela forma anterior de escrita, porque se torna mais simples a identificação da marca de objeto da classe 9.

<sup>44</sup> As duas formas são atestas por Chatelain (1888-89) ao discutir o funcionamento dos verbos médios em kimbundu (p. 98).

a sentença (10.c) se aproxima das anticausativas (5.b) e (6.b), corroborando a nossa hipótese de que em kimbundu as alternâncias causativas também se realizam sem marcação morfológica. Por isso, consideramos que a marca reversiva transitiva *-ul-* deve permanecer nestes casos junto à raiz verbal como reanalisada em (10.d) e (10.e). Ressaltamos ainda que encontramos poucos dados na literatura disponível em kimbundu nos quais notamos a distinção entre a versão reversiva transitiva e intransitiva do verbo fechar. Os dados (11.a) e (11.b), extraídos de Chatelain (1888-89, p. 98 e 99), mostram-nos essa distinção. Apesar disso, não temos elementos suficientes para sugerir quando ocorreu a gramaticalização do morfema *-ul-* no verbo *kujukula* em algumas variedades do kimbundu.

(10.a)	di-bitu	di-Ø-jik-a	Ngongo	i-Ø-di-jik-ul-a
	5-porta	5.MS-PRS-fechar-IPFV	9-mundo	9.MS-PRS-RFX-fechar-REV-IPFV
	A porta fecha e o mundo se abre			

(10.b)	Madya	w-a-juk-ul-a	O	di-bitu
	1.Madya	1.MS-PST-fechar-REV-PFV	AUG	5-porta
	Maria abriu a porta			

(10.c)	o	di-bitu	dy-a-juk-ul-a
	AUG	5-porta	5-PST-fechar-REV-PFV
	A porta abriu		

(10.d)	Madya	w-a-juk-ul-a	O	di-bitu
	1.Madya	1.MS-PST-fechar-REV-PFV	AUG	5-porta
	Maria abriu a porta			

(10.e)	o	di-bitu	dy-a-juk-ul-a
	AUG	5-porta	5-PST-fechar-REV-PFV
	A porta abriu		

(11.a)	Fele Milanda	u-Ø-juk-ul-a	o	di-bitu
	1.Fele Milanda	1.MS-PRS-fechar-REV-IPFV	AUG	5-porta
	Fele Milanda abre a porta			

(11.b)	o	ri-bitu	ri-a-jik-uk-a
	AUG	5-porta	5.MS-PST-fechar-REV-PFV
	A porta abriu		

Nas sentenças em (12) e (13) analisamos construções que possuem o verbo *kubula*, significando destruir (12) e quebrar (13). A estrutura sintática destes verbos de mudança de estado é SN V SN. Observamos nas versões transitivas das sentenças que o sujeito pode receber o papel temático de causa (12.a) ou de agente (13.a). Já nas sentenças intransitivas o sujeito é tipicamente paciente (12.b) e (13.b). Notamos que a raiz do verbo nas alternâncias são diferentes (-*bul*- e -*bud*-). Essa distinção ocorre em razão do processo fonético de alofonia por meio do qual reconhecemos a passagem do fonema /l/ para o fone [d] diante da vogal [i] (Xavier, 2010). Nas sentenças anticausativas em (12.b) e (13.b) encontramos o morfema neutro -*ek*- que licencia a alternância causativa. Notamos que a forma do morfema neutro é -*ik*- em razão da assimilação da altura do morfema -*u*- localizado na raiz do verbo. Em (13.c) a causa é introduzida pela preposição *ni*. Apesar do caráter polissêmico do verbo *kubula*, pensamos que os eventos descritos nas sentenças (12) e (13) são semanticamente relacionados e os seus significados, ainda que diferentes, indicam que esses itens lexicais devam ser considerados como verbos de mudança de estado. Esta análise permite-nos concluir que as anticausativas em kimbundu, além de construídas sem marcação morfológica, também podem ser derivadas pelo morfema neutro -*ek*-.

(12.a)	o	ka-lemba	mv-ula	k-a-bul-u	di-bata
	AUG	12-tempestade	15-chuva	12.MS-PST-destruir-PFV	5-casa
A tempestade destruiu a casa					

(12.b)	o	di-bata	dy-a-bud-ik-a
	AUG	5-casa	5.MS-PST-destruir-NT-PFV
A casa destruiu			

(13.a)	o	mo-na <sup>45</sup>	Ndenge	w-a-bul-a	o	njanena
	AUG	1-menino	9.criança	1.MS-PST-quebrar-PFV	AUG	9.janela
O menino quebrou a janela						

(13.b)	o	njanena	y-a-bud-ik-a
	AUG	9.janela	9.MS-PST-quebrar-NT-PFV
A janela quebrou			

(13.c)	o	di-zamba	dy-a-bud-ik-a	ni	ki-tembu	maza
	AUG	5-galho	5.MS-PST-quebrar-NT-PFV	PRET	7-vento	ADV
O galho quebrou com vento ontem						

<sup>45</sup> Mona é a contração de muana. Em kimbundu u + a = o.

As construções categorizadas como *agentless passive*, representadas esquematicamente em (3), são aquelas que possuem uma estrutura argumental semelhante às anticausativas nas quais o paciente ocupa a posição de sujeito na intransitiva e o agente não é introduzido na sentença por meio de um argumento oblíquo. No entanto, distintamente das anticausativas, a interpretação espontânea é impossível nestas construções e nela o agente está implícito na sua estrutura semântica das orações. Notamos na tipologia de Dom, Kulikov & Bostoen (2016) que, em línguas como o chichewa, essas construções são realizadas pela extensão verbal neutra *-ik-*. Para verificarmos se em kimbundu podemos encontrar construções do tipo *agentless passive* derivadas a partir do morfema neutro, analisamos um conjunto de dados com verbos de atividade. Neste trabalho, entendemos que os verbos de atividade denotam a ação de um agente sobre um objeto por meio da qual não há necessariamente mudança de estado do ente afetado.

Nos dados em (14) encontramos alternâncias causativas em construções com o verbo *kusukula* ‘lavar’. Em (14.a) notamos a versão transitiva da sentença tendo como estrutura sintática base SN V SN e papéis temáticos de agente e objetivo afetado. Já em (14.b) percebemos que ao movermos o objeto afetado da sentença transitiva para a posição de sujeito da intransitiva a construção torna-se agramatical. Já em (14.c) percebemos a ocorrência do morfema reflexivo na sentença. Neste caso, a sentença é considerada estranha, mas aceitável para os falantes. No entanto, a interpretação não indica uma construção reflexiva, na qual dois papéis semânticos são atribuídos ao mesmo participante. Parece-nos mais uma construção na qual o *se* funciona como uma partícula apassivadora: ‘Lavou-se o prato’ (passiva sintética) que poderia ser transformada em ‘Foi lavado o prato’ (passiva analítica). O dado em (14.d) revela que nem mesmo ao introduzirmos um instrumento por meio da preposição *ni* a sentença se torna gramatical, diferentemente do que ocorre em (8.c), (9.b) e (13.c). A sentença passiva em (14.e) é gramatical e, conseqüentemente, podemos inserir o agente por meio da preposição *kwala*. Ressaltamos que seria necessário testes propondo que os informantes inserissem o morfema *-ek-* entre a raiz verbal e vogal final para que verificássemos se as sentenças (14.b) e (14.d) se tornariam gramaticais. No entanto, não tivemos a possibilidade de realizar este teste. Portanto, a nossa análise é provisória e necessita de refinamento.

(14.a)	Madya	w-a-sukul-a	di-longa
	1.Madya	1.MS-PST-lavar-PFV	5-prato
	Maria lavou o prato		

(14.b)	*	di-longa	dy-a-sukul-a
		5-prato	5.MS-PST-lavar-PFV
		O prato lavou	

(14.c)	?	di-longa	dy-a-di-sukul-a
		5-prato	5.MS-PST-RFX-lavar-PFV
		O prato lavou-se	

(14.d)	*	di-longa	dy-a-sukul-a	ni	Nzaba
		5-prato	5.MS-PST-lavar-PFV	PREP	9.sabão
		O prato lavou com sabão			

(14.e)	di-longa	a-di-sukul-a	kwala	Madya
	5-prato	3pl-PST-5.MO-lavar-PFV	PREP	1.Madya
	Lit: O prato, eles o lavaram pela Madya			
	O prato foi lavado pela Madya			

O mesmo comportamento dos dados em (14) também são percebidos em (15) e (16). No primeiro, temos um conjunto de alternâncias utilizando o verbo *kukanga* ‘fritar’ e no segundo o verbo *kuxixila* ‘varrer’. Ambos são transitivos de atividade, possuem estrutura sintática básica de SN V SN e papéis temáticos de agente e de objeto afetado. Ao movermos o objeto da transitiva para a posição de sujeito da intransitiva, como notamos em (15.b) e (16.b), as sentenças tornam-se agramaticais. Isso reforça a nossa hipótese de que alternâncias causativas realizadas com verbos agentivos de atividade não são gramaticais em kimbundu, porque necessitam de um argumento com papel temático de agente em sua estrutura argumental, diferentemente do que ocorre nas sentenças com verbos de mudança de estado não agentivos. Esse conjunto de dados nos leva a pensar que em kimbundu não há construções do tipo *agentless passive*. Essas construções, como vimos anteriormente, são aquelas que não permitem interpretação espontânea e, conseqüentemente, o agente está semanticamente implícito nas sentenças. Em (15.c) e (16.c) notamos a mesma interpretação de (14.c) ao percebemos que a marca reflexiva possui função apassivadora. Apesar de não serem comuns em kimbundu, as sentenças são compreensíveis para os falantes da língua consultados. A sentença em (15.d) é estranha para um falante L1 de kimbundu, mas aceitável. Já em (16.d) temos uma sentença

agramatical. Seria necessária uma análise mais refinada para notarmos a diferença de percepção entre os falantes para compreendermos porque verbos de estruturas semelhantes desencadeiam leituras interpretações distintas.

(15.a)	mu-lambi	w-a-kang-e	ji-mbonzo
	1-cozinheira	1.MS-PST-fritar-PFV	10-batatas
	A cozinheira fritou as batatas		

(15.b)	*	ji-mbonzo	jy-a-kang-e
		10-batatas	10.MS-fritar-PFV
	As batatas fritaram		

(15.c)	?	ji-mbonzo	jy-a-di-kang-e
		10-batatas	10.MS-PST-RFX-fritar-PFV
	As batatas fritaram-se		

(15.d)	?	ji-mbonzo	jy-a-kang-e	ni	ma-ji	ky-atema
		10-batatas	10.MS-PST-fritar-PFV	PREP	6-óleo	7-quente
	As batatas fritaram com óleo quente					

(16.a)	mu-bika	w-a-xixil-a	b-oxi <sup>46</sup>	dy-a <sup>47</sup>	xikola
	1.servente	1.MS-PST-varrer-PFV	16-chão	5-GEN	9.escola
	O servente varreu o chão da escola				

(16.b)	*	b-oxi	bw-a-xixil-a
		16-chão	16.MS-PST-varrer-PFV
	O chão varreu		

(16.c)	?	b-oxi	bw-a-di-xixil-a
		16-chão	16.MS-PST-RFX-varrer-PFV
	O chão varreu-se		

(16.d)	*	b-oxi	bw-a-xixil-a	ni	ky-ezu
		16-chão	16.MS-PST-varrer-PFV	PREP	7-vassoura
	O chão varreu com vassoura				

Nesta seção já apresentamos construções passivas em (9.c) e (14.e). Nelas, notamos a ausência de qualquer derivativo verbal, incluindo o morfema neutro *-ek-*, nas

<sup>46</sup> Boxi é a contração do locativo bu mais o item lexical ixi. Esta palavra pode significar locação adverbial de lugar traduzida por ‘no chão’ ou ‘em baixo’.

<sup>47</sup> O item lexical boxi dispara concordância na partícula que indica posse. A expectativa é que tivéssemos bua e não dya, utilizado para indicar posse em construções com palavras pertencente a classe 5.

suas formações. A nossa intenção é mostrar, a partir dos dados históricos disponíveis em gramáticas missionárias e descritivas, que o morfema neutro ou qualquer outra extensão verbal não foi utilizada em processos de passivização em kimbundu. Em (17) e (18) temos estruturas passivas com os verbos *kukanga* ‘fritar’ e *kuxixila* ‘varrer’, discutidos anteriormente. Como pudemos observar no capítulo 4, ressaltamos que nas línguas bantu a marca de terceira pessoa do plural é semelhante à classe nominal 2 (plural). Diferentemente de outras línguas bantu de Angola, que derivam suas sentenças passivas a partir da extensão verbal \*-w- do Proto-Bantu, a marca de terceira pessoa do plural em kimbundu foi reanalisada historicamente como formadora de passivas. O dado em (19) foi retirado da descrição mais antiga da língua (Dias, 1697, p. 22). Nela, o autor indica que não há voz passiva em kimbundu e, portanto, os falantes geralmente utilizam um tipo particular de construção na qual o verbo permanece na voz ativa. O dado em (19.a) foi glosado a partir da tradução de Dias. No entanto, percebemos uma inconsistência na análise dessa construção. Primeiramente, porque não há ocorrência da marca de concordância de sujeito *ma-* no verbo. Essa é uma marca obrigatória nas línguas bantu. Depois, há uma clara distinção entre o tempo verbal da tradução de Dias e a indicação de tempo no verbo em kimbundu relatado por ele. A partir dessas considerações, não é possível encontrar uma explicação para a ocorrência do morfema *a-* no início do verbo. Em (19.b) reanalisamos o dado de Dias e sugerimos que o item lexical *mala* ‘homens’ foi deslocado para a periferia esquerda da sentença. A ausência de concordância no verbo reforça a nossa hipótese. Ainda pensamos que no verbo há a contração entre a terceira pessoa do plural *a-* e a marca de passado *-a-*. O item lexical *Nzambi* ‘Deus’ pertence à classe nominal 9, que pode apresentar prefixo Ø ou *i-*, marca de sujeito *i-* e objeto *-i-*. Defendemos que a não ocorrência da marca de objeto decorre da não obrigatoriedade do seu uso em kimbundu (Pedro, 1993, p. 319). Não notamos ocorrência de preposição, portanto, não traduzimos a sentença com agente da passiva, elemento gramatical não obrigatório nas sentenças passivas da maioria das línguas bantu. Em (20) temos uma sentença extraída da *Collecção de Observações Gramaticaes sobre a lingua bunda ou Angolense* (Cannecattim, 1805, p. 24) indicando que a formação das passivas em kimbundu é realizada com o verbo na voz ativa e com uso de “partículas”. Na primeira linha da glosa temos o dado transcrito como coletado na gramática e na segunda encontramos o dado redigido seguindo as regras ortográficas atuais. Nessa sentença encontramos o verbo transitivo *kubeta* ‘castigar, bater’. Diferentemente dos dados em (17) e (18), não reconhecemos a marca de terceira pessoa do plural na posição inicial.

Nela, localizamos o prefixo de sujeito antes do morfema de tempo. Depois, verificamos a marca de objeto *-mu-* referenciando o nome *Fulla* que é introduzido pela preposição *pala* na posição de argumento obliquo. A tradução utilizada está na oitava observação gramatical do frei Cannecattim sobre o verbo em kimbundu. Em (21) e (22) apresentamos duas construções passivas descritas por Chatelain (1888-89). Em ambas, utilizamos a forma extraída da gramática na primeira linha. Depois, reescrevemos os dados na linha seguinte de acordo com norma ortográfica do kimbundu e delimitando algumas palavras de forma distinta. A preposição *kwa* utilizada em (21) revela uma variedade distinta do kimbundu dos falantes em (9.c), (14.e), (17) e (18), que optaram por *kwala*. No entanto, a sua função gramatical e o seu significado são idênticos. A construção em (22), estudada exaustivamente no capítulo 4, possui a preposição *ni* introduzindo o agente. Notamos o morfema *-o-*, categorizado por Chatelain (1888-89) como particípio passado, na posição de tempo. Excetuando a controvérsia sobre a categorização do morfema *-o-*, a posição ocupada por ele na sentença não é a utilizada para afixar morfemas derivativos. De acordo com Chatelain, esta construção é uma excentricidade do kimbundu (1888-89, p. XV).

(17)	ji-mbonzo	a-ji-kang-e	kwala	mu-lambi
	10-batatas	3pl-PST-10.MO-fritar-PFV	PREP	1-cozinheira
	Lit.: As batatas, eles a fritaram pela cozinheira			
	As batatas foram fritadas pela cozinheira			

(18)	b-oxi	dy-a	xikola	a-di-xixil-a	kwala	mu-bika
	16-chão	5-GEN	9.xikola	3pl-PST-5.MO-varrer-PFV	PREP	1-servente
	Lit.: O chão da escola, eles o varreram pelo servente					
	O chão da escola foi varrido pelo servente					

(19.a)	O	m-ala <sup>48</sup>	a-zol-a	Nzambi
	AUG	6-homens	?-amar-IPFV	9.Nzambi
	Lit.: Os homens amam a Deus			
	Deus é amado dos homens			

(19.b)	O	m-ala	a-zol-a	Nzambi
	AUG	6-homens	3pl-PST-amar-IPFV	9.Nzambi
	Lit.: Os homens, eles amavam Deus			
	Deus é amado dos homens			

(20)	Paulo	uamubéta	pála	Fulla
	1.Paulo	w-a-mu-bet-a	pala	1.Fulla
	1.Paulo	1.MS-PST-1.MO-castigar-PFV	PREP	1.Francisco
	Paulo foi castigado por Francisco			

<sup>48</sup> A item lexical *mala* ‘homens’ é a contração da palavra *maala* (a+a = a).



(21)	Eme a ng' i <sup>49</sup> xana kua soba			
	Eme	a-ngi-ixan-a	kwa	soba
	1ps	3pl-PST-1ps.MO-chamar-PFV	PREP	9.soba
	Lit.: Eu, eles me chamaram pelo soba			
	Eu fui chamado pelo soba			

(22)	O 'nzo eii iotunge ni mixi ionene						
	o	i-nzo	eii	i-o-tung-e	Ni	mi-xi	i-onene
	AUG	9-casa	DEM	9.MS-PART-construir-PFV	PREP	4-troncos	9-grandes
	Esta casa foi construída com troncos grandes						

Neste subitem, concluímos que a utilização do morfema *-ek-* em construções anticausativas é restrita a um tipo particular de verbo (*kubula* ‘quebrar, destruir’) em kimbundu. Notamos também a alta produtividade de alternância causativa sem a utilização de qualquer morfologia verbal, o que nos parece uma característica incomum nas línguas bantu. As tentativas de testarmos sentenças categorizadas como *agentless passive* por meio da utilização de verbos de atividade para a manutenção do papel do agente na estrutura semântica da sentença não gerou construções gramaticais. Nestas sentenças, diferentemente das anticausativas, não podemos ter interpretação espontânea. As construções com interpretação passiva mostram que a marca de terceira pessoa do plural foi gramaticalizada e reinterpretada como morfema verbal afixado na posição inicial do verbo. Além disso, as sentenças com interpretação passiva utilizando a marca de particípio passado (Chatelain 1888-89) revelam que a posição deste morfema não se localiza no espaço reservado para as extensões verbais.

#### 6.1.1.2 *Potential passives e facilitativas*

O segundo grupo de construções com possível ocorrência do morfema derivativo *\*-Ik-* do Proto-Bantu são aquelas rotuladas como *patient-oriented*. Nesse grupo temos as sentenças categorizadas como *potential passive* e *facilitativas*. Nelas, o sujeito é um participante tipicamente *patient-like* e possui uma qualidade atribuída por meio de um verbo marcado. Diferentemente das anticausativas e das *agentless passives*, as *potential passives* são construções com interpretação passivas derivadas de verbos intransitivos. Vejamos os dados de swahili (23) e tswana (24) para notarmos o funcionamento destas construções.

<sup>49</sup> Notamos a contração da vogal *-i* do pronome marcador de objeto de 1ps *-ngi-* e a vogal *-i-* do verbo *kuixana* ‘chamar’. Na distinção da função de cada morfema, já o apresentamos separado.

	Swahili (Seidl & Dimitriadis, 2002, p. 254)	
(23)	Ø-godoro	li-na-lal-ik-a
	5-mattress	5.MS-PRS-sleep-NT-VF
	This mattress can be slept on	

	Tswana (Creissels, 2002, p. 403)		
(24)	mae	á-thúb-ey-à	møtløfø
	6.egg	6.MS-break-NT-VF	easily
	The eggs break easily		

Em (23), encontramos o verbo intransitivo dormir em swahili. O morfema *-ik-* aparece afixado entre a raiz verbal e a vogal final. A função deste morfema é promover uma leitura passiva em sentenças com verbos intransitivos. Fizemos uma longa investigação sobre esta construção em kimbundu, mas não conseguimos localizar nenhum dado em kimbundu que pudesse ser interpretado como *potential passives*. Verificamos todos os verbos intransitivos terminados em *-ek-* catalogados no dicionário de Assis Junior (1934). Partimos deste pequeno *corpus* para tentar localizar sentenças com interpretação *potential passives*. No entanto, não localizamos construções desta natureza.

Segundo Dom, Kulikov & Bostoen (2016), em (24) encontramos uma sentença categorizada como facilitava. Nesta sentença, encontramos verbos que permitem derivação anticausativa e a leitura passiva é construída por verbos com tempo, modo e aspecto específicos (*non-completive* e *non-past*) e com advérbios de modo. Em (25) encontramos sentenças que podem ser categorizadas como facilitativas, já que atendem as condições descritas pelos autores.

(25.a)	*	di-longa	di-Ø-sukul-a	mukutoha
		5-prato	5.MS-PRS-lavar-IPFV	ADV
		Prato lava fácil		

(25.b)	*	ji-mbonzo	ji-Ø-kang-a	mukutoha
		10-batatas	10.MS-PRS-fritar-IPFV	ADV
		Batatas fritam fácil		

(25.c)	*	b-oxi	bu-Ø-xixil-a	mukutoha
		16-chão	16.MS-PRS-varrer-IPFV	ADV
		Chão varre fácil		

(25.d)	mu-lele	u-Ø-hub-uk-a	mukutoha
	3-pano	3.MS-PRS-furar-REV-IPFV	ADV
	Pano fura fácil		

As sentenças intransitivas em (25.a), (25.b) e (25.c) com aspecto imperfeito e acompanhadas de advérbios são agramaticais em kimbundu. Em (25.d), diferentemente das anteriores, encontramos uma sentença gramatical. O elemento que a diferencia é a ocorrência do morfema reversivo intransitivo *-uk-*, posicionado entre a raiz verbal e a vogal final. Discutiremos mais cuidadosamente este morfema nas próximas seções, mas levantamos alguns pontos importantes. Schadeberg & Bostoen (2019, p. 186) problematizam a categoria reversiva indicando, entre outros fatores, que encontramos inúmeros verbos em bantu que possuem a marca reversiva sem que exista um verbo não-reversível plausível. Indicam ainda que a forma *\*-ok-*, ainda que considerada separativa intransitiva (reversiva), tem semântica que coincide com o morfema neutro *\*-ik-*. Desta forma, concluímos que a gramaticalidade de (25.d) é dada pela ocorrência do morfema *-uk-*. Para confirmar a nossa hipótese, vejamos os dados em (26).

(26.a)	mu-tungi	w-a-hub-ul-a	mu-lele
	3-costureira	3.MS-PST-furar-REV-PFV	3-pano
	A costureira furou o pano		

(26.b)	mu-lele	w-a-hub-uk-a	
	3-pano	3.MS-PST-furar-REV-PFV	
	O pano furou		

(26.c)	mu-lele	w-a-di-hub-ul-a	
	3-pano	3.MS-PST-RFX-furar-REV-PFV	
	O pano furou-se		

(26.d)	mu-lele	w-a-hub-uk-a	ni	ki-hutilu
	3-pano	3.MS-PST-furar-REV-IPFV	PREP	7-tesoura
	O pano furou com tesoura			

(26.e)	mu-lele	a-a-w-u-hub-ul-a	kwala	mu-tungi
	3-pano	3pl-PST-3.MO-furar-REV-IPFV	PREP	3-costureira
	Lit.: O pano, eles o furaram pela costureira			
	O pano foi furado pela costureira			

Notamos que nas sentenças (26.a), (26.c) e (26.e) há ocorrência do morfema separativo transitivo *-ul-*. Como indicamos anteriormente, os verbos *kuhubula/*

*kuhubuka* não possuem verbo sem a morfologia reversiva. Na variedade do kimbundu do Libolo, notamos que o verbo furar possui a forma *kutufula/kutufuka*. Destacamos que na sentença (26.c), o reversivo transitivo coocorre com o morfema reflexivo. Já em (26.e), reconhecemos uma sentença com interpretação passiva. Em (26.b) e (26.d) temos sentenças gramaticais com o morfema separativo intransitivo (reversivo). O instrumento na sentença (26.d) é introduzido pela preposição *ni*.

Nesta subseção, estudamos duas construções: as *potential passives* e as facilitavas. Apesar da análise pormenorizada dos verbos intransitivo que podem ser derivados pelo morfema neutro *-ek-* e possuírem interpretação passiva, não encontramos ocorrências em kimbundu desta construção. Já as facilitativas podem ocorrer. Por meio dos dados analisados até aqui, este tipo de construção ocorre pelo uso da extensão verbal separativa intransitiva (reversiva). Em nenhum dos casos, o morfema neutro é utilizado. No entanto, sabemos que a semântica deste morfema é muito próxima do neutro, o que pode indicar uma reanálise histórica deste morfema.

### 6.1.1.3 Verbos de percepção

O morfema *\*-Ik-* também ocorre com verbos de percepção nas línguas bantu. Nas construções em que esta extensão verbal aparece, o experienciador é demovido ou omitido e a posição de sujeito é ocupada por um *promoted stimulus participant* ou *covert generic participant*. Assim, encontraríamos dois tipos de sentenças: as construções de *stimulus* e as construções evidenciais. Em nenhum conjunto de dados (gramáticas, análises, narrativas e crônicas) analisados, nem mesmo nas sessões de elicitación, sentenças foram produzidas nas quais o sujeito tivesse as características indicadas por Dom, Kulikov & Bostoen (2016). Sugerimos que os falantes produzissem sentenças utilizando evidencialidade direta e indireta, mas não houve alteração das sentenças. Evidentemente, não é possível afirmar que estas construções não ocorram no kimbundu. Torna-se necessário, como já indicamos para as construções *potential passives*, mais investigação por meio de pesquisa de campo e coletas de dados mais controladas.

Em (27), mostramos ocorrências encontradas em kimbundu com verbos de percepção. Optamos por apresentá-los em detrimento de outros dados encontrados, porque todas as sentenças abaixo foram extraídas de narrativas. Desta forma, tornou-se possível acompanhar a progressão das informações e verificar o estatuto do sujeito.

	Chatelain (1894, p. 58)				
(27.a)	a-Ø-tal-a	o	mu-hatu	a-a	mu-nde
	3pl-PRS-olhar-IPFV	AUG	1-mulher	1-GEN	3-branca
	Eles olham para a mulher branca				

	Chatelain (1894, p. 130)		
(27.b)	u-Ø-tal-a	ku	meza
	3ps-PRS-olhar-IPFV	PREP	9.mesa
	Ele olha na mesa		

	Chatelain (1984, p. 84)							
(27.c)	o	mu-hatu	u-Ø-ivu-a	dingi	mu	m-ala	o	ndenge
	AUG	1-mulher	1.MS-PRS-ouvir-IPFV	ADV	PREP	6-barriga	AUG	9.criança
	A mulher ouve na barriga novamente a criança							

	Chatelain (1984, p. 102)		
(27.d)	u-Ø-ivu-a	bu	kanga
	3ps-PRS-ouvir-IPFV	PREP	
	Ela ouve (lá) fora		

	Chatelain (1984, p. 51)				
(27.e)	Muene,	ki	a-Ø-muen-e	ngana	Vidiji Milanda
	Ela,	CONJ	3ps-PRS-ver-IPFV	9.senhora	1.Vidiji Milanda
	Ela, quando ela vê a senhora Vidiji Milanda				

Como pode ser notado, nas sentenças em (27) encontramos verbos de percepção. Utilizamos sentenças contendo os verbos *kutala* ‘olhar’, *kuiuva* ‘ouvir’ e *kumona* ‘ver’. Notamos que não há ocorrências do morfema neutro ou outra extensão verbal. Em nenhuma das ocorrências não há *promoted stimulus participant* ou *covert generic participant* na posição de sujeito.

A partir da tipologia de Dom, Kulikov & Bostoen (2016), sabemos que o morfema neutro *\*-Ik-* em Proto-Bantu pode ser utilizado em três conjuntos de construções: (i) anticausativas, *agentless passives* e passivas; (ii) passivas potenciais e *facilitatives*<sup>50</sup>; e (iii) construções com verbos de percepção. Nos testes realizados em kimbundu, partindo de sentenças extraídas de gramáticas, crônicas e narrativas, além de dados elicitados por meio de questionários, encontramos o morfema neutro *-ek-* apenas em sentenças anticausativas. Na verdade, o morfema foi utilizado apenas com o verbo *kubula* ‘quebrar, destruir’). Todas as outras alternâncias foram realizadas sem qualquer marca morfológica

<sup>50</sup> O conceito de *facilitave construction* é semelhante ao que nas teorias sintáticas formais têm sido denominado de *dispositional middle*.

no verbo. Não encontramos ocorrências de *potential passives*, sentenças com verbos de percepção e sujeitos ocupados por *promoted stimulus participant* ou *covert generic participant*. Em razão da limitação dos dados, não podemos afirmar categoricamente a sua inexistência. No entanto, parece-nos possível afirmar que sua ocorrência, pelo menos, não é produtiva na língua.

### 6.1.2 Posicional/estativo -am-

O sufixo posicional não afeta a estrutura argumental do verbo na maioria das línguas bantu. A literatura tem demonstrado que estes morfemas possuem dois significados recorrentes quando afixados nas sentenças. O primeiro deles é “assumir uma posição”. Já o segundo é “estar em uma posição”. Neste último caso, este significado ocorre quando o verbo está no aspecto perfectivo. A extensão verbal posicional/estativa foi reconstruída no Proto-Bantu junto ao verbo e não como sufixo. De toda forma, nos dados utilizados nesta seção os manteremos segmentados para destacarmos a sua ocorrência e o seu significado nos enunciados analisados. Dom, Kulikov & Bostoen (2016) afirmam que a extensão verbal posicional ocorre com verbos que vão além do significado expresso anteriormente: “assumir uma posição” e “estar em uma posição”. Caso as línguas bantu mantivessem apenas os significados descritos acima, teríamos apenas verbos descrevendo situações médias de mudança da postura do corpo e movimentos não-translacionais. Os autores indicam que a marca pode ocorrer ainda em situações médias espontâneas, cognição e emoção, além das duas categorias expressas acima. Interessantemente, em línguas que não possuem a extensão verbal passiva, o morfema posicional tem sido reanalisado como passiva em Lingala (C36d), Ngombe (C41), Mongo (C61). Vejamos algumas ocorrências em kimbundu nos dados em (28).

(28.a)	anga	ngi-Ø-xik-am-a	m-oxi	y-a	mu-xi
	CONJ	1ps-PRS-sentar-POST-IPFV	16-chão	4-GEN	3-árvore
	E eu sento-me debaixo da árvore				

(28.b)	ng-a-xik-am-a	mu	ki-buna
	1ps-PST-sentar-POST-PFV	PREP	7-mesa
	Sentei-me à mesa		

Os dados em (28) mostram ocorrências com o verbo *kuxik-am-a* ‘sentar’ encontradas em uma narrativa sobre atividades diárias. Na descrição dos eventos que se

realizam em apenas um dia, o informante percorre um trajeto e desenvolve atividades rotineiras. Nas duas sentenças, encontramos o Kemmer (1988) denomina posicional expressando configurações do corpo. Uma das características deste evento médio é que o deslocamento tenha um “locational endpoint”. Agora, vejamos o dado em (29).

(29.a)	ma-yala	a-Ø-zenz-em-es-a	mu-xi
	6-homens	6.MS-PRS-inclinar-POST-CAUS-IPFV	3-árvore
	Os homens fizeram a árvore inclinar		

(29.b)	Mi-xi	a-a-y-zenz-em-es-a	kwala	ma-yala
	3-árvores	3pl-PST-3.MO-inclinar-POST-CAUS-PFV	PREP	6-homens
	Lit.: As árvores, eles a fizeram inclinar pelos homens			
	As árvores foram inclinadas pelos homens			

Em (29) notamos sentenças com o verbo *kuzenz-am-a* ‘inclinar’. Este verbo pode ser classificado como de mudança de estado, não obrigatoriamente agentivo, que possui estrutura sintática básica SN V SN. Notamos em (29.a) e (29.b) a coocorrência do morfema posicional e o morfema causativo. Nas duas sentenças, reconhecemos eventos nos quais temos movimentos translacionais. Nos casos em questão, o movimento da árvore é provocado por um agente. Sugerimos que um dos informantes L1 de kimbundu produziu a sentença “A árvore inclinou pelos homens”. No entanto, a sentença não foi realizada, porque o colaborador a considerou gramatical.

No quadro 7 listamos verbos que podem ser categorizados como eventos médios. Notamos na estrutura do verbo o morfema posicional *-am-*.

Evento médio	Verbo	Tradução
<b>Posicionais</b>	kuxikama	sentar
	kuboloma	curvar
	kufama	assentar
	kufukama	ajoelhar
	kungongama	colocar-se de cócoras
	kifulama	colocar-se sobre
	kubilama	virar
	kukama	retorcer
<b>Emocionais</b>	kukunzama	humilhar
	kuaalama	estar alegre
	kusangama	estar feliz
	kuzutama	ficar admirado
	kubuuama	ficar pasmo
	kuhama	ter raiva

	kukuama	ofender
<b>Espontâneos</b>	kumama	molhar
<b>Movimentos Translacionais</b>	kulungama	aproximar
	kutuama	ir adiante
	kulumdama	cavalgar

Estes itens lexicais citados anteriormente não foram testados para verificarmos o comportamento sintático em sentenças. No entanto, sua ocorrência é coerente à proposta de Dom, Kulikov & Bostoen (2016). A partir da observação do quadro anterior, notamos que não encontramos apenas eventos médios indicando “assumir uma posição” ou “estar em uma posição” em kimbundu. Estas considerações são pertinentes para notarmos a amplitude do uso do morfema posicional *-am-*.

### 6.1.3 Separativo Reversivo Intransitivo *-uk-*

A extensão verbal separativa reversiva foi reconstruída como *\*-ud-* (transitiva) e *\*-uk-* (intransitiva) no Proto-Bantu. Estes são morfemas verbais com produtividade intermediária neste grupo de línguas. Destacamos que apesar do rótulo “reversivo”, não é necessário que raízes verbais com sentido oposto ocorram para que possam ocorrer marcações nos verbos. Por esta razão, esta etiqueta tem sido rejeitada pelos bantuistas. Dom, Kulikov & Boeston (2016) mostram que alguns verbos do Proto-Bantu terminados em *\*-uk-* podem ser classificados pertencendo aos tipos médios (Kemmer, 1993): movimento translacional e não-translacional, mudança na postura do corpo, eventos espontâneos, cognitivos e estativos. Schadeberg & Bostoen (2019) indicam que o significado mais apropriado para este morfema é o de um “movimento fora de alguma posição original” (p. 186). Vejamos os dados de kimbundu em (30).

(30.a)	o	di-ju	dy-a	dy-adyanga	dy-a-son-ok-a
	AUG	5-dente	5-GEN	5-primeiro	5-PAST-cair-REV-PFV
	O primeiro dente caiu				

(30.b)	ngi-Ø-vut-uk-a	monzo
	1ps-PRS-retornar-REV-IPFV	9.quarto
	Retorno para o quarto	

(30.c)	ngi-Ø-sand-uk-a
	1ps-juntar-REV-IPFV
	Afasto-me



(30.d)	ngi-Ø-bal-um-uk-a
	1ps-PRS-abaixar-POST-IPFV
	Levanto-me

Notamos nas sentenças (30.a) e (30.b) que os verbos, apesar de possuírem a extensão verbal separativa reversiva, não possui o verbo de base no sentido oposto. Já em (30.c) e (30.d) os verbos já possuem uma raiz contrária. Encontramos no verbo as versões intransitivas do morfema separativo. No entanto, o informante produziu as sentenças e traduziu-as com pronomes oblíquos. Em (30.d), notamos a coocorrência da extensão verbal posicional/estativa. Agora, vejamos dados em (31) para percebermos a alternância entre uma sentença com morfema causativo e uma sentença intransitiva com o morfema *-uk-*.

(31.a)	o	ki-fulukulu	ky-a-bang-es-a	mbolo	ku-kula
	AUG	7-fermento	7.MS-PST-fazer-CAUS-PFV	9.bolo	15-crescer
	O fermento fez crescer o bolo				

(31.b)	o	mbolo	y-a-ful-uk-a
	AUG	9.bolo	9.MS-PST-fermentar-REV-PFV
	O bolo fermentou (cresceu)		

A ocorrência do morfema *-uk-* em (31.b) no verbo dá para a sentença gramaticalidade. Este dado ajuda-nos a compreender o que ocorreu em (14.b) e (14.d), que foram percebidas pelo informante como agramaticais. Parece-nos que a ocorrência de um morfema intransitivizador é obrigatório na sentença.

Em kimbundu, a ocorrência da extensão verbal *-uk-* é muito produtiva. Ela é utilizada, como pudemos perceber, em sentenças intransitivas. Entre os tipos de eventos médios que ocorrem em kimbundu, identificamos: movimentos translacionais, eventos espontâneos e mudanças na postura do corpo.

#### 6.1.4 Associativo/recíproco e reflexivo

Nas notas preliminares de sua gramática, Chatelain (1888-89) indica que em kimbundu o “suffixo recíproco *-ana*, [foi] substituído pelo infixos reflexo *ri*” (p. XV). Esta definição percorrerá todas as gramáticas, missionárias ou descritivas, desta língua. Para verificar a falta desta extensão verbal, utilizamos a coleção de vídeos *Reciprocal Constructions and Situation Type* (Evans, Levinson, Enfield, Gaby & Majud, 2004). Dois informantes participaram da sessão e descreveram sessenta e oito vídeo cliques que mostra

situações nas quais há reciprocidade. Os resultados deste processo indicaram que nenhum dos informantes utilizou o morfema recíproco *-an-*. Em seu lugar, utilizaram o morfema *-di-* para construir sentenças recíprocas. Nesta seção, aproveitamos a ocorrência de recíprocas e reflexivas para analisar estes fenômenos em perspectiva. Desta forma, conseguimos compreender melhor o seu funcionamento. Vejamos os dados em (32) e (33).

(32.a)	ene	a-a-di-t-e	ji-ndamba
	3pl	3pl.MS-PST-RFX-dar-PFV	10-chapadas
	Eles deram-se chapadas		

(32.b)	a-thu	a-a-di-bukul-a
	1-pessoas	1.MS-PST-RFX-abraçar-PFV
	As pessoas abraçaram-se	

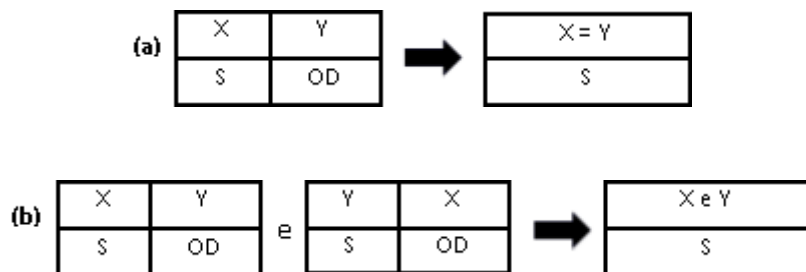
(32.c)	a-hatu	a-Ø-di-kwat-a	ku	ndemba
	1-mulher	1.MS-PRS-RFX-mexer-IPFV	PREP	9.cabelo
	As mulheres mexem-se no cabelo			

(33.a)	ngi-di-sukul-a
	1ps-PRS-RFX-lavar-IPFV
	Eu lavo-me

(33.b)	ngi-di-samun-a
	1ps-PRS-RFX-pentear-IPFV
	Eu penteio-me

Em (32) notamos fenômenos recíprocos representados por Sujeito ↔ Objeto Direto (e.g. *João ama Maria e Maria ama João = João e Maria se amam*). Em kimbundu a forma associativo/recíproco *\*-an-* (Meeussen, 1967). foi substituída pelo pronome recíproco *-di-*. Trata-se de uma mudança atestada nas línguas bantu em todas as áreas linguísticas (Aksenova, 1990). Dom, Kulikov & Bostoen (2016) confirmam a polissemia do prefixo reflexivo ao afirmarem que em línguas bantu do sudoeste “faladas principalmente em Angola, a polifuncionalidade da reflexiva não se estende apenas para marcar verbos denotando situações médias, mas também inclui derivação recíproca” (p. 143). Já em (33) encontramos sentenças categorizadas como reflexivas, na qual o sujeito é correferencial ao objeto direto.

Utilizamos novamente o instrumental teórico do *Leningrad/St Petersburg Typology Group* para compreendermos a distinção entre as duas sentenças. Vejamos abaixo os esquemas de reflexivas e recíprocas para notarmos as diferenças no padrão estrutural.



Em uma construção reflexiva, descrita “como uma derivação que codifica a identidade referencial do argumento principal da estrutura (X) e algum outro argumento” (Kulikov, pg 268), percebemos duas possibilidades para o objeto direto. Ele pode ser substituído por um pronome reflexivo (por exemplo, *himself* do inglês) ou removido da sua estrutura original, como indica o esquema em (a). Neste último caso, podemos afirmar que temos uma construção com redução de valência. Pensamos que os dados (33) podem ser representados pelo esquema em (a), porque em kimbundu possuímos uma marca reflexiva incorporada ao verbo em uma posição imediatamente posterior a marca de tempo. As recíprocas podem ser definidas “como uma operação lógica, que pode ser identificada “como uma conjunção da proposição de base com o seu equivalente ‘simétrico’ onde dois dos argumentos trocam de papéis” (Kulikov, pg 269). Em uma construção recíproca, o objeto direto pode ser substituído por um pronome recíproco (por exemplo, *each other* no inglês) ou removido da sua estrutura original, o que podemos observar nos dados (32) e na sua representação em (b). Como no caso anterior, reconhecemos também uma operação de redução de valência nessas construções. É importante notarmos que em ambos os casos o verbo precisa receber uma marca morfológica. A distinção entre reflexivas e recíprocas podem ser encontradas na literatura tipológica com a designação “voz reflexiva” e “voz recíproca” em razão de suas diferenças estruturais.

Dom, Kulikov & Bostoen (2016) notam que Kemmer (1993) interpreta equivocadamente os dados de changana. Primeiramente, a autora oferece exemplos em sua argumentação que evidenciam a existência de dois morfemas não-cognatos: o reflexivo *-ti-* e o associativo/recíproco *-an-* (veja quadro 1). Depois, a autora define a marca recíproca como *-na* (*ku hamba-na* ‘be separate, different’, p. 107). No entanto,

seguindo a reconstrução desse morfema no protobanto a sua forma é *\*-an-* (Meeussen, 1967). Nos dados apresentados pela autora, esse morfema deveria ser dividido de modo que a vogal final pudesse ser identificada *-a*. Sabe-se que a vogal final nas línguas bantas pode codificar diferentes funções gramaticais. Em kimbundu esse morfema indica aspecto e em changana, dado analisado por Kemmer, a vogal final indica tempo (Duarte, 2011). Destacamos também que Kemmer utiliza apenas dados extraídos de Ribeiro (1965), que falha em perceber as extensões verbais estativas e reversivas na língua analisada. Além disso, a autora desconsidera o morfema neutro descrito por Ribeiro em sua gramática

Marca reflexiva (-ti-)	Marca associativo/recíproca (-an-)
ku <b>ti</b> -tekela 'take for oneself' (p.19 e 79) ku <b>ti</b> -milela 'germinate, sprout' (p.19) ku <b>ti</b> -tsakela 'be(come) happy' (p.21) ku <b>ti</b> -nwaya 'scratch, rub oneself' (p.61) ku <b>ti</b> -bsekela nyama 'cook meat for oneself' (pg. 79) ku <b>ti</b> -tsakela 'be, become glad' (pg. 131)	ku ring- <b>an</b> -a 'be similar' (pg. 107) ku hamb- <b>an</b> -a 'be separate, be different' (pg. 107) ku thlang- <b>an</b> -a 'reunite, be reunited' (pg. 107) ku tiv- <b>an</b> -a 'be acquainted with one another' (pg. 106) ku twan- <b>an</b> -a 'agree' (pg. 106) ku rhandz- <b>an</b> -a 'love each other' (pg. 106)

Protobanto (Schadeber, 2003)	Doke (1954)	Ribeiro (1965)	Baumbach (1988)	Sitoe (1996, 2009)	Langa (2007, 2012)	Ngunga & Simbine (2012)
<b>Reflexivo</b> *-(j)i-	?	-ti-	?	?	-	-ti- / -ri- (class 5)
<b>Neutro</b> *-Ik-	-ek-	-ek-	-ek-	-ek-	-ek-	-ek-
<b>Posicional</b> (Estativo) *-am-	-	-	-am-	-am-	-am-	-
<b>Associativo</b> (Recíproco) *-an-	-an-	-an-	-an-	-an-	-an-	-an-
<b>Separativo tr.; intr.</b> (Reversivo) *-ul-; *uk-	-ul-	-	-ul-	-ul-	-al- / -ul-	-ul-

Se por um lado Kemmer (1993, 1994) falha em reconhecer a rica morfologia verbal das línguas bantu nas marcações da voz média, o seu conceito de

“distinguishability constructions” (1994), que indica a variação entre eventos transitivos com dois participantes e eventos intransitivos com um participante e na concepção de um espaço semântico médio envolvido entre construções recíprocas, reflexivas e passivas, parece-nos funcionar para essa categoria nas línguas bantas. A autora afirma que em uma construção reflexiva, na qual temos dois participantes, notamos uma divisão na representação do “self”, porque sujeito e objeto são distinguíveis como participantes correferenciais do evento. Já os eventos médios não implicam em divisão entre participantes, pois é concebido apenas na esfera do sujeito. A hipótese de Kemmer (1994) sustenta a interpretação de que as construções médias emergem das construções reflexivas.

## 7. CONCLUSÃO

Nesta dissertação, partimos de dados escritos e orais para compreender o funcionamento da voz verbal passiva e média em kimbundu. Apresentamos fontes históricas, gramáticas missionárias e descritivas, análises linguísticas e questionários de elicitación para a extração dos dados linguísticos analisado. Indicamos a origem dos materiais consultados e as limitações de cada um deles que vão desde a sistematização tardia da escrita das línguas nacionais angolanas até a dificuldade de identificação das variedades do kimbundu registradas em cada um dos documentos. Apenas atualizamos o sistema de escrita do kimbundu quando as sentenças coletadas estavam incompreensíveis. Quando modificamos as estruturas, análises e as glosas dos autores, anunciamos no decorrer da argumentação ou em notas de rodapé.

Ao apresentarmos a morfologia verbal do kimbundu, tivemos a intenção de explorar cuidadosamente cada posição do verbo e suas funções gramaticais. Utilizamos dados massivos para compreender o funcionamento das categorias de aspecto e tempo, que são relevantes para o nosso trabalho. Apresentando, cotejamos e criticamos a proposta de Chatelain (1888-89), Pedro (1993), Nurse (2008) e Xavier (2010) ao colocarmos em perspectiva dados retirados dos trabalhos dos autores e elicitaciones de informantes que têm o kimbundu como L1 e L2. Desta forma, testamos a consistência de cada uma das categorias analisadas.

Analisamos as construções passivas em kimbundu sempre comparando-as com realizações de outras línguas bantu. Após a nossa investigação, notamos a ocorrência de construções de passivas com participio passado passivo em kimbundu, formadas por meio do morfema *-o-*, que deve ser afixado entre a marca de sujeito e a raiz verbal, alterada a vogal final do verbo para *-e* e introduzido o agente da passiva por meio da preposição *kwa* ou *ni*. A segunda forma de passivização encontrada ocorre por meio de um processo de gramaticalização no qual o morfema de terceira pessoa do plural, deslocado para o início do verbo, promove interpretação passiva e o verbo permanece ativo. Esta construção, comum a outras línguas bantu, são denominadas de *ba-passive* (Schadeberg & Bostoen, 2019). Já Givón (2006), denomina este do tipo de construção (*E*) - *The Left-dislocation-cum-impersonal-subject passive*. Analisamos sentenças com interpretação passivas realizadas por meio de inversão sintática (OSV e OVS) por falantes de kimbundu

L2. Apesar de não termos acompanhado a coleta dos dados, estas construções são coerentes em relação ao que foi descrito até aqui nas línguas bantu.

Ao analisarmos cada morfema que constitui o sistema de voz média, indicada por Dom, Kulikov & Bostoen (2016), concluímos que a utilização do morfema neutro *-ek-* em construções anticausativas é restrita a um tipo particular de verbo (*kubula* ‘quebrar, destruir’) em kimbundu. Ressaltamos a alta produtividade de alternâncias causativas sem marcação morfológica no verbo, o que nos parece uma característica diferente de outras línguas bantu. As tentativas de testarmos sentenças categorizadas como *agentless passive* por meio da utilização de verbos de atividade para a manutenção do papel do agente na estrutura semântica da sentença não gerou construções gramaticais. Nestas sentenças, diferentemente das anticausativas, não podemos ter interpretação espontânea. Já as construções com interpretação passiva mostram que a marca de terceira pessoa do plural foi gramaticalizada e reinterpretada como morfema verbal afixado na posição inicial do verbo. Além disso, as sentenças com interpretação passiva utilizando a marca de participípio passado (Chatelain 1888-89) revelam que a posição deste morfema não se localiza no espaço reservado para as extensões verbais. Ainda tentando compreender o morfema estativo, estudamos duas construções: as *potential passives* e as facilitavas. Apesar da análise pormenorizada dos verbos intransitivos que podem ser derivados pelo morfema *-ek-* e possuírem interpretação passiva, não encontramos ocorrências em kimbundu desta construção. Por outro lado, construções facilitativas podem ocorrer. No entanto, como pudemos notar, elas ocorreram apenas por meio da extensão verbal separativa intransitiva (reversiva) *-uk-*. Em nenhum dos casos, o morfema neutro foi utilizado. Verificamos também o funcionamento de sentenças com verbos de percepção. A nossa intenção era localizar sentenças com sujeitos ocupados por *promoted stimulus participant* ou *covert generic participant*. Em razão da limitação dos dados, não podemos afirmar categoricamente a sua inexistência. No entanto, parece-nos possível afirmar que sua ocorrência não é produtiva na língua.

A extensão verbal posicional *-am-* tem sido tratada na literatura bantuista como um fenômeno com dois significados principais. O primeiro deles é “assumir uma posição”. Já o segundo é “estar em uma posição”. Neste último caso, este significado ocorre quando o verbo está no aspecto perfectivo. No entanto, a partir das observações de Dom, Kulikov & Bostoen (2016), percebemos que esta categoria verbal expressa outros eventos médios. Em kimbundu, após analisarmos sentenças e itens lexicais

dicionarizados, reconhecemos eventos médios categorizados como posicionais, emocionais, espontâneos e movimentos translacionais.

Nos dados analisados, notamos que a extensão verbal *-uk-* é produtiva em kimbundu. Nesta língua, este morfema derivativo ocorre exclusivamente em sentenças intransitivas. Movimentos translacionais, eventos espontâneos e mudanças na postura do corpo são os tipos médios mais comuns em kimbundu. Ao compararmos as ocorrências do morfema separativo reversivo com o derivativo *-ek-*, notamos que o segundo é pouco utilizado. Schadeberg & Bostoen (2019) afirmam que a semântica do *-uk-* coincide com o neutro *-ek-*. Por esta razão, sugerimos que a pouca ocorrência de morfemas neutros pode sugerir que talvez ela possa estar sendo substituída pelo separativo reversivo intransitivo.

Nas construções reflexivas temos “uma derivação que codifica a identidade referencial do argumento principal da estrutura e algum outro argumento” (Kulikov, pg 268). Desta forma, há duas possibilidades para o objeto direto. Ele pode ser substituído por um pronome reflexivo ou removido da sua estrutura original. Já as recíprocas são definidas “como uma operação lógica, que pode ser identificada como uma conjunção da proposição de base com o seu equivalente ‘simétrico’ onde dois dos argumentos trocam de papéis” (Kulikov, pg 269). Em kimbundu, notamos a polissemia do morfema reflexivo *-di-*, que ocorre tanto para expressar construções reflexivas quanto recíprocas. Esta é uma mudança atestada em outras línguas bantu, mas ocorre especialmente nas línguas de Angola (Dom, Kulikov & Bostoen, 2016, p. 143).



## 7. BIBLIOGRAFIA

- AKSENOVA, I.S. “Glagol” [The Verb]. In: I.S. Aksenova & I.N. Toporova. Vvedenie v bantuistiku. [Introduction to Bantu studies]. Moskva: Nauka, 127–240. 1990.
- ALENCASTRO, L. F. de. “Os africanos e as falas africanas no Brasil”. In: Galves, C., Garmes, H., Ribeiro, F. R. (organizadores). África – Brasil: caminhos da língua portuguesa. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- ALEXIADOU, A., Doron, E. The syntactic construction of two non-active Voices: passive and middle. *Journal of Linguistics* 48: 1-34. 2012.
- ANGENOT, J., Kedmpf, C. B., Kukanda, V. Arte da Língua de Angola de Pedro Dias (1697) sob o prisma da dialetologia kimbundu. *Papia (Brasília)*, v. 21.2, p. 233-254, 2011.
- ASHTON, E. O. Swahili Grammar. London: Longmans, Green & Co, 1947.
- ASSIS Junior, A. de. Dicionário Kimbundu-Português. Luanda: Argente, Santos & Cia, 1941.
- BAIÃO, D. V. O kimbundo sem mestre. Volume 1 e 2. Porto: Imprensa Moderna. 1946.
- BATALHA, L. A lingua de Angola. Lisboa: Companhia Nacional Editora. 1891
- BEARTH, T. Syntax. In: Derek Nurse and Gérard Philippon, (editors). *The Bantu Languages*. London: Routledge, 2003.
- BONVINI, E. Classes d'accord dans les langues négro-africaines. *Faits de langues*, 8. Paris: Ophrys, 1996.
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: Fiorin, J. L.; Petter, M. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 15-62
- BOESTON, K. Mundeke, L. Passiveness and inversion in Mbunn (Bantu, B87, DRC). In: *Journal of African Languages and Linguistics* 35. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011.
- CANNECATIM, B. M. de, O.F.M. Diccionario da lingua bunda ou angolense, explicada na portugueza, e latina. Lisboa : Na Impressão Regia, 1804.
- CANNECATTIM, B. M. de. 1805. Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda, ou Angolense. Lisboa : Impressão Régia, 1805.
- CHATELAIN, H. Grammatica elementar do Kimbundo ou lingua de Angola. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt. 1888-1889.

- CHATELAIN, H. Folk Tales of Angola – Fifty Tales, With Ki-Mbundu Text Literal English Translation, Introduction, And Notes. Published for the American Foll-Lore Society Lt: Boston, 1894.
- DIAS, P. A arte da língua de Angola. In. ROSA, M. C. Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: O quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- DOM, S., Kulikov, L., Bostoën, K. The Middle as a Voice Category in Bantu: Setting the Stage for Further Research. In: *Lingua Posnaniensis* 58 (2): 129–149. 2018.
- DOM, S., Kulikov, L., Bostoën, K. Valency-decreasing derivations and quasi-middles in Bantu: A typological perspective. *Southern African Linguistics and Applied Language Studies*, 36:3, 2018.
- FERNANDES, J. e Ntongo, Z. Angola: Povos e Línguas. Luanda: Editora Nzila, 2002.
- GENIUŠIENĖ, E. Š. The typology of reflexives. Berlin: Mouton de Gruter, 1987.
- GIVÓN, T. The pragmatics of de-transitive voice: Functional and typological aspects of inversion. *Voice and Inversion*, Talmy Givón (ed.), 3–46. Amsterdam: John Benjamins [Typological Studies in Language 28]. 1994.
- GIVÓN, T. *Syntax: an introduction – Volume II*. Philadelphia: Amsterdam John Benjamins Company, 2001.
- GIVÓN, T. Grammatical relations in passive clauses. A diachronic perspective. In. Abraham, W. Leisiö, L (org.). *Passivization and Typology. Form and function*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, p. 337-348, 2006.
- GONÇALVES, C. L. Um estudo sobre a Collecção de Observações Grammaticaes, de Fr. Bernardo Maria de Cannecattim, O. F. M. Cap. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2018.
- HALE, K. Keyser, *Prolegomenon to a Theory of Arguments Structure*. Cambridge: Mit Press, 2002.
- INE - Instituto Nacional de Estatística. março, 2016. Censo 2014. Resultados definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação - 2014. Luanda: INE, 2016.
- JORGE, M. Doutrina Christã, composta pelo P. Marcos Jorge, da Companhia de IESU, doutor em Teologia, acrescentada pelo Padre Ignácio Martinz, da mesma Companhia, doutor theologo. De novo traduzida na lingoa do Reyno de Congo, por ordem do P. Mattheus Cardoso, theologo da Companhia de IESU, natural da cidade de Lisboa. Lisboa, Por Geraldo da Vinha, 1624
- KAWASHA, B. K. *Lunda Grammar: A Morphosyntactic and Semantic Analysis*. PhD Thesis, UMI, Ann Arbor. 2003.
- KAZENIN, K. I. Verbal reflexives and the middle voice. In Haspelmath, Martin & König, Ekkehard & Oesterreicher, Wulf & Raible, Wolfgang (eds.), *Language typology and*

language universals: An international handbook vol. 2 (Handbooks of Linguistics and Communication Science 20). Berlin: Walter de Gruyter. 2001.

KEMMER, S. *The Middle Voice*. Amsterdam: John Benjamins. 1993.

KEMMER, S. Middle Voice, transitivity, and the elaboration of events. In Fox, & Hopper, (eds.). *Voice: Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994.

KEYSER, S. J., Roeper, T. On the middle and ergative constructions in English. *Linguistic Inquiry* 15, 1984.

KLAIMAN, M. H. 1991. *Grammatical Voice*. Cambridge: Cambridge University Press.

KULA, N., Marten. Argument structure and agency in Bemba passives. In: Karsten Legère and Cristina Thornell (editors). *Bantu Languages: Analyses, Description and Theory (East African Languages and Dialects, 20)*. Cologne: Rudiger Koppe, pp. 115-130, 2010.

KULIKOV, L. Voice typology. In: Song, J. J. (ed.), *The Oxford Handbook of Linguistic Typology*. Oxford: Oxford University Press, 2011

KULIKOV, L. Middle and reflexive. In: Luraghi, S. & Parodi, C. (eds.) *The Bloomsbury companion to syntax*, 261-280. London: Bloomsbury. 2013.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: A preliminary investigation*. Chicago: University of Chicago Press. 1993.

LYONS, John. 1969. *Introduction to theoretical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. [Reprinted edition.]

MAGALHÃES, A. M. *Manual das línguas indígenas de Angola - Segundo o programa oficial para exames administrativos*. Loanda: Imprensa Nacional de Angola, 1922.

MAHO, J. F. *The Bantu bibliography*. African linguistic bibliographies, n. 8. Köln: Rüdiger Köppe Verlag. 2008.

MAHO, J. F. BOB - Bantu Online Bibliography. 2009. Disponível: <http://goto.glocalnet.net/jfmaho/bob.pdf>. Acesso: 01/10/2017.

MAHO, J. F. *The Bantu Bibliography Supplement*. 2011. Disponível: <http://goto.glocalnet.net/mahopapers/bntbibliosupp.pdf>. Acesso: 01/10/2017

MAIA, A. da S. *Guia Prático para a aprendizagem das línguas portuguesa e omumbuim*. Luanda: Escola Tipográfica das Missões, 1951.

MALDONADO, R. Middle as a basic voice system. In: Guerrero, L.; Ibáñez, S.; Belloro, V. (Ed.). *Studies in role and reference grammar*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM, 2009. p. 69-109.

- MALDONADO, R. Grammatical Voice in Cognitive Grammar. In: Geeraerts, D., Cuyckens, H. (eds). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- MEEUSSEN, A. E. Bantu grammatical reconstructions. *Africana Linguistica* III. 1967.
- MCHOMBO, S. A. A formal analysis of the stative construction in Bantu. *Journal of African Languages and Linguistics* 14 (1), 1993.
- NASCIMENTO, J. P. de. *Diccionario Portuguez-Kimbundu*. Huilla: Typographia da Missão, 1907.
- NEDJALKOV, V. P. Reciprocal constructions. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V, 2007.
- NEDJALKOV, V., Litvinov, V. The St Petersburg/Leningrad Typology Group. In: Shibatani, M., Bynon, T. *Approaches to Language Typology*. Oxford: Oxford University Press. 1999.
- PACCONIO, F., Couto, A. do. *Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé. Obra posthuma, composta pello Padre Francisco Pacconio da Companhia de Iesu. Redusida a methodo mais breve & accomodado á capacidade dos sogeitos, que se instruem pello Padre Antonio do Couto da mesma Companhia*. Lisboa: Domingos Lopes Rosa, 1642.
- PEDRO, J. D. *Étude grammaticale du kimbundu (Angola)*. Paris: Université Paris Descartes, 1993. [Tese apresentada ao U.F.R. de Linguistique Generale et Appliquee].
- PETTER, M, Araújo, P. P. *Linguística Africana: passado e presente*. In: Petter, M. (org.) *Introdução à Linguística Africana*. São Paulo: Contexto, 2015.
- RAPOPORT, T. *The English middle and agentivity*. Ms., Ben-Gurion University of the Negev. 1997.
- REGINALDO, L. *Os rosários dos angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp. 2005.
- ROBERT, R. *Guia de Conversação Portuguesa para uso dos libolos*. Calulo: Missionários da Missão Católica, 1923.
- ROSA, M. C. *Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: O quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- SCHADEBERG, T. C. Derivation. In: Derek Nurse and Gérard Philippson (editors), *The Bantu Languages*. London: Routledge, 2003.
- SHIBATANI, M. Voice. In: Booij, G., Lehmann, C., Mudgand, J., Skopeteas, S. (eds). *Morphology: An international handbook of inflection and word-formation*, vol. 2 (Handbooks of Linguistics and Communication Science 14). Berlin: de Gruyter, 2004.

SIEWIERSKA, A. Passive Constructions. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em <http://wals.info/chapter/107>. Acesso: 10/08/2018.

SLENES, R. "Malungu, ngoma vem!": África coberta e descoberta do Brasil". *Revista USP*, (12), 48-67. 1992.

SOUSA E OLIVEIRA, S. de. *Diccionario da lingua nbundu ou ngolense*. Loanda: Imprensa do Governo. 1864.

STAPPERS, L. Het passief-suffix -u- in de Bantoe-talen, *Al.* 2, 1967.

THORNTON, J. 2003. Cannibals, witches, and slave traders in the Atlantic World. *The William and Mary Quarterly*, 3rd Series, 60 (2): 273-294., 2003.

VAN DER WAL, J. A note on the (non-existing) passive in Matengo. *Linguistique et Langues Africaines* 1, 2015. pg. 81-98.

VAN DER WAL, J. *Bantu Syntax*. *Oxford Handbooks Online*, 2015. Disponível em <http://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199935345.001.0001/oxfordhb-9780199935345-e-50?rskey=gPfmFC&result=1>. Acesso: 27/03/2019.

VANSINA, J. Portuguese vs Kimbundu: Language Use in the Colony of Angola (1575-c. 1845). *Bulletin des Séances. de l' Academie des Sciences d'Outre-Mer* 47 (3). 267-281. 2001.

XAVIER, F. da S. *Fonologia segmental e supra-segmental do Quimbundo: variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange*. São Paulo: USP. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral.